



Universidade Federal do Pará
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS

Sâmela Aires dos Santos Portela

A leitura como instrumento de desenvolvimento do aluno leitor: uma proposta de atividades em uma turma de 8º ano em uma escola de Mosqueiro

Belém- Pará
2016

Sâmela Aires dos Santos Portela

A leitura como instrumento de desenvolvimento do aluno leitor: uma proposta de atividades em uma turma de 8º ano em uma escola de Mosqueiro

Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado Profissional em Letras – Profletras, como requisito parcial na obtenção de título de Mestre em Língua Portuguesa.
Orientadora: Professora Dr^a. Leila Said Assef Mendes

Belém-Pará
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA

Portela, Sâmelâ Aires dos Santos, 1987-

A leitura como instrumento de desenvolvimento do aluno leitor:

uma proposta de atividades em uma turma de 8º ano em uma escola em Mosqueiro / Sâmelâ Aires dos Santos Portela ; orientadora, Leila Said Assef Mendes. ---- 2016.

Xx f. : il. ; xx cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2016.

1. Leitura (Elementar) – Pará. 2. Interesses na leitura. 3. Estratégias de aprendizagem. I. Título.

CDD-22.ed.372.41

Ao meu marido, amado companheiro, João Jr. e ao meu
filho, amado, esperado e fonte de motivação, João Miguel.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Autor e Consumador da minha fé, por me fortalecer, renovar as minhas forças e me direcionar nos momentos de luta e cansaço.

Ao meu marido, João Júnior, que, certamente, foi um grande companheiro nessa jornada, com palavras de ânimo e carinho que muitas vezes me deram novo vigor nessa caminhada. Ao meu filho, João Miguel, inspiração para os meus dias, que ainda em meu ventre me trouxe uma nova razão para desejar o sucesso nesta empreitada.

A minha mãe, Irene, amiga fiel, que me foi, e sempre é, tão presente e carinhosa. Obrigada por tudo.

A minha irmã, Pâmela, que nos últimos momentos desta caminhada da dissertação se revelou também como uma mãe para mim... Obrigada, mana.

Ao meu pai, Joaquim, grande homem guerreiro, que me ensinou e me fez amar as letras desde a infância, minha admiração e carinho.

À professora Leila, pelas orientações e solicitude nesta empreitada de conhecimentos.

Às professoras Isabel Rodrigues e Marília Ferreira, pelas ricas contribuições na ocasião do Exame de Qualificação deste trabalho.

Aos professores do Profletras, por compartilharem seus conhecimentos conosco.

À coordenação do Mestrado Profissional em Letras (Profletras), professora Fátima Nascimento e professor Alcides Fernandes, pela atenção dispensada a nossa turma.

À secretária, Cláudia Carneiro, pela gentileza e solicitude tão características.

Aos colegas da turma PROFLETRAS 2014, pela troca de experiências, conhecimentos e construção de amizades. Às amigas, Glauce e Gleicy, pela parceria nos trabalhos das disciplinas. Em especial, à amiga Gercilene, sempre tão solícita e atenciosa no compartilhamento de conhecimentos.

“A leitura engrandece a alma.”

Voltaire

RESUMO

Este trabalho foi constituído a partir do pressuposto de que a leitura é um dos caminhos para que o aluno adquira conhecimentos e uma das ferramentas de construção do sujeito crítico, agente de suas próprias falas e capaz de interagir de forma eficiente com os demais interlocutores. Nele, discutimos a necessidade de a escola assumir o papel não apenas de formadora de leitores, mas também de espaço para o desenvolvimento do aluno leitor. À luz da concepção interacionista da linguagem, baseada, principalmente, em Bakhtin e Menegassi, discutimos essa necessidade e questionamos, a partir de uma sondagem prévia com uma turma de 8º ano de uma escola de Mosqueiro, o que pode ser feito para o aluno sinalizar um desenvolvimento e autonomia leitora? Para tentar responder ao questionamento que nos inquieta, tivemos como objetivo identificar, a partir do desenrolar das atividades, avanços no desenvolvimento leitor dos aprendizes para que esse pudesse se tornar um leitor proficiente e apto a se envolver nas mais diversas interações comunicativas. A partir da sinalização dada pelos alunos na atividade prévia verificamos que a turma possuía dificuldades desde o nível da compreensão até o nível da retenção na leitura. Com vistas a isso, propusemos o trabalho com atividades de leitura, com foco nos níveis da decodificação, da compreensão, da interpretação e da retenção, até chegarmos à culminância das atividades com o gênero reportagem turística. Do resultado, notamos indícios de avanços na leitura a partir da terceira atividade, quando introduzimos estratégias de leitura, como a produção de resumos, indicada por Solé (1998). Nas atividades subsequentes, verificamos que os alunos foram ampliando conhecimentos e melhorando o desempenho nas etapas do processo de leitura. Por fim, comprovamos, na maioria dos alunos, a apropriação das etapas de leitura quando os aluno-leitores realizaram as entrevistas e conseguiram, a partir delas, retextualizar para o gênero reportagem turística aplicando, inclusive, estratégias como as aprendidas no trabalho com o resumo, a exemplo da seleção de informações realizadas, além da demonstração de criticidade revelada durante o processo que culminou com a produção da revista de reportagem turística.

Palavras-chave: Leitura. Interação. Níveis de leitura. Estratégias de leitura. Reportagem turística.

ABSTRACT

This work was made from a supposing that the Reading is one of the paths which the student develop knowledge and it's one of the tools for a critical construction's human being, somebody who uses his/her speakings and able to interact in an efficient way with his/her surrounding people. In this context, we discuss about a school's need, it has to lead a role play not only in the reader's formation, but as well as a space to the development from the reader's student. From this language interracionalist's conception, mainly based in Bakhtin and Menegassi, we discuss this necessity and we ask, from a previously approach with a eighth year classroom from the elementary school from Mosqueiro, what can be done so that the student show a development and reading autonomy? Trying to answer this question which bother us, we had to identify an objective, from some activities perspective, some advances in the reader's development from the students, so that it could become an expert reader and able to evolve in the most several communicative intereactions. From this signal given by the students in this previous activity, we can verify that the classroom had some difficulties since their understanding's level until the reading retention's level. Through this, we proposed a work with reading's activities, focused in the decodification's levels, understanding, interpretation and retention, until to arrive at activities culminating with the Touristic reports'gender. From this result on, we noticed some advances in their reading from the third activity on, when we started reading's strategies, such as resumes'production, presented by Solé (1998). In the later activities, we verified that the students were increasing their knowledge and improving their development in the steps from this reading process. Finally, we testified, that the most of the students, an appropriation from reading steps, when the readers- students made some interviews and they got, from these interviews, retextualize to the Touristic reports'gender applying, indeed, some strategies such as those learned at resume's work, informations'selection made, besides their criticism's display revealed during this process, that it finished with a touristic reportmagazine's production.

Keywords: Reading. Intereaction. Reading's levels. Reading's strategies. Touristic Report.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| O PERCURSO INVESTIGATIVO | 14 |
| 1. LEITURA E SUAS PONTENCIALIDADES | 15 |
| 1.1 O olhar das avaliações nacionais | 15 |
| 1.2 Leitura, um instrumento avaliativo? | 19 |
| 1.3 Concepções de leitura | 21 |
| 1.4 Desafiando o conceito de leitura | 23 |
| 1.5 A leitura como instrumento de responsividade ativa | 25 |
| 1.6 Para além da formação leitora | 26 |
| 1.7 Níveis de leitura | 29 |
| 1.8 Estratégias de leitura | 34 |
| 1.9 Reportagem Turística: “Não somos uma ilha!” | 38 |
| 2. O PERCURSO PARA O DIAGNÓSTICO | 42 |
| 2.1 Enquadramento da pesquisa | 42 |
| 2.2 Contexto de pesquisa | 43 |
| 2.3 A turma | 45 |
| 2.4 Recursos da pesquisa | 45 |
| 2.5 Instrumentos de pesquisa | 45 |
| 2.6 Análise dos questionários | 46 |
| 2.6.1 Análise dos questionários dos alunos | 46 |
| 2.6.2 Análise dos questionários dos professores | 53 |
| 2.7 Análise das atividades de sondagem | 54 |
| 2.8 A proposta de intervenção | 61 |
| 2.9 Metodologia de análise do material coletado na proposta de intervenção | 68 |
| 3. APLICAÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES | 69 |
| 3.1 Aplicação e análise da proposta de intervenção | 69 |
| 3.1.1 Atividade inicial (primeiro e segundo encontro) | 69 |
| 3.1.2 Atividades intermediárias (terceiro ao sexto encontro) | 79 |
| 3.1.3 Atividade final (sétimo ao décimo primeiro encontro) | 92 |
| 3.2 Confrontando os dados | 95 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 97 |
| REFERÊNCIAS | 99 |
| APÊNDICES | 104 |
| ANEXOS | 139 |

INTRODUÇÃO

“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede”.
Carlos Drummond de Andrade

Uma das maiores necessidades humanas, tendo em vista a inevitabilidade da convivência social, é a interação. Nesse sentido, a escola ocupa uma posição bastante relevante, pois, como é sabido, o sujeito chega à escola com algumas capacidades comunicativas, no geral, já dominadas, como: falar, interagir com outras pessoas, compreender determinadas construções de textos, principalmente, provenientes da oralidade.

No entanto, é no meio escolar que o aluno tem a oportunidade de se apropriar da interação nas modalidades as quais eles não têm acesso fora da escola e que lhes proporcionam posições mais elevadas e consistentes no meio social dentro do qual ele precisa/precisará interagir, em especial, aquelas que lhe garantam a conquista da cidadania e a plena participação social. A escola precisa, portanto, pensar a leitura como um dos meios mais importantes para a promoção da cidadania e domínio da competência comunicativa, ou seja, o aluno, pretendo leitor maduro, precisa ter meios que lhe deem condições de se posicionar na interação social, como interlocutor ativo nos mais variados contextos comunicativos.

Diante disso, permaneceu-nos um questionamento: O que pode ser feito para o aluno sinalizar seu desenvolvimento e autonomia leitora? A partir dessa questão, temos como objetivo geral nesta pesquisa: identificar avanços no desenvolvimento leitor dos alunos, por meio de atividades baseadas nas estratégias de leitura e níveis de leitura. E como objetivos específicos, propomos-nos a: promover a interação entre o aluno (leitor) e o texto/autor; instrumentalizar o aluno quanto às estratégias de leitura das quais pode fazer uso, segundo sua necessidade; discutir e analisar textos para o desenvolvimento dos níveis de leitura da turma; e identificar indícios da autonomia leitora no aluno a partir das propostas de atividade oferecidas em classe. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a partir do trabalho realizado pela escola há a expectativa de que o aluno tenha condições de ampliar seu domínio ativo do discurso nas diversas possibilidades de interação social, principalmente nas instâncias públicas de uso da linguagem tanto no que concerne à leitura quanto à escrita, pois dessa forma o aluno terá efetivamente participação social, exercendo, assim, seu direito à cidadania.

Sobre essa importância da leitura na vida do sujeito leitor, temos em Britto (2006) que ler é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, baseados em suas experiências e conhecimentos e valores precedentes, processam conhecimentos codificados em textos escritos. No entanto, como pensar um sujeito que se posicione politicamente se a escola não lhe oferece suporte, não lhe ensina caminhos e não lhe possibilita abertura para “treinar” suas interferências, suas falas na sala de aula como espaço de interação.

Um dos primeiros empecilhos, conforme as impressões construídas em nossa experiência docente, é a prática de leitura, geralmente, não muito eficiente, adotada pela escola: para essa, ler, no geral, é decodificar e atribuir alguns sentidos, elementos esses que, normalmente, não ultrapassam a superfície do texto. Essa prática de leitura não se revela como fato isolado, mas como uma perspectiva recorrente em diversas escolas brasileiras. Sobre essa questão, Solé (1998) discute o entendimento distorcido do que de fato seja leitura no âmbito escolar; para a autora, o problema reside mais especificamente na conceituação do que seja leitura, da forma que é avaliada pelos professores, do papel que ocupa no currículo escolar, dos meios que arbitram para favorecê-la e da metodologia adotada para ensiná-la.

Outra questão a ser destacada é a premissa sustentada historicamente pelas instituições de ensino de que o aluno não gosta de ler. Mas se pensarmos o quanto as crianças, no geral, no início de sua vida escolar, possuem um encantamento pela contação de histórias e o quanto mostram-se envolvidas quando estão se apropriando do processo de decodificação: leem placas, capas de livros e revistas, mensagens escritas em propagandas televisivas, etc., é contraditório acreditar que não gostam de ler. Por isso, indagamos: o que desmotiva o desejo pela leitura dos alunos com o passar dos anos? Não seria desmotivadora a realização de leituras que não ultrapassam a superfície do texto, no ensino fundamental maior, tal qual nos anos anteriores?

Visivelmente, em algum momento do aprendizado escolar esse “encantamento” pela leitura é quebrado, é perdido, talvez pela maneira que a leitura é abordada, normalmente, como instrumento avaliativo, ou seja, como meio de avaliar a fluência leitora dos jovens, ou como meio de verificar a compreensão da superfície textual, talvez essas sejam algumas justificativas da repulsa que muitos estudantes têm pela leitura trabalhada pela escola.

Outro fator que nega o não gosto pela leitura é a força das mídias sociais, na qual, majoritariamente, os sujeitos¹ precisam ler para interagir com os demais sujeitos, e assim

¹ Julgamos importante referir o aluno-leitor como um sujeito-leitor em potencial, pois, segundo Geraldi (1997), o sujeito é constituído como tal por meio da interação com outros sujeitos e a consciência do sujeito e seu conhecimento de mundo resultam como um “produto” deste processo.

permanecem os jovens horas a fio em contato com as mídias sociais. A questão, portanto, não se restringe a asseverar a rejeição pela leitura, mas carece da atenta observação de que os jovens leem bastante, porém leem o que gostam, o que lhes atrai, o que lhes “prende a atenção”.

A escola ainda não consegue, considerando de forma ampla, “prender a atenção do aluno” ao prazer da leitura de livros, dos textos mais próximos da sua realidade aos cânones. Porém, enquanto profissionais de língua materna, devemos assumir uma postura que garanta a aproximação do aluno com a leitura, mostrando-a como modo de lazer e de prazer, de obtenção de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação. (SOARES, 2000)

Essa reflexão fez-me lembrar algumas buscas que fiz, e ainda faço, em minha trajetória profissional. Desde a minha formação em 2009, pela Universidade Federal do Pará, sempre guardava uma angústia: como poderia proceder possibilitar ao meu aluno o domínio de uma leitura crítica e em constante amadurecimento? Essa questão perseguiu-me durante anos. Com a intenção de promover mudanças e com o sentimento de responsabilidade para com meus alunos, inclusive considerando minha própria experiência como aluna da rede pública de ensino (entremeada por lacunas na aprendizagem), tinha a intenção de mediar e propiciar aos meus alunos o máximo de conhecimento que fosse possível.

No entanto, hoje, visualizo que eu, poucas vezes, conseguia fugir do padrão que me fora ensinado quando estudante do ensino fundamental, médio e até no ensino superior, do qual eu tanto discordava, contudo era o que eu tinha para oferecer. O fato de não conhecer outra abordagem de ensino e aprendizagem mais reflexiva, mais interativa, não foi suficiente para que eu me acomodasse, ao contrário, serviu-me como mola propulsora em busca do conhecimento que me faltava.

O reducionismo ao ensino de regras gramaticais e uso de textos como pretexto para ensinar gramática incomodava-me fortemente. Ainda que eu tentasse trabalhar sempre a partir de textos, no final, o maior “objetivo” dele era ensinar regras. Eu percebia que poucos alunos, do 6º ao 9º ano, se apropriavam das “regrinhas” ensinadas e isso deixava-me apreensiva e inconformada. Quando trabalhava leitura, no sentido de decodificar, compreender textos, os alunos revelavam uma aprendizagem bastante significativa, mas eu tinha certeza que isso ainda não era o suficiente.

Levada pelo inconformismo, após cinco anos fora da academia e inserida no mercado de trabalho, já vinculada a uma prefeitura por meio de concurso público (2012), retornei, no ano de 2014, a uma faculdade particular, para especialização, no curso de Língua Portuguesa: leitura e produção de textos, o qual me possibilitou conhecimentos teóricos importantes para a

prática de sala de aula, inclusive no ensino de leitura. Ainda na especialização, tomei conhecimento do curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e decidi tentar o ingresso no curso na Universidade Federal do Pará. Após processo seletivo, tive acesso ao curso.

A experiência acadêmica vivenciada no PROFLETRAS proporcionou-me reflexões, análises e posicionamentos frente a uma gama de discussões pertencentes ao contexto de sala de aula, dentre outros, referente ao trabalho com os gêneros do discurso, com uma perspectiva de ensino interacionista-discursiva da leitura.

A decisão pela abordagem da leitura, com base no interacionismo discursivo, deu-se em virtude de grandes dissabores pelos quais passei em sala de aula ao perceber que parte de meus alunos não avançavam na leitura, alguns por já chegarem ao fundamental maior com dificuldades (ainda nos níveis de decodificação), outros por não passarem pelo processo de desenvolvimento leitor, o que justificava o fato de não conseguirem produzir textos razoavelmente bons e, ainda, por não conseguirem se apropriar e lançar mão, por desconhecerem, dos mecanismos, das estratégias de leitura.

As dificuldades relatadas, dentre outras, ficaram bastante evidentes na escola, na qual tomei posse do cargo, por meio de concurso público, em janeiro de 2012. Trata-se de um estabelecimento de ensino localizado na Ilha do Mosqueiro, mais especificamente na Baía do Sol. Interessante notar que, apesar de a comunidade ficar localizada a uma distância de cerca de 70 km de Belém, há algumas peculiaridades referentes à realidade vivenciada pelos estudantes da localidade no que diz respeito ao estilo de vida, como: o trabalho com a pesca; a distância considerável das residências de alguns alunos da escola; a moeda de circulação local própria da comunidade, entre outras questões.

Essa riqueza cultural da Baía do Sol, levou-me a escolher a construção do trabalho a partir do gênero Reportagem Turística, no qual os alunos terão contato com textos de reportagem turística da localidade onde vivem e de Belém, para, por fim, produzirem a revista de reportagem turística da Baía do Sol.

O desenvolvimento do trabalho se dará por meio de onze encontros, nos quais realizaremos atividades relativas, como há pouco dito, ao gênero Reportagem Turística e dentro dele o trabalho com os níveis de leitura e estratégias de leitura. O público-alvo desta pesquisa são alunos de 8º ano de uma escola municipal de Mosqueiro.

A escolha pelo desenvolvimento das atividades sobre níveis de leitura deu-se pela observação da necessidade que os alunos da turma pesquisada apresentaram de serem desenvolvidos enquanto leitores e dominarem a habilidade de se posicionar e responder

criticamente ao que lhes é apresentado ou sobre a habilidade de inferir e interagir com o meio social.

O PERCURSO INVESTIGATIVO

Esta dissertação de Mestrado é composta por três seções e uma conclusão, além desta introdução.

Na seção 1, **Leitura e suas potencialidades**, refletimos a respeito dos conceitos teóricos sobre leitura e o que dizem, resumidamente, os documentos oficiais sobre leitura e as avaliações nacionais quanto à habilidade leitora dos alunos brasileiros. Além disso, destacaremos a perspectiva sobre a qual a leitura é comumente submetida nas escolas do nosso país. Discutimos também os conceitos de leitura referidos pelas literaturas com base linguística, tal qual o conceito de interação verbal e responsividade, sob os pressupostos bakhtinianos, sobre a qual nossa pesquisa se apoia. Adiante, apresentamos as estratégias de leitura e a opção que fizemos por algumas delas neste trabalho, tal qual os níveis de leitura (decodificação, compreensão, interpretação e retenção). E, ao final da seção, apresentamos, ainda, o gênero reportagem turística e suas especificidades.

Na seção 2, **O percurso para o diagnóstico**, apresentamos o tipo de pesquisa a que nos propusemos realizar. Em seguida, destacamos o contexto da pesquisa, os recursos e instrumentos dos quais fizemos uso na pesquisa, análise dos questionários, dos alunos e dos professores, análise da atividade de sondagem a qual os alunos foram submetidos e a apresentação da proposta de intervenção

Na seção 3, **Aplicação e análise das atividades**, apresentamos a aplicação e análise das atividades realizadas com a turma de 8º ano, à luz das teorias que fundamentam esta pesquisa. Inicialmente, expomos a análise da proposta de intervenção; e encerramos com o confronto dos dados iniciais com os dados posteriores, a fim de percebermos se houve ou não avanços nos níveis de leitura da turma no decorrer da aplicação das atividades.

Por fim, na conclusão, apresentamos uma síntese das análises feitas e os objetivos, refletindo sobre a leitura como instrumento de desenvolvimento do aluno leitor.

1

LEITURA E SUAS POTENCIALIDADES

Leitura, antes de mais nada é estímulo, é exemplo.
Ruth Rocha

Neste capítulo inicial, discutimos os aspectos teóricos referentes à leitura, à luz da Linguística Aplicada, com base nos pressupostos do interacionismo-discursivo, a partir de Bakhtin, Cabral, Menegassi e Solé. Dessa forma, versamos sobre a interação na leitura, refletimos a respeito dos conceitos teóricos sobre leitura e sobre o que dizem, de forma geral, os documentos oficiais sobre leitura e as avaliações nacionais quanto à habilidade leitora dos alunos brasileiros. Destacamos, ainda, a perspectiva sobre a qual a leitura é comumente submetida nas escolas do país. Discutimos também os conceitos de leitura referidos pelas literaturas com base linguística, tal qual o conceito de interação verbal e responsividade ativa.

Apresentaremos, adiante, as estratégias de leitura e a opção que fizemos por algumas delas neste trabalho. Além disso, trataremos dos níveis de leitura (decodificação, compreensão, interpretação e retenção). E, ao final do capítulo, destacaremos, ainda, o gênero reportagem turística e suas especificidades.

1.1 O olhar das avaliações nacionais

O desenvolvimento da competência leitora é um desafio. No Brasil, verificamos por meio de dados divulgados nos exames nacionais, a grande dificuldade no ensino e na aprendizagem da leitura na escola. Conforme pesquisa promovida pelo Governo Federal por meio do IOEB (Índice de Oportunidade da Educação Brasileira), elaborado no período de 2009 a 2014, que engloba da educação básica do infantil ao ensino médio, o estado do Pará ocupa o último lugar no ranking, sendo Belém a capital brasileira com a menor nota no índice: 3.5.

Essa pesquisa leva em consideração o suporte dado para os alunos em termos de material didático, de estrutura física, de formação de professores, entre outras. Levantamos essa questão, inicialmente, por acreditarmos que não há como pensar uma escola sem a mínima estrutura para promover uma acomodação digna para alunado, professores e demais membros da comunidade escolar. Certamente, um ambiente adequado, limpo e estruturado, colabora para a aprendizagem e para o desenvolvimento do leitor.

Especificamente sobre a capacidade leitora dos estudantes, das séries iniciais ao término da educação básica, quicá até no ensino superior, temos observado as grandes dificuldades que

os estudantes apresentam em relação à leitura de textos, às quais são facilmente comprovadas pelas avaliações de leitura, sejam locais, nacionais ou mesmo internacionais.

Apesar de o foco deste trabalho ser o ensino fundamental maior, observaremos alguns dados desde a alfabetização, com o objetivo de discutir brevemente as dificuldades que os estudantes com dificuldade leitora têm de ter suas habilidades de leitura ampliadas e se desenvolverem como sujeitos leitores antes de passarem ao ensino fundamental maior. Levantamos essa discussão pelo fato de, ao trabalharmos com os alunos de 6º ano advindos do fundamental menor, notarmos as dificuldades e lacunas na aprendizagem dos sujeitos, parte deles, ainda não dominantes, mesmo que basicamente, da modalidade escrita e pouquíssimo experientes no que concerne à leitura.

Essas lacunas no conhecimento podem ser confirmadas quando analisamos dados como da Avaliação Nacional de Alfabetização² (ANA): o resultado dessa avaliação revela que uma em cada cinco crianças não sabe ler frases, ou seja, no Brasil, um em cada cinco alunos do 3º ano não está alfabetizado (INEP, 2015). Os dados são preocupantes e mostram a fragilidade de um ponto fundamental da educação, a primeira base: a alfabetização.

Além disso, destacamos esses dados ao constatarmos, na vivência de sala de aula, que grande parte das crianças não têm o domínio necessário de habilidades e competências próprias da alfabetização para avançar para o ensino fundamental maior, mas, ainda assim, são “empurradas” para “progredir” no ensino, arrastando consigo suas dificuldades e frustrações para as séries subsequentes.

Ao analisarmos as séries posteriores, destacamos também dados como do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), o qual também aponta a dificuldade leitora dos alunos. Nessa pesquisa são avaliados alunos a partir do 7º ano do Ensino Fundamental e é verificado o desempenho de alunos a partir de 15 anos. Desses alunos, com distorção idade-série, são avaliadas três áreas do conhecimento: leitura, matemática e ciências, sendo que a cada ano é enfatizada uma dessas áreas do conhecimento, com maior número de questões na área realçada.

No último ano em que foi dada ênfase à leitura (2009) os resultados mostravam que quase 60% dos alunos apresentavam baixa proficiência em leitura, muitos nem haviam comparecido à prova. “Ou seja, seis em cada dez jovens de 15 anos ou não reúne condições

² Essa avaliação do MEC verifica o conhecimento dos estudantes em diferentes níveis de três áreas: leitura, escrita e matemática. A divulgação dos resultados é feita de acordo com o número de crianças em cada um desses níveis.

para fazer a prova ou não são capazes de compreender textos relativamente simples. (NOVA ESCOLA, 2011, p.12).

Em 2012, ano da última edição divulgada, o resultado foi ainda menos animador. “De acordo com dados do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), o país somou 410 pontos em leitura, dois a menos do que a sua pontuação na última avaliação e 86 pontos abaixo da média dos países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico).”³ Essas dificuldades revelam que

Quase metade (49,2%) dos alunos brasileiros não alcança o nível 2 de desempenho na avaliação que tem o nível 6 como teto. Isso significa que eles não são capazes de deduzir informações do texto, de estabelecer relações entre diferentes partes do texto e não conseguem compreender nuances da linguagem. (Educação UOL, 2013)

Outro dado apontado pelas avaliações de proficiência em leitura dos alunos é apontado na Prova Brasil, aplicada anualmente a alunos do 5º e 9º anos do ensino fundamental. A prova de Língua Portuguesa é elaborada com base na orientação de quinze descritores, divididos em seis tópicos. A avaliação exige que os alunos consigam relacionar-se com diferentes textos, e consiga, além de compreender, realizar a interpretação dos diferentes significados que os textos veiculam.

Espera-se, portanto, do aluno leitor uma compreensão ativa da leitura. Aguarda-se, assim, uma postura autônoma do leitor com relação ao texto, pois, segundo as Diretrizes Curriculares do exame “o leitor competente é capaz de compreender textos orais e escritos, de posicionar-se criticamente diante do que lê e ouve, de ler produzindo sentidos, entendendo o propósito comunicativo do produtor do texto, formulando hipóteses de leitura.” (BRASIL, 2009, p. 13)

Fato é que os professores precisam buscar a teoria [quebrar a rigidez, o preconceito e o aparente medo⁴ dela], apesar de sabermos que há outros implicadores como as deficiências na formação superior (e também na formação continuada) dos professores. Ressaltamos que a teoria deve embasar a prática do profissional por trazer ao conhecimento do educador as diversas possibilidades de ensino.

³ UOL Educação. *Pisa: desempenho do Brasil piora em leitura e “empaca” em ciências*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/12/03/pisa-desempenho-do-brasil-piora-em-leitura-e-empaca-em-ciencias.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

⁴ Destacamos o aparente medo, pois em nossas observações empíricas percebemos que há uma resistência à aprendizagem do novo, como se fosse de tão grande dificuldade que o profissional preferisse não se arriscar por novas reflexões, as quais, certamente, refletiriam diretamente em seu trabalho em sala e o impulsionaria à mudança de prática.

Portanto, por sabermos que a responsabilidade da formação educacional e cidadã pesa sobre os ombros da escola e que os resultados quase sempre revelam que a educação brasileira tem falhado em seu ensino, precisamos pensar em um ensino comprometido com a formação e desenvolvimento do aluno. Para tanto, é necessário que haja também um comprometimento real com o ensinar. Entretanto, como responsabilizar apenas o professor pelo baixo desempenho dos alunos na educação básica, se há um contexto extremamente adverso com o qual o professor precisa lidar:

Múltiplos fatores convergem para isso: as políticas educacionais postas em ação, o financiamento da educação básica, aspectos da cultura nacional, regional e local, hábitos estruturados, a naturalização em nossa sociedade da situação crítica das aprendizagens efetivas de amplas camadas populares, as formas de estrutura e gestão das escolas, formação dos gestores, as condições sociais e de escolarização de pais e mães de alunos das camadas populacionais menos favorecidas (os “sem voz”) e, também, a condição do professorado: sua formação inicial e continuada, os planos de carreira e salário dos docentes da educação básica, as condições de trabalho nas escolas. (GATTI, 2010, p. 1359)

A respeito especificamente da formação continuada do professorado, julgamos necessário destacar a forma como as secretarias de educação, geralmente, direcionam as formações continuadas dedicadas aos seus profissionais na aparente tentativa de dar conta das dificuldades com as quais os professores se deparam em sala. A partir da experiência vivenciada nas formações continuadas da secretaria em que trabalhamos, ouvimos reclamações dos educadores quanto aos encaminhamentos dados nas formações, pois, de forma geral, são trabalhadas sequências didáticas, baseadas em um gênero X, sobre o qual na reunião (formação) subsequente nem mesmo se fala mais. Ou seja, a desconexão ou visível falta de planejamento das formações continuadas são notadas e criticadas pelos profissionais e, portanto, tornavam-se inviáveis em sala de aula, já que após o dia de formação ninguém mais tratará do que fora falado como possibilidade de troca de informações e conhecimentos.

A partir dessa premissa, discutiremos, na subseção seguinte, a respeito dos encaminhamentos dados quanto ao ensino de leitura em sala: ainda predomina o ensino de leitura como instrumento de avaliação? Afinal, que tipo de instrumento tem sido a leitura nas salas de aula?

1.2 Leitura, um instrumento avaliativo?

A construção da imagem do professor vem sofrendo, ao longo dos anos, uma drástica mudança: o mestre, antes, era aquele que, ainda que não pertencesse à classe dominante, possuía algo valorizado e digno de admiração: o conhecimento. Ele fazia parte da chamada “elite cultural”.

Antigamente, os professores eram da “elite” cultural e os alunos da “elite” social; os alunos aprendiam, apesar das evidentes falhas didáticas; aprendiam muito com professores altamente capazes por vocação e, sobretudo, pelas condições favoráveis: saúde, alimentação, farta possibilidade de leitura. (GERALDI, 1997, p. 116)

O contexto era diferente: professores com um número muito menor do que a realidade atual de alunos em classe; além do fato de serem vistos socialmente com mais respeito. Quanto aos alunos, predominantemente, os que frequentavam a sala de aula eram estudantes da “elite”. Foi a partir dos anos 70, no entanto, que a educação passou por um processo de “democratização” do ensino, e trouxe aos bancos escolares crianças e jovens, que antes eram marginalizados, agora, mesmo que teoricamente, à luz do conhecimento. (GERALDI, 1997)

Teoricamente, porque ainda que as crianças de classe inferiorizadas socialmente estivessem (estejam?) nas salas de aula, o conteúdo ensinado era (ou ainda é?) totalmente elitista. Ou seja, aquele a quem era oferecida a “oportunidade” de estudar, não eram dadas condições para plena construção, apropriação do conhecimento, o que parece-nos algo ainda muito recorrente na escola brasileira.

Em meio ao aparente atendimento das classes menos favorecidas pela educação e todo o contexto histórico dessa, questionamos: afinal qual a perspectiva de leitura adotada pela escola hoje? Observamos que o ambiente escolar, no geral, objetiva preparar o aluno para as diversas avaliações, muitas delas com foco em leitura, pelas quais os alunos precisam passar. Não há como negar essa necessidade, já que vivemos em um país que, dentre outras situações, para se ter acesso ao ensino superior precisamos passar por uma avaliação⁵

É comum professores alegarem que “ensinam” determinadas noções porque elas serão exigidas pelas séries seguintes, pelo Vestibulinho, pelo vestibular. Não se dão conta de que essa exigência acaba se fechando no interior da própria estrutura do sistema escolar. (GERALDI, 1997, p. 91)

⁵ Luckesi (2005) estabelece uma diferença entre avaliação e verificação, na avaliação o professor se utiliza do objeto e decide o que fazer ante ou com ele; enquanto a verificação “congela” o objeto. Portanto, o que observamos nas avaliações nacionais é a verificação do grau de aprendizagem.

A questão não é julgar essa abordagem como um erro. Ao contrário, ela responde a uma necessidade: a de adentrar ao nível superior. Mas a escola não deve se deter exclusivamente em preparar os alunos para esses “momentos avaliativos”, como: Provinha Brasil, Prova Brasil, ENEM, etc. Na realidade, a escola precisa preparar esse aluno para que essas avaliações tenham como principal consequência o desenvolvimento do leitor

Propomos que a avaliação do aproveitamento escolar seja praticada como uma atribuição de qualidade aos resultados da aprendizagem dos educandos, tendo por base seus aspectos essenciais e, como objetivo final, uma tomada de decisão que direcione o aprendizado e, conseqüentemente, o desenvolvimento do educando. (LUCKESI, 2005, p. 95)

Se o objetivo é formar “cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola (...)”. (PCN, 1998, p. 15). No entanto, a escola precisa ter a sensibilidade de perceber um outro aspecto que influencia na proficiência dos alunos enquanto leitores: as referências de leitores que os estudantes trazem consigo, de sua vivência. Em muitos casos, os aprendizes não possuem nenhum paradigma de leitor dentro da própria família, ou seja, não há o incentivo necessário por parte da família e, quando isso ocorre, [grande parte dos casos, especialmente em comunidades mais carentes], o trabalho da escola com a formação e desenvolvimento de leitores deverá ser ainda mais intenso.

A escola precisa, portanto, posicionar-se quanto à perspectiva de leitura adotada, notando, por exemplo, o que de fato levará seus alunos ao desenvolvimento leitor. Seja qual for a concepção de leitura adotada, essa postura política será refletida na aprendizagem dos estudantes.

O ensino de leitura precisa não apenas gerar resultados melhores, como aprovações em avaliações, as quais os alunos sejam submetidos, mas principalmente precisam tornar esse sujeito aprendiz um cidadão capaz de circular em diversas situações comunicativas [dentro e fora da sala de aula] com fluidez, independência e segurança para expressar-se, com liberdade. E, certamente, o sujeito mais próximo ao aprendiz que pode ajudá-lo nessa caminhada é o professor.

Em continuidade ao tratado, discorreremos, a seguir, a respeito das diversas concepções de leitura que atravessam o ensino de leitura no decorrer dos anos.

1.3 Concepções de leitura

Diversas teorias de leitura vêm permeando as escolas brasileiras ao longo dos tempos. Essas teorias se desenvolveram dentro da Linguística e alteraram o cenário do ensino no país. O ensino foi das unidades isoladas da linguagem (letras, fonemas, palavras, frases e texto) ao, hoje, texto como objeto de estudo.

Por seu caráter dinâmico e por atender aos objetivos e necessidades de seus usuários, a língua sofreu uma série de alterações ao longo dos anos. Por isso, a escola deve perceber as diversas concepções de leitura existentes e decidir com consciência por qual optará no ensino, pois essa escolha refletirá diretamente na aprendizagem dos estudantes.

Bakhtin (2003) apresenta as diferentes concepções de linguagem, as quais foram destacadas, aqui no Brasil, por Geraldi (1984) como sendo: Linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma de interação. Relacionadas diretamente a elas estão as diferentes concepções de leitura, sob as perspectivas: do autor; do texto; do leitor; e, por fim, da interação autor-texto-leitor.

Os pressupostos teóricos que amparam cada uma dessas diferentes perspectivas de leitura envolvem uma visão diferente do que consiste o ato de ler e orientam e/ou justificam determinadas propostas didáticas em torno da compreensão da leitura, e da formação e do desenvolvimento do leitor na escola brasileira. (MENEGASSI e ANGELO, 2005, p. 18)

A concepção de leitura adotada neste trabalho baseia-se na perspectiva da concepção interacionista-discursiva, na qual a leitura é tomada a partir da interação autor-texto-leitor. Sob essa perspectiva, há uma preocupação em considerar as práticas sociais, os conhecimentos de mundo e ainda os conhecimentos linguísticos, pois, segundo Rojo (2002), a leitura precisa perpassar por um processo não apenas de decodificação, mas de compreensão.

As atividades de leitura devem ainda estender o aprendizado de leitura do aluno até o foco interpretativo para a “interação autor-texto-leitor” (KOCH e ELIAS, 2010, p. 12), no qual, por meio da mediação do texto – tido como lugar da interação –, autor e leitor interagem, dialogam. Sobre o texto Koch e Elias (2010, p. 12) afirmam que “O lugar mesmo da interação [...] é o texto cujo sentido não está lá, mas é construído considerando-se, para tanto as sinalizações textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor.” Sobre o leitor em interação com o autor e com o texto, Bakhtin (2003) declara que o leitor “ocupa simultaneamente uma posição ativa e responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente) completa-o, aplica-o, prepara para usá-lo, etc. [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Neste trabalho, portanto, assumimos a perspectiva interacionista-discursiva por acreditarmos que, por meio da interação autor-texto-leitor, o aluno alcançará uma melhor desenvoltura em suas práticas interacionais e sentir-se-á mais seguro tanto em relação à leitura quanto nas demais práticas sociais de linguagem.

Obviamente, há uma complexidade que envolve a atividade de leitura, por requerer múltiplos processos cognitivos no momento em que o leitor constrói o sentido do texto, como ressalta Kleiman (2004), já que ela “não se dá linearmente, de maneira cumulativa, em que a soma do significado das palavras constituiria o significado do texto” (TERZI, 2002, p. 15). Contudo, para o aprendizado dessa construção complexa, a escola tem fundamental importância, pois o professor exerce o papel de mediador entre o aluno, com seu conhecimento empírico, e o texto, aquele que traz uma carga semântica que pode, e, possivelmente, será influenciada pelos conhecimentos prévios do aluno leitor.

Quanto à apropriação da leitura, Cabral (1986) a considera como um processo e sustenta que ele ocorre em quatro etapas: decodificação, compreensão, interpretação e retenção. Observamos, porém que, no geral, a escola chega até a segunda etapa do processo de leitura, ou seja, vai da decodificação à compreensão; o que inviabiliza o desenvolvimento pleno do sujeito-leitor, isto é, o aprendiz permanece na mesma etapa ao longo de anos e, algumas vezes, finaliza toda a educação básica sem se desenvolver na leitura.

Para que ocorra esse desenvolvimento leitor, a escola precisa considerar o que postulam Bakhtin/Volochinov (2002), para os quais a língua possui caráter social, nasce no social e possui natureza dialógica, ou seja, no contexto escolar, não há como conceber o ensino de língua, tampouco, de leitura, sem considerarmos a natureza, o contexto social no qual o aprendiz está inserido e sua necessidade de interagir com o outro, e, assim, desenvolver-se como sujeito agente no processo de interação.

Contudo, notamos que há um paradoxo no contexto escolar, de forma ampla, sobre o tratamento dado à leitura: Geraldi (1996) indica que, dentro do contexto no qual se dá a leitura no processo escolar, há uma monologia – própria das classes dominantes – que restringe, dificulta a aprendizagem do aluno leitor. Ou seja, a imposição proposta pela classe dominante limita, torna um problema a construção do conhecimento por parte do aluno, pois desconsidera-se a figura do aprendiz e o conhecimento prévio do qual ele é detentor, em detrimento de uma pretensa aprendizagem voltada para uma minoria e que pouco coopera na construção de conhecimentos por parte dos alunos.

Consequentemente, os aprendizes recusam-se a ler o que a escola deseja que leiam, pois sabem que a única finalidade da leitura escolar, geralmente, é a avaliação. (GERALDI, 1988).

Assim, a escola ainda não cumpre seu papel de apontar ao aluno as três dimensões da leitura: “o dever de ler, a necessidade de ler e o prazer de ler.” (BRASIL, 1998, p. 51). E isso acarreta, no geral, o não desenvolvimento do leitor. Dessa forma, sob uma visão reducionista, o aprendiz já “sabe” para que serve um texto: mostrar uma ideia, por assim o ser, o leitor não pode interagir com ele, já que encontra-se pronto e sob a égide de um autor/texto que “disse tudo”.

A seguir, destacaremos alguns importantes conceitos de leitura que devem ser de conhecimento da escola para, a partir disso, selecionar aquele que deve ser adotado no ensino aprendizagem.

1.4 Desafiando o conceito de leitura

A palavra leitura é um vocábulo extremamente polissêmico, de acordo com Britto (2012), etimologicamente tem a mesma origem de *escolha* e *eleição* (leg-; lec-; leit-). Apresenta também diversas possibilidades de uso da palavra nas expressões: leitura da luz, leitura da água, leitura do gás, leitura ótica, leitura da mão (quiromancia), leitura do jogo, leitura esotérica, leitura do mundo, leitura da imagem, leitura do filme.

Algumas dessas leituras são realizadas pelas crianças antes mesmo que cheguem à escola, considerando a explosão das tecnologias. Podemos exemplificar com a leitura de jogos eletrônicos, que se coaduna com o que repetia Freire (1988): a leitura do mundo se antepõe à leitura da palavra. Ou seja, antes mesmo que o aluno adentre o ambiente escolar ele já possui algumas leituras, que não a da palavra, do texto escrito.

Conforme os pressupostos bakhtinianos, a palavra é um produto ideológico vivo, que funciona em qualquer situação social e acumula as entoações dos diálogos dos interlocutores com os valores sociais, “concentrando em seu bojo as lentas modificações ocorridas na base da sociedade e, ao mesmo tempo, pressionando uma mudança nas estruturas sociais estabelecidas.” (BAKHTIN, 1929, *apud* BRAIT, 2014, p. 178).

Para Goodman (1998, p. 12), a leitura é “um processo psicolinguístico que começa com uma representação linguística codificada pelo escritor e termina com o significado construído pelo leitor”, ou seja, aliado ao pensamento de Bakhtin/Volochinov (2002), quando o autor escreve a palavra procede do autor, mas dirige-se a alguém, a um auditório social.

O auditório social diz respeito aos interlocutores virtuais que o locutor estabelece a partir de suas “deduções, suas motivações interiores, suas apreciações e etc.”

(BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p. 113). A leitura precisa ser tomada, portanto, como um processo de interação verbal.

A interação verbal dá-se por meio da enunciação, sendo aquela constituída como a “realidade fundamental da língua.” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p.123) E nessa interação, faz-se uso da palavra, que é uma ponte, na qual, em uma extremidade se apoia o locutor e na outra o interlocutor. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002). A palavra é, ainda, um território comum de dois indivíduos socialmente organizados, os quais interagem e interferem diretamente sobre o ato comunicativo.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho busca encaminhar os alunos ao acesso a essa “ponte”, a palavra, por meio da interação verbal, pois acreditamos que a partir dessa postura os aprendizes terão condições mais privilegiadas de interação não apenas dentro da escola em que estudam, mas também em outros meios sociais e em outras situações comunicativas às quais sejam submetidos.

Na interação, impreterivelmente, faz-se uso de uma língua, e nesse contexto deter-nos-emos no ponto de interesse deste trabalho: a leitura. Ler não é um ato solitário, pois não se dá no individualismo, mas no social, pois nasce no social. Segundo Soares,

Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros. (SOARES, 2000, p. 18)

A leitura, tal qual os demais atos comunicativos, pressupõe a interação entre os sujeitos. Daí a necessidade de a escola proporcionar aos alunos o acesso a esse espaço no qual o aluno possa falar, interagir com o texto/autor, possa arriscar-se a cometer equívocos, a acertar, possa analisar a fala do outro (o texto, colegas de classe, professor e todos os demais sujeitos envolvidos na interação), reconhecer no texto algum sentido ou refutá-la (no geral, dentro dos limites sociais que se impõem) e construir novos esquemas dentro de limites sociais novos.

Deve-se ter no cerne da discussão sobre a leitura, portanto, a importância de envolver-se, de interagir, de posicionar-se em relação ao assunto discutido, desenvolvendo, assim, a responsividade ativa, conforme trataremos na próxima subseção.

1.5 A leitura como instrumento de responsividade ativa

No momento em que o locutor (enunciador) se constrói – enquanto falante e por deter o turno de fala no momento da enunciação –, o interlocutor, o ouvinte momentâneo, em posição ativa, por sua vez, também se constrói, pois o ouvinte, ao notar e compreender o significado linguístico do discurso, posiciona-se, em relação a ele em posição ativa responsiva: concorda ou discorda; decide aplicá-lo; completa-o; refuta-o, etc. Fato é que todo enunciado comunicativo é de natureza ativamente responsiva (em diferentes graus de ativismo), e, em determinado momento, torna o ouvinte um falante. (BAKHTIN, 2003)

Na leitura, a responsividade ativa decorre da relação entre o autor, por meio do texto, e o leitor. Porém, há uma grande falha no ensino quando se ensina que o aluno deve ler apenas para responder a algumas perguntas amarradas por uma atividade ou questionário propostos, sem ao menos preparar, minimamente, o aprendiz para o contato com o texto, por meio de algumas estratégias de leitura, por exemplo, e, assim, delega-se ao aluno apenas o papel de receptor do discurso.

Mas qual a implicatura dessa opção de ensino e aprendizagem? Uma delas é o fato de o aluno não aprender a expressar seu ponto de vista com relação a uma dada discussão e, quando isso não lhe é ensinado ainda no ensino fundamental, o estudante pode ter sério comprometimento ao tentar ler e produzir textos de forma proficiente no futuro, e isso, provavelmente, influenciará até em sua comunicação oral, em situações nas quais se exija mais postura crítica do sujeito.

Na interlocução há sempre a relação dialógica e, nessa, a busca de sentido. Mas de que sentido se fala? Quando um locutor produz um determinado enunciado seu interlocutor imediatamente busca compreender o que seu parceiro comunicativo desejou dizer, mas isso se dá de forma ativa. Conforme Geraldi (1997, p. 19) “essa ‘inevitabilidade de busca de sentido’ [...] deflagra que quem compreende se oriente para a enunciação do outro.”

No entanto, para que essa “busca de sentido” se realize a contento, o interlocutor precisa reunir elementos da situação e os recursos utilizados pelo interlocutor para estabelecer a correlação entre os dois primeiros. Assim, nas palavras de Bakhtin (2004), a significação é como uma faísca elétrica que só será construída a partir do contato entre os dois polos opostos da comunicação.

A linguagem entendida apenas como código e a decodificação como compreensão mecânica, não dará espaço à reflexão dentro do processo de aprendizagem. Entretanto, conforme a perspectiva bakhtiniana, a linguagem precisa ser compreendida dentro de seu

processo de “sistematização aberta de recursos expressivos cuja concretude significativa se dá na singularidade dos acontecimentos interativos”. (GERALDI, 1997, p. 18). Portanto, a compreensão e interpretação encontram, ao lado da reflexão, um espaço privilegiado dentro do processo de responsividade ativa.

Assim, na leitura, devemos possibilitar contato do aluno com os mais diversos gêneros discursivos e abrir espaço [trabalho esse que alguns professores já fazem muito bem] para que o estudante tenha a possibilidade de interagir com os autores por meio dos textos e também com os colegas da classe e com o professor. Óbvio que a mediação do professor será fundamental nesse processo, pois irá possibilitar aos aprendizes reflexões e diálogo com o texto e, dessa forma, o aluno terá a oportunidade de, por meio da interação, construir novas significações e conhecimentos, para, a partir de então, vislumbrar o desenvolvimento leitor. O que, certamente, suprirá a necessidade do aluno: uma aprendizagem na qual ele tenha participação ativa e possa, tal qual é/será exigido na vida, desenvolver sua potencialidade crítica e independente e, dessa forma se tornar um leitor maduro, sempre em desenvolvimento, como detalharemos na subseção seguinte.

1.6 Para além da formação de leitores

A formação do leitor é atribuída a diferentes instâncias sociais. Conforme Menegassi (2010), destacam-se a família, os grupos de amigos e a escola. Nesta pesquisa, deter-nos-emos à última instância, a escola. Quanto ao papel da escola, os PCN (1997, p. 55) declaram que o objetivo dela é “formar cidadãos capazes de compreender os diversos textos com que se defrontam e é preciso organizar o trabalho educativo para que pratiquem e aprendam isso na unidade escolar.”

Ao observarmos a realidade de nosso entorno (escola, alunos que nos chegam, ao 6º ano, por exemplo, a questão das avaliações nacionais, entre outros) percebemos que o avanço nas séries não tem correspondido necessariamente ao avanço na leitura. Isso significa que a escola, os professores ainda precisam atentar mais para a necessidade de incentivar o processo de progressão leitora dos alunos, por meio do desenvolvimento na leitura.

Geraldi (1988) e Menegassi (2010) concordam que a escola ainda insiste em formar leitores, mas não em desenvolvê-los como leitores críticos ou como sujeitos-leitores. Menegassi (2010) apresenta a diferença entre formar e desenvolver leitores, e destaca que essa distinção é relegada por parte dos profissionais da língua.

De início, estabelece-se, aqui, uma distinção entre formação e desenvolvimento do leitor. A formação do leitor está voltada à aquisição do código escrito, a sua

apropriação de todas as fases necessárias do sistema linguístico de determinada língua (...). Já o desenvolvimento parte do princípio de que a formação já foi evidenciada e o leitor já saiba dominar o sistema linguístico da língua em uso (...). (MENEGASSI, 2010, p.38)

A pouca preocupação em desenvolver os alunos enquanto leitores e grande preocupação em apenas formá-los leitores, por vezes, ultrapassa o tempo necessário para esse último processo e mantém, inutilmente, a prática de tratar os alunos como sujeitos que não ultrapassam a decodificação textual e, o resultado dessa prática são alunos desmotivados e que não enxergam nenhuma real funcionalidade na leitura, a qual são rotineiramente submetidos em sala de aula.

Em consonância com Menegassi (2010), a escola deveria atentar para o tempo de manutenção da formação de leitores⁶, pois a partir do 4º e 5º anos o aluno já poderia ter acesso a leituras que não focalizassem apenas o texto [e sua decodificação], mas também a compreensão, a interpretação e a retenção textual. Há, portanto, nesse tipo de ensino um impedimento do desenvolvimento do estudante, sendo este o grande prejudicado dentro do processo.

Outro aspecto relevante quanto à leitura é ressaltado por Leffa (1996), segundo a especialista, o aluno precisa possuir a intenção de ler determinado texto “essa intenção pode ser caracterizada como uma necessidade que precisa ser satisfeita, a busca de um equilíbrio interno ou a tentativa de colimação de um determinado objetivo em relação a um determinado texto” (LEFFA, 1996, p. 17). A escola é o espaço apropriado para a criação desses objetivos de leitura.

Solé (1998) em diálogo com Leffa (1996) destaca que a leitura precisa ser regida por um determinado objetivo. A partir do contato com a leitura com uma finalidade, um objetivo específico, o aluno leitor sente-se norteado, motivado e, a partir disso, desenvolve a aprendizagem “sabendo para onde vai”.

Ainda sobre a leitura no âmbito escolar, devemos considerar um outro paradoxo

... para quem ensina a ler, para quem tem por obrigação formar leitores, inexistem condições sociais de leitura. Os professores, num processo histórico que já se revela no nascedouro da universalidade da escola, estão concretamente hoje afastados do livro e das bibliotecas pelas condições de trabalho e de salário. (GERALDI, 1988, p. 82)

Diante disso, há uma questão muito latente: por que os alunos, mesmo diante de alguns estímulos para com a leitura, se negam ou não se sentem atraídos pelo ato de ler? Geraldi (1996),

⁶ De acordo com Menegassi (2010), a formação de leitores se dá a partir da aquisição e apropriação do aluno em relação ao código escrito. Essa etapa de formação de leitores não extrapola o nível do texto.

identifica que muitas das ‘indisciplinas’⁷ se dão justamente pelo não domínio das regras de uso da linguagem em situações como as de sala de aula. Justamente porque a linguagem da sala de aula é aquela determinada por uma classe específica, a dominante, como já destacamos, o que faz com que a forma de se comunicar do “indisciplinado”, a sua linguagem, seja estigmatizada.

Apesar do questionamento em relação à postura dos profissionais da linguagem quanto ao ensino e aprendizagem da leitura [além, obviamente, da influência familiar e do meio social sobre a construção do sujeito-leitor], precisamos refletir sobre alguns aspectos concernentes à formação do profissional que se propõe a ensinar leitura em sala de aula: como se deu a formação acadêmica a qual foi submetido? No ambiente profissional lhe são palpáveis condições de mudança de postura por meio de cursos de formação continuada? E, se sim, como são direcionados esses cursos: há, de fato, o desejo de promover alguma mudança na prática do professor em sala de aula, ou são cursos preparados apenas para cumprir uma agenda ou um dado planejamento? E, por fim, até que ponto o professor busca esse aperfeiçoamento? Há, de forma geral, essa busca pelo novo?

É necessário oferecer ao professor condições de melhor desenvolver o trabalho com a leitura [não considerando apenas os professores de Língua Portuguesa, já que os demais também fazem uso da leitura em suas aulas] e oferecer curso desde a graduação até demais cursos, como de formação continuada, que, de fato, oferecem um conhecimento consistente e aplicável dentro de sala de aula, aliando a teoria à prática. É imprescindível ainda que os professores busquem, sejam pesquisadores e não se satisfaçam apenas com o conteúdo trazido pelos livros didáticos que, em alguns casos, é o único instrumento e direcionamento usado pelo professor no desenvolvimento de suas aulas.

Cabe à escola, portanto, conduzir esse aluno ao avanço nos níveis de leitura para que o aprendiz sinta-se encorajado e tenha condições de aprendizagem disponíveis para progredir, gradativamente, em sua competência leitora. Na turma pesquisada, por exemplo, notamos a partir do contato com os estudantes que, apesar das visíveis dificuldades de leitura, os alunos demonstravam, quando realizado um trabalho com base em um planejamento voltado para o desenvolvimento leitor deles, um desempenho que progressivamente amadurecia no percurso do desenvolvimento das atividades e que se envolviam, gradativamente, nas aulas de leitura.

⁷ A pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem, conhecida pela sigla Talis apontou que mais de 60% dos professores no Brasil relataram ter mais de 10% de alunos com problemas de mau comportamento. Entre os 34 países que participaram do Talis em 2008 e 2013, são os docentes brasileiros que dizem gastar mais tempo para manter a ordem em sala de aula. Em 2008, eram 18%. Já em 2013, essa porcentagem subiu para 20%, quando a média internacional foi de 13% nos dois períodos. (ROSÁRIO EM FOCO, 2015)

Na seção a seguir, faremos a discussão dos níveis de leitura, sob a perspectiva interacionista da linguagem.

1.7 Níveis de leitura

Sob essa perspectiva interacionista, na qual o aluno não é sujeito passivo diante do texto, e na qual suas ponderações são relevantes para além do contexto escolar, o professor deve apresentar ferramentas, mecanismos capazes de, de forma organizada e sistematizada, possibilitar o acesso à leitura, ultrapassando as barreiras da formação de leitores, e visando o desenvolvimento do aprendiz no processo de leitura. Esse desenvolvimento pode se dar por meio de etapas.

Conforme estudos de Cabral (1986), as etapas do processo de leitura são divididas em quatro: a decodificação, a compreensão (essa possui três níveis diferentes: literal, inferencial e interpretativo), a interpretação e a retenção (possui dois níveis: retenção no nível da compreensão e retenção no nível da interpretação). Sendo essas etapas de ocorrências não necessariamente isoladas ou separadas, mas podem ocorrer concomitantemente.

A experiência em sala de aula mostra-nos que o professor deve ser um estrategista, pois de que adianta almejar que nossos alunos sejam leitores competentes se não formos incentivadores, mais ainda, mediadores entre o conhecimento e o aluno, de forma que o aluno chegue aos fins que pretendemos? Assim alcançaremos a construção de sentidos por meio dos textos e temas lidos e discutidos, de forma norteada, em sala de aula, considerando a realidade do aluno e seu conhecimento de mundo e a leitura e seu contexto também para a constituição e a efetiva prática da responsividade ativa.

Como sabemos, a responsabilidade de trabalhar a leitura não pertence exclusivamente à instância escolar, mas também à família. No entanto, é do interesse da pesquisa discutir mais efetivamente como se dá esse trabalho no contexto escolar. A escola tem tido dificuldades visíveis no ensino da leitura, mas a que se deve todo esse embaraço? Dentre tantas possíveis motivações para essa situação, destacamos a de interesse desta pesquisa: a manutenção prolongada da formação de leitores e a pouca atenção dedicada ao desenvolvimento dos novos leitores.

E se o professor de fato insistir no âmbito da formação do leitor, ele pode se deparar com o desenvolvimento de inaptidões leitoras, e, assim, gerará o resultado inverso do que deve ser almejado: o desenvolvimento do sujeito-leitor, como ressalta Menegassi (2010, p. 40) “com essa estratégia de formação do leitor sendo implementada constantemente, o aluno desenvolve inaptidões para níveis mais elevados de leitura. Com isso, a criticidade não se aflora e o leitor competente e crítico não se apresenta.”

Obviamente, o trabalho com o desenvolvimento do leitor competente é bastante árduo para o professor, pois exigirá do mediador estudo acerca de teorias que possam subsidiar a construção de suas aulas, e para o aluno, pois para que esse aprendizado se efetive e esse estudante de fato se torne um bom leitor é necessário despender um grande esforço mental, pois “o bom leitor é aquele que utiliza simultaneamente os indicadores contextuais, textuais e grafofônicos para construir o significado.” (SOLE, 1998, p.60). E para que o aprendiz esteja apto a fazer uso dessas competências, o professor precisa levá-lo a refletir sobre qual o objetivo e quais as estratégias de leitura, sobre isso detalharemos no tópico a seguir, das quais o aluno pode fazer uso em situações específicas.

É importante ressaltar ainda que por cada etapa do processo de leitura perpassa o trabalho com a inferência, pois

A obtenção de informação através da linguagem não se faz pela compreensão de cada elemento individual; ou seja, a decodificação de um texto não se dá exclusivamente pela soma de seus elementos. [...] No processo de comunicação através da linguagem é necessário que o leitor (ou ouvinte) acrescente ao texto uma série de conhecimentos que ele mesmo já possui, de forma a poder estabelecer uma ligação ou uma ponte entre os elementos linguísticos realmente presentes, integrando as informações e dando coerência ao enunciado. É como se o leitor estivesse, a todo tempo, lendo nas entrelinhas. Para se entender a linguagem é preciso inferir diversas informações que não são absolutamente imprescindíveis para se poder entender a mensagem. (FULGÊNCIO E LIBERATTO, 2000, p. 28)

O aluno parte do texto, incide sobre o texto e faz uso de sua bagagem de conhecimento para alcançar a leitura das entrelinhas do texto para, a partir disso, estabelecer novos conhecimentos. Concorda com essa ideia Ricleit, Schnotz & Strohner (1985, p. 8 *apud* Marchuschi, 2008, p. 249) para a qual “uma inferência é a geração de informação semântica nova a partir de informação semântica velha num dado contexto.”. O desenvolvimento da capacidade de inferenciar é, portanto, fundamental em todas as etapas do processo leitor. As etapas do processo de leitura são: decodificação, compreensão, interpretação e retenção, das quais trataremos a seguir.

A decodificação configura-se como a etapa inicial do processo de leitura, conforme Cabral (1986). Significa que se o leitor aprendiz ainda não souber decodificar o texto as demais etapas não irão se processar. A primeira fase do processo de leitura caracteriza-se pelo reconhecimento do código escrito e seu significado. Essa tarefa pode ser simples para o leitor experiente, maduro, mas um desafio para o aluno que está aprendendo, e o aprendiz só terá êxito nesse estágio sob as orientações do professor que deverá mediar esse conhecimento.

A decodificação pode se dar em duas etapas: na primeira, ela é resultado do reconhecimento de símbolos escritos (nível primário: fonológico). Já na segunda etapa, o leitor, ao se deparar com palavras ainda desconhecidas, tenta, por meio do contexto, compreender o significado, ou seja, está relacionado à construção do significado a partir da palavra lida (nível secundário: ligado à compreensão) e é essa segunda perspectiva que interessa a nossa pesquisa.

A decodificação para de fato ser considerada como uma etapa do processo de leitura precisa estar ligada à compreensão, ou seja, a “apreensão dos significados.” (MENEGASSI, 2010, p. 44). Necessidade essa não suprida pelo aluno em sua individualidade, por isso, cabe ao professor formar o aluno de maneira competente desde as primeiras séries para que, então, o aprendiz tenha possibilidade de avançar nas etapas seguintes, pois se assim não o for, o aluno incidirá numa compreensão inadequada. Essa etapa inicial da apreensão de significados, aos poucos, se aproxima do próximo nível de leitura: a compreensão.

No que diz respeito à compressão, para Cabral (1986) compreende-se um texto quando se é capaz de captar sua temática, os tópicos principais do texto, conhecer regras sintáticas e semânticas da língua, depreender a significação de palavras novas.

Essa etapa está imediatamente ligada à decodificação e acontece quando o leitor capta do texto as informações que ali são apresentadas. Ou seja, o aprendiz tem condições de adentrar o texto e extrair dele a temática, a ideia principal. Entretanto, o leitor precisa lançar mão de seus conhecimentos prévios relacionados ao conteúdo apresentado.

Tal qual a etapa anterior, a compreensão apresenta níveis diferentes, são eles: literal, inferencial e interpretativo. O primeiro nível, o literal, ocorre quando o leitor se detém apenas a leitura superficial do texto. Neste nível o leitor não faz inferências, pois não reúne condições, maturidade para tal.

O inferencial, segundo nível de compreensão, é apresentado pelo leitor quando ele demonstra saber realizar incursões no texto, capacidade essa interessante, pois o aprendiz consegue retirar do texto informações que nem sempre estão na superfície do texto. Conforme Menegassi (2010) o processamento de inferências permite ao leitor expandir seus conhecimentos acerca dos seus esquemas cognitivos, pois ocorrerá a ampliação de sua capacidade de buscar novas informações acerca do que está nas entrelinhas do texto.

Ainda na segunda etapa, é importante ressaltar que o não domínio do nível inferencial da compreensão ocasionará um entendimento limitado do texto, isto é, o não alcance do que seria almejado pelo produtor do texto.

O último nível da compreensão, o interpretativo é uma preparação para a próxima etapa do processo de leitura: a interpretação. Ainda nesse nível interpretativo da compreensão, o leitor

começa a expandir sua leitura. Esse nível permite ainda que seja feita a ligação do que o texto apresenta ao conhecimento prévio do leitor e isso gera, então, a terceira etapa do processamento da leitura: a interpretação.

No que se refere ao nível da interpretação, para que ele seja alcançado é necessário que a compreensão tenha sido estabelecida a contento ou seja, a interpretação só pode ser construída sobre a base da compreensão. Caso contrário, os alunos não conseguirão alcançar a presente etapa.

Essa fase é a etapa de maior maturidade, ou desenvolvimento dela, para o leitor, pois é aqui que o aluno leitor desenvolve sua capacidade crítica: faz julgamentos, discordâncias, interroga, enfim, apresenta a sua voz.

Ao compreender, o aluno faz uso da bagagem de conhecimentos que já retinha. Na interpretação, o leitor faz uso do conhecimento trazido pelo texto associado ao próprio conhecimento e a partir dessa “soma” tece suas próprias impressões. Dessa forma, o cabedal de conhecimentos do leitor é ampliado e lhe possibilita a reformulação de ideias e pontos de vista.

A construção que é realizada a partir desse “casamento” oportuniza ao aprendiz enxergar o que outros não viram [entretanto, nessa etapa, como nas demais, não é assegurado, obviamente, que o leitor fuja do que o texto diz], proporcionando-lhe reflexões e aprendizagens que em contato com outros interlocutores podem ser compartilhadas, refutadas, comparadas. É nessa interlocução, portanto, que o aluno leitor tem a maior possibilidade de acesso às situações comunicativas mais diversas e, por isso, precisa estar apto a incidir sobre ela.

A interpretação pode ser dirigida ou não. Quando o autor deixa claro suas intenções em um texto, diz-se que a interpretação é dirigida, ainda que o leitor não tenha consciência disso. Já quando as intenções do autor não estão bem demarcadas no texto, o que possibilita várias interpretações, diz-se que a interpretação é não dirigida. Esta última possibilita, por vezes, interpretações errôneas. Daí a importância do leitor ter clara a ideia de que pode haver a polissemia textual.

Cabe ainda ressaltar o aspecto idiossincrático da interpretação, pois está pautada nos conhecimentos anteriores que o leitor possui, o que, obviamente, irá variar de um leitor para outro. À vista disso, cada leitor pode fazer interpretações diferentes e, portanto, acarretar diversas possibilidades de leitura.

É importante salientar, ainda, que há uma confusão recorrente entre os conceitos: compreensão e interpretação. Essa dificuldade é disseminada, inclusive, por manuais didáticos, nos quais, por vezes, os dois processos são tidos como sinônimos.

interpretação de texto é um conceito mal compreendido por muitos pesquisadores, produtores de material didático e professores de língua portuguesa. Percebe-se uma confusão elementar entre interpretação e compreensão, muitas vezes apresentadas como sinônimas. Não é raro encontrar nos materiais distribuídos aos professores frases e expressões como “Interpretar é compreender”, “Dicas para compreender e interpretar textos”, dando a entender que os dois verbos fundem-se num mesmo e único significado. (LEFFA, 2005, p.253)

É a partir da interpretação que decorre a ampliação de conhecimentos, como “explicitação das possibilidades de significação de documento, projetadas pela compreensão.” (SILVA, 1987, p. 71 *apud* MENEGASSI, 2010, p. 52). Portanto, é fundamental esclarecer essas diferenças que não se restringem a conceitos, mas se ampliam à prática de leitura, o que pressupõe a necessidade de conhecer as diferentes abordagens para possibilitar um ensino e aprendizagem adequados. Isso posto, partiremos a última etapa do processo do desenvolvimento leitor, a retenção.

A retenção, por ser a última etapa do processo de leitura, é a responsável pelo armazenamento das informações mais relevantes na memória a longo prazo. Essa etapa manifesta-se em dois níveis: o primeiro pode ocorrer a partir da etapa da compreensão, ou seja, o leitor pode alcançar apenas a fase da compreensão e, dentro dela, compreender a temática e os tópicos mais importantes.

Em um segundo nível, a retenção ocorre após a interpretação. Certamente, após essa etapa a retenção será mais consolidada, mais aprofundada. Dependerá, portanto, da intenção, do objetivo que o leitor desejar alcançar com determinada leitura para decidir se irá ou não chegar à interpretação.

No desenvolvimento das atividades de leitura com os alunos, tentamos desenvolver até a última etapa, retenção, dos níveis de leitura com os jovens leitores. Conforme o retorno recebido e as necessidades apresentadas pela turma, avançamos ou estendemos um pouco mais determinadas etapas.

Assim, a apropriação das etapas do processo de leitura torna-se essencial na empreitada rumo ao desenvolvimento da competência leitora do aluno-aprendiz. Para tanto, porém, o aluno precisará fazer uso de algumas estratégias de leitura por meio das quais conseguirá de forma mais direcionada e reflexiva tomar certas decisões quando lhe for necessário no percurso da leitura. Destacaremos na subseção a seguir algumas estratégias de leitura que podem auxiliar na efetiva apropriação leitora, e já adiantaremos algumas discussões a respeito da(s) estratégia(s) de leitura predominante(s) na turma selecionada para a pesquisa, conforme apontaram os dados.

1.8 Estratégias de leitura

No percurso da aprendizagem da leitura, o aprendiz leitor precisará resolver alguns impasses que encontrará ao longo do trajeto comunicativo. Contudo, se não lhe forem oferecidas estratégias conscientes para contornar, resolver suas dificuldades, o aprendiz leitor, provavelmente, ficará comprometido. Por isso, consideramos o aprendizado de algumas estratégias de leitura imprescindíveis. Segundo Solé (1998), as estratégias de leitura correspondem a um fator do qual o aprendiz poderá fazer uso a fim de intensificar seu entendimento textual.

Estratégias conscientes porque, conforme a estudiosa, o leitor [nos referimos agora ao leitor maduro] também faz uso de estratégias de forma inconsciente, por exemplo, quando um texto é lido, essa leitura ocorre de forma automática. Se for encontrado, porém, algum obstáculo – uma frase incoerente, um desfecho que contradiga o esperado, por exemplo – na leitura, imediatamente, o leitor lançará mão de uma estratégia de leitura que domine. Quanto ao leitor aprendiz, essas estratégias podem ainda não ser conhecidas, mas são plenamente ensináveis.

O uso da capacidade de pensamento estratégico, apesar de não ser uma “receita”, pode funcionar para organizar ações, o que possibilita, portanto, o avanço da leitura por meio de critérios eficazes. O professor deve se preocupar com o ensino dessas estratégias, pois, se desejamos o avanço dos alunos quanto à competência leitora, não podemos nos eximir dessa necessidade dos aprendizes. Para tanto, Solé (1998) ressalta algumas questões que deveriam ser levantadas por um leitor eficiente e apreendidas pelo leitor em desenvolvimento:

1. Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. [...]Por que/ para que tenho que lê-lo?;
2. Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. [...]
3. Dirigir a atenção ao fundamental em detrimento do que parecer mais trivial em função dos propósitos perseguidos;
4. Avaliar a consistência do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o “sentido comum”. [...]
5. “Reler o contexto da frase; examinar as premissas em que se baseiam nossas previsões; avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com ‘sentido comum’; comprovar continuamente se a previsão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a autointerrogação; elaborar e provar inferências de diversos tipos, como interpretações, hipóteses e previsões e conclusões.”
6. Elaborar e provar inferências de diversos tipos. [...] (SOLÉ, 1998, p. 74)

Ao exemplificar com o uso das estratégias citadas, a autora não tem o objetivo de produzir uma lista de estratégias a serem seguidas como um manual, mas sugerir que um leitor competente deverá realizá-las durante o processamento da leitura.

O leitor, no entanto, precisará, no ato da aprendizagem, compreender que as estratégias são “suspeitas inteligentes” (SOLÉ, 1998), mas não significa dizer que elas estarão sempre adequadas para solucionar os problemas identificados. Outra característica importante das estratégias e que devem ser clarificadas para os leitores é que a potencialidade delas está no fato de poderem ser generalizadas, ou seja, elas não estão ligadas a um contexto específico, podem, portanto, ser aplicadas em diferentes contextos. Sobre isso, os PCN destacam que “a leitura de um texto, compreende, por exemplo, pré-leitura, identificação de informações, articulação de informações internas e externas ao texto, realização e validação de inferências e antecipações, apropriação das características do gênero.” (BRASIL, 1998, p. 38)

Em concordância com os PCN (1998) e com os pressupostos de Solé (1998), visamos trabalhar as estratégias antes, durante e após a leitura, pois, por meio da atividade de sondagem (subseção 2.7) aplicada aos alunos de uma turma de 8º ano, de uma escola municipal, verificamos a necessidade do trabalho com essas estratégias, as quais podem colaborar para o amadurecimento leitor dos estudantes.

- As que permitem que nos dotemos de objetivos de leitura e atualizemos os conhecimentos prévios relevantes (prévias à leitura/durante a leitura);
- As que permitem estabelecer inferências de diferente tipo: rever, comprovar a própria compreensão enquanto se lê e tomar decisões adequadas ante erros ou falhas na compreensão (durante a leitura);
- As dirigidas a recapitular o conteúdo, a resumi-lo e ampliar o conhecimento que se obteve mediante a leitura. (SOLÉ, 1998, p. 74-75)

Essas estratégias de leitura serão trabalhadas nas atividades de leitura com a turma. A discussão de como se deu essa aplicação está na Seção 3 desta dissertação.

Para o professor, certamente, o ensino dessas estratégias não se constitui como algo simples de realizar (talvez por isso muitos nem se arrisquem...). Essa dificuldade reside no fato de não ser tão descomplicado falar de algo interno, que ocorre em nossa mente, às vezes, de forma tão automática, outras de maneira mais planejada. Mas há uma condição necessária para a aprendizagem desse conhecimento das estratégias, condição essa que deve ser aplicada pelo professor para com o aluno: a demonstração.

Inicialmente, o trabalho deve se dar de forma mais dirigida pelo professor, por exemplo, “com formulação de perguntas que sugiram uma hipótese bastante determinada sobre o conteúdo do texto [...] sugerindo perguntas abertas, [...] elucidando as opiniões dos estudantes” (SOLÉ, 1998, p. 77) a fim de que os alunos insiram-se no processo do uso das estratégias que irão lhes possibilitar entendimento mais amplo e profundo dos textos. Após a demonstração do

mediador, o aluno precisa experienciar o trabalho com as estratégias, segue, portanto, a etapa de participação do aluno.

Um outro aspecto relevante dentro das estratégias de leitura são os objetivos de leitura aplicados em sala de aula, destacaremos a seguir alguns objetivos de leitura que selecionamos para o trabalho com os alunos na pesquisa. Inicialmente, destacamos o objetivo *ler para praticar a leitura em voz alta*. Na escola, o objetivo de ler para praticar a leitura em voz em alta é bastante recorrente; na turma pesquisada, inclusive na ocasião do preenchimento dos questionários sobre leitura, os alunos apontaram que a maior dificuldade que possuíam quando convidados a ler um texto era a leitura em voz alta:

Excerto 1- Questionário de leitura

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?

 NERVOSISMO E COGACEN

Excerto 2- Questionário de leitura

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?

 Vergência

Excerto 3- Questionário de leitura

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?

 Eu fico com vergência de errar uma palavra ou pular um ponto, uma vírgula por nervosismo

Excerto 4- Questionário de leitura

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?

 NERVOSISMO E COGACEN

Excerto 5 - Questionário de leitura

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?

 é que eu fico com vergência de ter na frente das alunas

Além de apresentar-se de forma evidente, de acordo com o relato dos alunos e até em nossas análises empíricas, a prática da leitura em voz alta tem a predominância em diversas atividades de leitura. Isso é tão evidente que dentro da questão 6, do questionário, em momento algum especificamos a leitura em voz alta, mas, automaticamente, os estudantes já se remeteram a ela. Ou seja, os alunos demonstram uma espécie de “trauma” no que refere à leitura em voz alta, pois eles têm ciência de que o principal objetivo dela (geralmente o único) é a avaliação, feita primeiro pelo professor e, posteriormente, pelos colegas de classe, sobre a fluência leitora daquele que ler, o que, naturalmente, promove a timidez e o nervosismo.

Outro problema desse objetivo de ler para praticar a leitura em voz alta é confrontar os aprendizes com a leitura em voz alta sem os alunos previamente terem tido tempo para ler silenciosamente o texto e tentar compreendê-lo. Além disso, usualmente, após a leitura em voz alta, os alunos são interpelados quanto à compreensão textual e, de forma geral, têm dificuldades em apresentar um bom desempenho, dada a situação de tensão na qual são colocados e a inexperiência leitora dos aprendizes.

Segundo Solé (1998), na leitura em voz alta espera-se que o leitor leia com fluência, clareza e rapidez, enquanto a compreensão textual é posta em segundo plano. Por isso, a autora propõe que primeiramente seja realizada a leitura silenciosa para, em seguida, realizar a leitura em voz alta coletiva.

Não queremos com isso dizer que é irrelevante a prática da leitura em voz alta [ela possui uma grande importância se pensarmos na fluência leitora que o sujeito precisará ter em uma leitura pública, por exemplo], mas que ela deve ser realizada, como explica Solé (1998), dentro de um contexto que viabilize tanto a melhor fluência, ritmo e segurança do aluno quanto à compreensão do que se leu por meio da prática da leitura silenciosa antecipadamente.

Outro objetivo de leitura proposto por Solé (1998) é *ler para aprender*. Nesse objetivo, apesar de sabermos que sempre aprendemos quando lemos, a leitura é tratada explicitamente com o objetivo da aprendizagem, da ampliação dos conhecimentos. “Quando lemos para aprender, as estratégias responsáveis por uma leitura eficaz e controlada atualizam-se de forma integrada e consciente, permitindo a elaboração de significados que caracterizam a aprendizagem.” (SOLÉ, 1998, p. 96). Contudo, esse aprendizado não é possível se esse objetivo de leitura não for traçado pelo estudante, pois, certamente, aquele que lê apenas para cumprir uma determinada leitura solicitada, sem desejo algum de entender o texto, nem que seja por sentir-se desafiado, dificilmente terá sucesso nesse objetivo.

Outro objetivo de leitura caminha em função de querer saber do que ele trata, saber o que ocorre no texto, ou seja, é uma *busca pelas ideias mais gerais do conteúdo textual*. Se a

leitura interessar, o leitor aprofunda-se no texto, se não, simplesmente, a abandona. Solé (1998) expõe que esse tipo de objetivo deve ser trabalhado na escola, pois é por meio dele que o leitor seleciona textos a partir dos propósitos e interesses próprios, fator esse que corrobora com o desenvolvimento do leitor crítico. Além disso, o trabalho com esse objetivo propõe ao aluno a ideia de que ele não precisa gostar de tudo que lê, obrigatoriamente, ou seja, ele pode e deve ter suas preferências. Contudo, é importante frisar que, apesar de termos nossa predileção, em alguns casos, precisamos ler determinados textos por necessidade, seja ela qual for.

A autora destaca, ainda, o objetivo de *ler para verificar o que se compreendeu*. Esse objetivo, no geral, é cumprido na escola, por meio de perguntas que visam mais avaliar o suposto aprendizado do que, propriamente, analisar a compreensão do aluno. Há uma outra questão observada: é recorrente o fato de os alunos notarem que serão avaliados e prepararem-se para responder aquilo que já imaginam que lhes será perguntado, sem, possivelmente, ter alcançado a compreensão global do texto. Os aprendizes preocupam-se, portanto, com um bom desempenho pelo simples fato de terem a certeza de que estão sendo avaliados e precisam ter êxito nessa avaliação.

O que, de fato, deveria ser feito mediante esse objetivo de leitura seria – exatamente a última etapa do processo de leitura sugerido por Cabral (1986), a retenção –, pois, assim, o aluno teria a oportunidade de expor o que conseguiu reter do texto lido, aliado a sua interpretação. Essa perspectiva, portanto, vai além da ideia de apenas avaliar o que o aluno “decorou” do texto. Os objetivos de leitura selecionados são colocados em prática nas atividades de leitura deste trabalho de pesquisa, apresentaremos isso na etapa de discussões das atividades (Seção 3).

Além de considerarmos as estratégias de leitura e seus objetivos, como fora destacado, selecionamos ainda um gênero específico para o trabalho com a leitura: reportagem turística, sobre o qual versa o capítulo seguinte.

1.9 Reportagem turística: “Não somos uma ilha!”

A escolha do gênero reportagem turística deu-se em virtude de Mosqueiro apresentar um forte caráter de espaço turístico, o qual, em seus tempos “áureos” recebia um grande número de famílias, a maioria abastada, que possuíam casas na Bucólica. A região de ilha, composta por quinze praias, com dezessete quilômetros de rios com ondas que tornam o lugar ainda mais atrativo para o turismo. O lugar possui construções com arquitetura imponente ainda composta na época da borracha.

Especificamente sobre a Baía do Sol, a mais antiga comunidade de Mosqueiro, localizada a 70 km de Belém, com cerca de 6.000 moradores, temos como objetivo valorizar o espaço e os moradores locais, destacando a relação entre o conhecimento histórico e o conhecimento popular dos idosos da comunidade, e o resultado disso, deverá ser um enriquecimento cultural dos sujeitos envolvidos. A fim de produzirmos um breve material, uma revista de reportagem turística, com base no conhecimento popular sobre a comunidade, pois, ao pesquisarmos, verificamos a escassez de trabalhos referentes ao lugarejo.

Iniciemos a apresentação do gênero com uma conceituação geral do que seja reportagem: ao lado do gênero discursivo notícia, é o principal gênero do meio jornalístico. A reportagem visa aprofundar conhecimentos sobre determinado tema, o qual não precisa, necessariamente, ser atual, bastando-lhe apenas possuir um conteúdo a ser explorado. Para tanto, pode-se e, no geral, lança-se mão de pesquisas bibliográficas acerca do tema selecionado e realiza-se entrevistas com conhecedores da temática.

Nesta pesquisa, a entrevista foi usada como meio para chegarmos até a reportagem turística. Para tanto, consideramos a perspectiva de entrevista de Marconi & Lakatos (1999, p. 94) para quem a entrevista é o “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto”. A finalidade da entrevista proposta aos alunos é obter informações que possibilitem aos estudantes produzir as reportagens turísticas deles. Para isso, expomos aos estudantes que a entrevista sugere alguns cuidados em sua realização, como: a capacidade de selecionar informações fundamentais durante a etapa de pré-entrevista; compreender o que o outro quer dizer; a reformulação de perguntas ou colocações também são imprescindíveis, em determinadas circunstâncias.

A entrevista realizada é do tipo estruturada, dada a inexperiência dos estudantes para efetuar outro tipo mais elaborado de entrevista, como semi-estruturada ou não-estruturada. A entrevista foi preparada a partir dos seguintes passos: pesquisa do conteúdo (sites, revistas, perguntas aos idosos sobre o assunto); planejamento da entrevista (elaboração das perguntas), com associação ao conhecimento prévio dos alunos; contato com os entrevistados (idosos da comunidade – gravação de áudio no registro das respostas); e registro, posterior, da entrevista no papel. (maiores detalhes na análise dos dados- subseção 3.1.3)

Após o trabalho com a entrevista, os alunos passaram ao gênero reportagem turística. Conforme Maruxo Jr. (2009), a palavra

Reportagem pode ter dois sentidos. Em linguagem jornalística, segundo alguns especialistas, a palavra “reportagem” pode designar:

- O processo de pesquisa e coleta de informações sobre um tema ou assunto específico. Esse processo vai desde a definição de uma pauta, envolve a seleção das fontes de informação, e termina na coleta [...] das informações.
- O texto (escrito ou oral) que resulta do processo de pesquisa e coleta de informações. Nos veículos impressos, como os jornais e as revistas, esse é o sentido mais comum quando se fala em reportagem. Na imprensa radiofônica ou televisual, a reportagem é uma espécie de programa de rádio ou televisão. [...] Nesse último sentido, os jornalistas profissionais preferem usar a palavra “matéria jornalística” para se referir à reportagem, para não confundir o texto (a matéria) com o processo de produção do texto (a reportagem). (MARUXO JR., 2009, p. 6-7)

O trabalho com o gênero reportagem é produtivo, pois, além de não ser um gênero totalmente alheio ao conhecimento dos alunos, já que leva em consideração o conhecimento dos estudantes acerca do lugar onde vivem, ainda possibilita o aprofundamento de determinado(s) conhecimento(s), ou seja, proporciona o acesso e a divulgação/vulgarização de determinados saberes.

Há ainda uma confusão feita entre o gênero reportagem e o gênero notícia. Para muitos, os dois são sinônimos, mas, segundo especialistas, apesar de os dois serem próximos, possuem consideráveis diferenças: “a notícia é o relato de um fato acontecido, um evento ou acontecimento; a reportagem, por sua vez, é um tipo de relato jornalístico de natureza variada, baseado numa pesquisa (a ideia da pesquisa é central na reportagem).” (MARUXO, 2009, p. 8)

A reportagem pode ser de vários tipos, mas selecionamos apenas um para apresentação neste trabalho: a reportagem temática de divulgação de conhecimentos. Nela realiza-se a seleção de um tema e pesquisa-se sobre ele com a finalidade de divulgar conhecimentos.

As reportagens temáticas de divulgação de conhecimento, de forma mais restrita, a reportagem turística cabe no trabalho com a turma selecionada para aplicação da pesquisa por conta da realidade turística do local no qual os estudantes vivem e amplia a quantidade de materiais sobre a localidade, com base em pesquisas realizadas pelos alunos via internet e por meio do conhecimento popular dos idosos da comunidade, que possibilitará a divulgação das belezas do lugar mais antigo de Mosqueiro, a Baía do Sol.

Além disso, os alunos têm, com o estudo da reportagem turística, a possibilidade de conhecer mais a fundo a própria história, para além dos conhecimentos prévios que já possuem e, com isso, estabelecer um vínculo mais forte de respeito e zelo pelo lugar onde vivem, por meio de textos que relatam a história do lugar e por meio de pesquisas em livros e internet imprescindíveis ao trabalho com o gênero solicitado.

A produção de uma reportagem turística supõe a existência de uma situação na qual estão envolvidos, pelo menos, o editor que publica uma revista especializada em turismo e quer vendê-la, o repórter cujo trabalho é viajar e obter dados sobre lugares interessantes, e o redator,

aquele que transforma os dados recolhidos pelo repórter em um texto dirigido aos leitores que desejam viajar e compram revistas desse gênero para obter informações.

O redator, quando escreve, usa uma linguagem coloquial, como se estivesse conversando com seu leitor; busca cativar esse leitor, de maneira agradável e convidativa. A cada gênero trabalhado é preciso explorar bem sua situação de comunicação própria e suas características gerais. No caso da reportagem de turismo, sugerimos, para entusiasmar os alunos, a criação de uma situação de produção para a escrita do gênero, que reproduza um ambiente de redação de revista em sala de aula. Os alunos serão os repórteres que recolherão informações geográficas e históricas, farão entrevistas com moradores locais, e escreverão a reportagens turísticas que serão publicadas em uma revista especializada. É importante auxiliá-los a se colocarem no lugar do repórter, num faz de conta gostoso. Isso fará com que eles se distanciem de seu modo habitual de ver a cidade, e possam olhá-la com “olhar estrangeiro”, olhar de quem vê a cidade pela primeira vez e necessita apresentá-la a seus leitores. (BRASIL, 2006, p. 15)

A partir dos registros escritos e ainda com os áudios das entrevistas para qualquer eventual necessidade, os estudantes iniciaram a produção da reportagem turística de acordo com as temáticas pelas quais ficaram responsáveis, acrescentando nas reportagens um elemento importante no trabalho com o gênero: a fotografia, em parte, registros originalmente feitos pelos estudantes.

2

O PERCURSO PARA O DIAGNÓSTICO

Ler fornece ao espírito materiais para o conhecimento, mas só o pensar faz nosso o que lemos.
John Locke

Neste capítulo, apresentamos, inicialmente, o tipo de pesquisa a que nos propusemos realizar. Em seguida, destacamos o contexto da pesquisa, os recursos dos quais fizemos uso na pesquisa, a metodologia e análise dos dados.

2.1 Enquadramento da pesquisa

Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa-interpretativa, pois preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Consoante Gerhardt e Silveira (2009),

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 32)

Essa pesquisa, portanto, enquadra-se no que refere a autora, pois os dados aos quais já tivemos acesso (sondagem de leitura) nos levaram a perceber qual o nível de leitura no qual a turma pesquisada encontrava-se e, a partir disso, pudemos planejar uma ação que possibilitou o combate aos problemas identificados e proporcionou uma maior autonomia dos alunos em relação à leitura.

Por isso, quanto à natureza dos dados, nossa pesquisa se classifica como aplicada, pois de acordo com Gil (2010) pesquisas com essa finalidade tencionam resolver problemas identificados no contexto das sociedades em que os pesquisadores vivem. Além disso, a presente pesquisa está voltada para “a aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica.” (GIL, 2010, p. 27). Entendemos que, para o trabalho na comunidade específica, moradora da ilha de Mosqueiro, seria relevante o trabalho com o gênero reportagem turística dada a natureza turística, ainda que precária, do lugar.

No percurso desta pesquisa, realizamos o levantamento de bibliografias referentes à leitura, à realidade do lugar pesquisado e à proposta de trabalho com a sequência de atividades

a fim de compreendermos mais profundamente o que poderíamos fazer para beneficiar os alunos da localidade da Baía do Sol.

Quanto aos procedimentos, nossa pesquisa caracteriza-se como pesquisa-ação, a qual, segundo Thiollent (1986) é classificada como um tipo de pesquisa com base empírica que é “concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.” (THIOLLENT, 1986, p.14).

Conforme Elliot (1993, p. 170) “o paradigma da pesquisa-ação permite superar as lacunas existentes entre a pesquisa educativa e a prática docente, ou seja, resolver o problema da relação entre teoria e prática”. Essa necessidade de preencher a lacuna entre a teoria e a prática ficou muito evidente no contato com a turma pesquisada.

Para Barbier (2007) na pesquisa-ação

é criada uma situação de dinâmica social radicalmente diferente daquela da pesquisa tradicional. O processo, o mais simples possível, desenrola-se frequentemente num tempo relativamente curto, e os membros do grupo envolvido tornam-se íntimos colaboradores (BARBIER, 2007, p. 56)

Esse tipo de pesquisa induz o pesquisador a implicar-se. Ele percebe como está implicado pela estrutura social que ocupa e pelo jogo de interesse e de desejos de outros. O pesquisador implica também os outros por meio do seu olhar diferenciado na sociedade.

Essas reflexões nos levaram a classificar a presente pesquisa como pesquisa-ação, pois há uma preocupação por nossa parte em intervir sobre a realidade dos jovens estudantes. E, a partir disso, possibilitar aos alunos avanços quanto ao processo de leitura. A partir do momento que o professor titular da turma ausentou-se temporariamente da mesma e nos permitiu o contato direto com os jovens para a realização das atividades da pesquisa.

2.2 Contexto da pesquisa

A pesquisa está sendo realizada em uma escola municipal de Belém- Pa, na qual estou lotada, desde 2013, por meio de concurso público. A instituição oferece vagas para Educação Infantil (Pré-escola), Ensino Fundamental (Ciclo I – 1º ao 3º ano; Ciclo II – 4º e 5º ano; Ciclo III – 6º e 7º ano; e Ciclo IV – 8º e 9º ano), além de possuir três turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA (1ª e 2ª Totalidade: equivalentes às antigas 1ª, 2ª e 3ª séries (turma mista); 3ª Totalidade: 5ª e 6ª séries; e 4ª Totalidade: 7ª e 8ª séries).

No que concerne à equipe de trabalho da escola, temos: diretora, quatro coordenadoras pedagógicas, duas atendem o turno da manhã e intermediário e as outras duas, o turno da tarde

e da noite. Além disso, a escola possui três secretários, cerca de 30 professores, sendo dois desses de Língua Portuguesa, ambos com pós-graduação e equipe de apoio.

Quanto às dependências da escola, possuem oito salas de aula, todas apenas com ventiladores (os quais nem sempre estão em pleno funcionamento), uma biblioteca, uma sala de leitura, uma sala de informática climatizada com 10 computadores, três computadores administrativos (conectados à internet – ainda que essa não funcione constantemente), datashow, TV, DVD; além de refeitório, copa, sala da secretaria, sala da direção com refrigeração, sala da coordenação e sala dos professores, ambas com ventiladores, um banheiro para os funcionários, quadra de esportes, além de um ônibus escolar.

Quanto ao número de alunos, a escola tem cerca de 562 alunos matriculados, sendo da Educação Infantil em torno de 30 alunos, do 1º ao 5º ano cerca de 247 estudantes, do 6º ao 9º ano aproximadamente 210, além de quase 100 alunos na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A turma selecionada para a pesquisa é uma turma de 8º ano do ensino fundamental, composta por 38 alunos. Os estudantes da ilha têm uma realidade singular, pois moram numa área praiana, na qual uma das atividades predominantes é a pesca, ainda um recurso de sobrevivência para muitos moradores da localidade.

Dentro desses quatro anos de convivência, enquanto professora da turma selecionada para a pesquisa, foi possível observar as facilidades e dificuldades dos alunos no ensino-aprendizagem de língua materna. Dentre as facilidades podemos destacar o interesse e empenho de parte considerável dos alunos pelos conteúdos e atividades propostas em sala. Notamos que o ensino-aprendizagem significativos prendem a atenção dos aprendizes de tal forma que eles se envolvem com os conhecimentos e com o aprendizado proposto em classe. Entretanto, as dificuldades de leitura, compreensão e interpretação incorrem na pouca desenvoltura de alguns alunos, o que, por vezes, gera a necessidade do professor ter a sensibilidade de retomar conteúdos para possibilitar o melhor entendimento dos alunos.

Os alunos desta turma foram selecionados porque, apesar das dificuldades já apontadas, a turma revelou uma predisposição ao novo, ao conhecimento e, ainda que tenham as diversas dificuldades, demonstraram interesse em desenvolver a atividade e ultrapassar as próprias barreiras para alcançar, ainda que parcialmente, devido ao pouco tempo de desenvolvimento da proposta, um conhecimento mais amplo que os auxiliará no desempenho leitor.

2.3. A turma

A turma atendida pela pesquisa possui 38 alunos, entre 12 e 15 anos, matriculados no 8º ano do ensino fundamental, e possui baixo índice de repetência (cerca de dois alunos). A turma selecionada tem, de forma geral, alunos considerados pela equipe de professores como bons alunos, com bons conceitos nas avaliações. Quanto às aulas, as quais intitulamos encontros, o professor titular da turma nos ofereceu os seis horários, às segundas-feiras e às terças-feiras, três horários em cada dia, até o dia em que finalizamos nossas atividades (iniciamos dia 15 de agosto e encerramos dia 27 de setembro). Além disso, contamos ainda com a colaboração de colegas de outras disciplinas que, em dias alternados, cediam-nos um ou dois horários de aula deles.

A receptividade e participação da turma do início ao fim das atividades foi bastante satisfatória, visto que os estudantes aderiram às propostas que sugerimos e tiveram participação ativa na construção das aulas por meio dos *feedbacks* que nos apontavam a cada novo encontro.

2.4 Recursos da pesquisa

Nesta pesquisa, fizemos uso dos seguintes recursos: lápis, caneta, caderno, Datashow, TV, DVD, quadro branco, pincel, revistas de reportagem turística, caderno de anotações (da pesquisadora), fotocópia, câmera digital, scanner para a digitalização do material.

A pesquisa foi realizada a partir da coleta de dados escritos, por meio das atividades de leitura as quais foram realizadas pelos alunos, em busca de compreendermos qual o nível e qual o avanço que os alunos tiveram em relação aos níveis de leitura, e por meio de áudios – no caso das entrevistas – que serão retextualizados para a produção de reportagens turísticas ao final do trabalho.

2.5 Instrumentos de pesquisa

Para a realização da pesquisa, usamos os seguintes instrumentos: questionários, entrevistas e etc. O questionário para Marconi & Lakatos (1999, p. 100), “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito.”. O que construímos possui questões do tipo fechadas e abertas, com dois públicos-alvo e, obviamente, dois tipos diferentes de perguntas: um voltado aos alunos e outro direcionado aos professores; e ainda neste primeiro momento, utilizamos como instrumento a atividade de sondagem; em encontros à frente, entrevistas e reportagens turísticas (em vídeo e impressa) foram instrumentos de pesquisa.

A entrevista possibilitou dentro desta pesquisa não apenas o contato com um novo gênero discursivo, mas também a interação entre os jovens e o meio onde vivem, composto pelos membros da comunidade local, como interlocutores nessa interação.

Da mesma forma, a reportagem turística produzida pelos alunos, possibilitou-os a experiência de aplicarem informações resultantes da interação na entrevista, num processo de retextualização – conforme Dell’Isola é “excelente recurso para o trabalho com o gênero”. (2007, p. 11) –, e também de interação, dentro de um novo gênero discursivo.

2.6 Análise dos questionários:

Os questionários foram aplicados tanto aos alunos quanto aos professores com a intenção de captar o olhar deles a respeito da leitura: se se enxergam como leitores, se “alimentam” o gosto pela leitura, se acreditam que a leitura possui influência sobre os demais campos de suas vidas, entre outros aspectos que serão explorados mais detalhadamente abaixo. Analisamos, sequencialmente, a seguir, as respostas dos alunos e dos professores nos questionários aplicados.

2.6.1 Análise dos questionários dos alunos

Inicialmente, foi entregue aos estudantes o questionário composto por perguntas fechadas e abertas. No dia da aplicação da diagnose, os alunos se portaram de forma bastante receptiva e aparentavam estar dispostos a cumprir cada etapa da atividade de sondagem que seria aplicada naquela tarde. Esclarecemos que as respostas utilizadas nos exemplos abaixo são de diversos alunos da classe, não especificamente de um grupo ou dos mesmos alunos em todas as atividades. Contudo, buscamos acompanhar, dentro do curto espaço de tempo, o avanço, no decorrer das atividades, de cada estudante e/ou grupo de alunos.

No questionário, aplicado aos 32 alunos presentes na ocasião, almejávamos captar por meio dele o olhar dos estudantes no que concerne à leitura. Cada pergunta realizada tem o objetivo de rastrear informações, como: na primeira questão, sondamos o sentido de leitura para os alunos com o objetivo de perceber a construção, ainda que talvez inconsciente, eles fazem dos níveis de leitura; na segunda questão, perguntamos para que serve (finalidade), sobre a qual, de forma mais particularizada, eles deveriam demonstrar o seu olhar sobre a importância da leitura; na terceira, buscamos sondar a impressão dos alunos sobre as aulas de leitura (em todas as disciplinas); na quarta, buscamos observar quais medidas o aluno toma para o seu aperfeiçoamento leitor, ou seja, qual a atitude dele em relação ao seu próprio desenvolvimento

leitor; na quinta, tínhamos o intuito de entender qual a disposição dos alunos para a leitura em sala; na sexta, tínhamos o objetivo de entender qual a maior dificuldade do aluno na leitura de um texto; e, por fim, na sétima questão, queríamos perceber qual o grau de participação da família dentro da aprendizagem leitora, ainda que a maioria dos pais tenham dificuldades de leitura, por ter pouca instrução, se apoiavam em seus filhos nessa aprendizagem.

Para viabilizar a visualização dos dados, construímos os gráficos abaixo com base nos resultados verificados por meio das atividades de sondagem e, ao final, apresentamos alguns comentários gerais sobre os resultados obtidos.

GRÁFICO 1

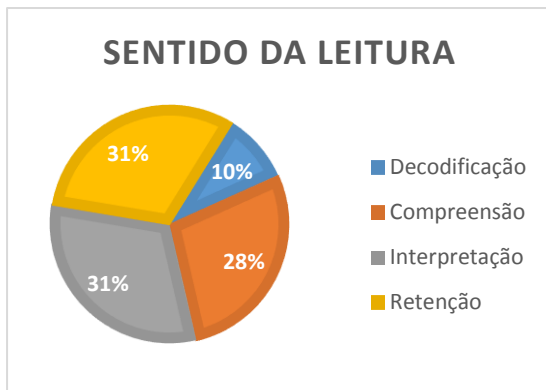
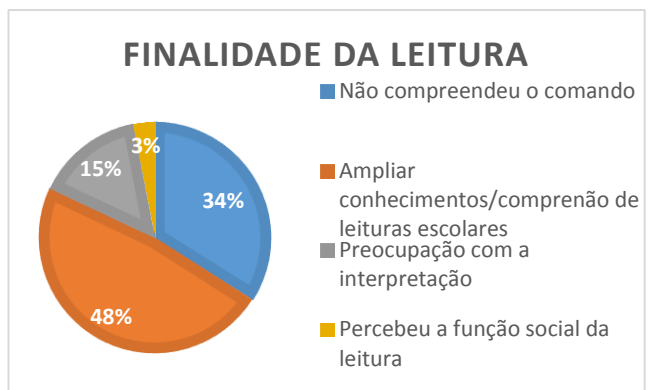
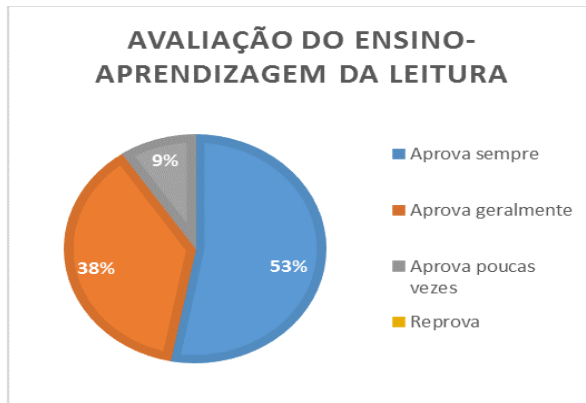
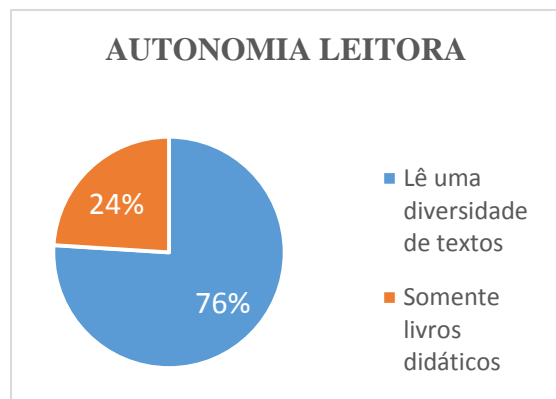


GRÁFICO 2



Os dois gráficos acima, destacam, o primeiro, a perspectiva de leitura que os alunos possuem; enquanto, o segundo, questiona qual a finalidade da leitura para o aluno. No gráfico 1, notamos que os estudantes entendem, cerca de 31% que a leitura passa por todas as fases listadas e precisa, em muitos casos, chegar à retenção. Contudo, se analisarmos o gráfico 2, pergunta do tipo aberta, 48% destacou que a leitura tem fundamental importância para ampliar os conhecimentos, entretanto, a maioria restringiu essa soma de aprendizagens ao contexto escolar, como se entendessem que o aprendizado que têm na escola lhes serviria sempre apenas para dentro da escola e não para suas vidas. Nesse sentido, fica evidenciado o entendimento do aluno de que deve ler apenas para verificar o que se compreendeu, conforme Solé (1998, p. 99): “quando a sequência leitura/pergunta/ resposta se generaliza, também se generalizam para os alunos certos objetivos de leitura. Ler para depois poder responder certas perguntas formuladas pelo professor.”

GRÁFICO 3**GRÁFICO 4**

Nos gráficos 3 e 4, temos, respectivamente, a avaliação que os alunos têm sobre as aulas de leitura (não restrita apenas à Língua Portuguesa) e o segundo versa sobre os indícios de autonomia leitora que os alunos apresentam ou não. No gráfico 3, verificamos que 53% dos estudantes sempre aprovam a forma como a leitura é trabalhada em sala; além desse dado, temos ainda outro com elevado percentual: o de alunos que aprovam na maioria das vezes a abordagem dada à leitura durante as aulas na escola, 38% dos casos. Apenas 9% parece reprovar, de forma geral, o trabalho realizado com a leitura. Os dados demonstraram que, aparentemente, os alunos estariam satisfeitos com a forma como o trabalho com a leitura está sendo executado em sala de aula.

Sobre o gráfico 4, referente à autonomia leitora, 76% dos estudantes declarou ler por opção própria uma variedade de escritos, apontando sinais de autonomia leitora, enquanto 24% assumiu ainda ler apenas quando solicitado pela escola, fato esse que retrata a perspectiva da leitura por obrigação, sem nenhum outro sentido. Não coincidentemente, essa menor parcela é exatamente a dos alunos que apresentam maiores dificuldades tanto na leitura quanto na produção escrita na classe, conforme nos foi possível observar durante as aulas.

Destacamos abaixo algumas respostas dos alunos que apresentam indícios de autonomia leitora e dos que ainda não apresentam para verificarmos as justificativas dos aprendizes quanto as suas preferências ou não relativas à leitura:

• **Apresentam autonomia leitora:**

Excerto 1:

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?
- Tem lido livros diversos, revistas e outros.
 - Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).
 - Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.
 - Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: POIS O ALUNO QUE LÊ OS LIVROS ELE
APRENDE MAIS COISA PARA SE TORNAR LEITOR.

Excerto 2:

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?
- Tem lido livros diversos, revistas e outros.
 - Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).
 - Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.
 - Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: lendo livros e revistas etc. tem pessoas que
fazem textos de maneira certa.

Excerto 3:

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?
- Tem lido livros diversos, revistas e outros.
 - Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).
 - Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.
 - Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: por que tem me ajudado muito
na minha leitura

Excerto 4:

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?
- Tem lido livros diversos, revistas e outros.
 - Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).
 - Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.
 - Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: por que, se a pessoa lê bastante livros, revistas,
zinhos e outros a leitura fica muito melhor

Excerto 5:

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?

a. Tem lido livros diversos, revistas e outros.

b. Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).

c. Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.

d. Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: Sim, por que cada vez eu aprendo mais principalmente nas palavras e na leitura

- Ainda não apresentam autonomia leitora:

Excerto 1:

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?

a. Tem lido livros diversos, revistas e outros.

b. Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).

c. Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.

d. Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: ~~Porque não sou obrigado a ler~~
por que eu não sou obrigado a ler

Excerto 2:

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?

a. Tem lido livros diversos, revistas e outros.

b. Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).

c. Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.

d. Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: Porque não é conveniente

Excerto 3:

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?

a. Tem lido livros diversos, revistas e outros.

b. Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).

c. Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.

d. Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: Porque apesar de necessário eu não gosto muito de ler.

Excerto 4:

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?

a. Tem lido livros diversos, revistas e outros.

b. Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).

c. Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.

d. Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: *por que não gosto de ler revistas mas só lentos
gosto de ler as listas das disciplinas por que me ajuda
a entender mais a matéria*

Sobre as três últimas questões levantadas no questionário, temos os gráficos e percentuais de respostas correspondentes a seguir:

GRÁFICO 5

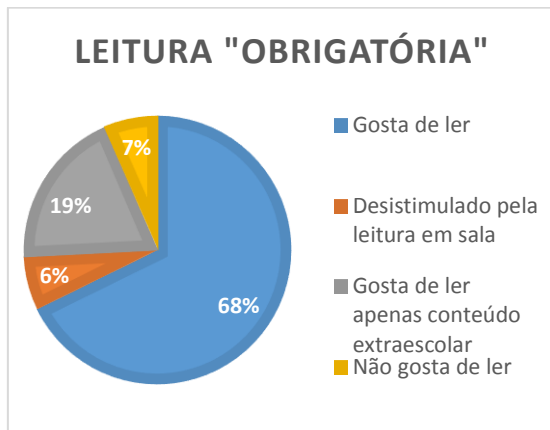


GRÁFICO 6

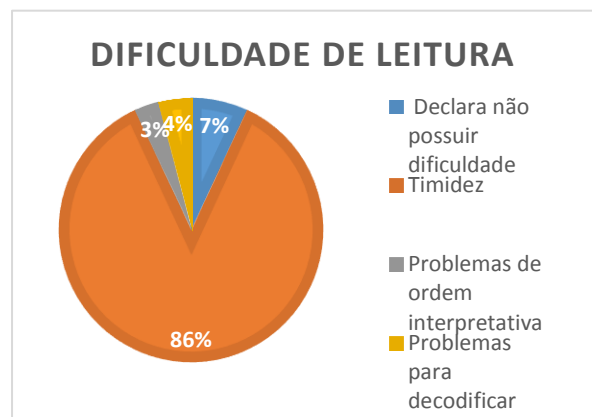
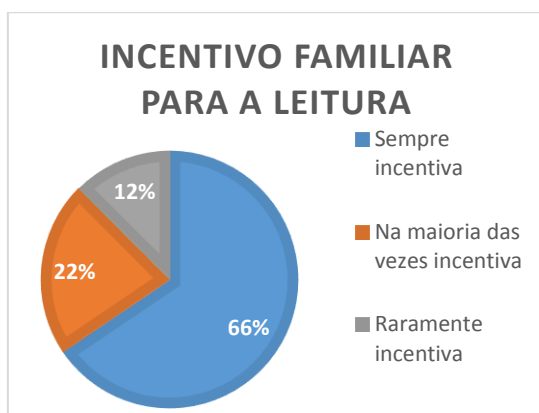


GRÁFICO 7



Nos três últimos gráficos, 5, 6 e 7, destacamos, respectivamente, a visão dos alunos em relação às leituras sugeridas em classe pelo professor, ou seja, as leituras obrigatórias, 68%

declarou gostar de ler as sugestões feitas pelo professor, enquanto um percentual de 19% referiu gostar de ler apenas conteúdo extraescolar. No gráfico 6, pergunta aberta, o questionamento foi referente à maior dificuldade de leitura dos estudantes, e cerca de 86% manifestou-se dizendo que a timidez era o principal atrapalho em sua fluência leitora, como destacados nos fragmentos abaixo (questão 6):

Excerto 1:

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?
Eu ficar nervosa e começo a gaguejar

Excerto 2:

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?
ser a vergonha

Excerto 3:

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?
Eu fico com vergonha de ler uma palavra ou pular um ponto, uma vírgula por nervosismo

Excerto 4:

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?
vergonha

Excerto 5:

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?
é que eu fico com vergonha de ter na frente dos alunos

Excerto 6:

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?
FICAR NERVOSO E GAGUEJA AS PALAVRAS

Percebemos, de forma evidente, que os estudantes já têm enraizado em seu entendimento que “ser convidado a ler um texto” é realizar a leitura em voz alta, mecanismo esse recorrente nas salas de aula, entretanto, usado apenas para avaliar os alunos e não com objetivos de compreensão leitora, por exemplo, como salienta Solé (1998, p. 98) “pretende-se que os alunos leiam com clareza, rapidez, fluência e correção [...] De fato, todas essas exigências fazem com que o primordial para o aluno seja respeitá-las e, nesse caso, a

compreensão se situa em um nível secundário.”. Assim, para os alunos, torna-se um desafio realizar a leitura em voz alta porque sabem que estão sendo avaliados e, de forma geral, não apenas pelos professores, mas pelos próprios colegas de classe que também, conscientemente ou não, julgam-nos. E, ainda, por vezes, precisam responder a questionamentos a respeito do texto depois de cumprir a tarefa da leitura em voz alta e encontram dificuldades, já que, geralmente, o primeiro contato que têm com o texto é justamente no momento em que precisam ler para que todos ouçam e encontram-se em um nível de ansiedade e tensão tão elevado que pouco conseguem depreender do texto para atender aos questionamentos posteriores. No que concerne ao último gráfico, 7, questionamos a respeito da intervenção da família no processo de aprendizagem de leitura, 66% dos estudantes declarou que suas famílias sempre incentivam a leitura nos jovens.

Ressaltamos um aspecto importante da realidade dessa comunidade que é a alta taxa de analfabetismo dos pais e avós desses jovens que frequentam as salas de aulas. Notamos, entretanto, que apesar dessa predominante realidade, os pais, em sua maioria, incentivam os estudantes à leitura, demonstrando, assim, que apesar do pouco conhecimento, reconhecem a importância da prática.

2.6.2 Análise dos questionários dos professores

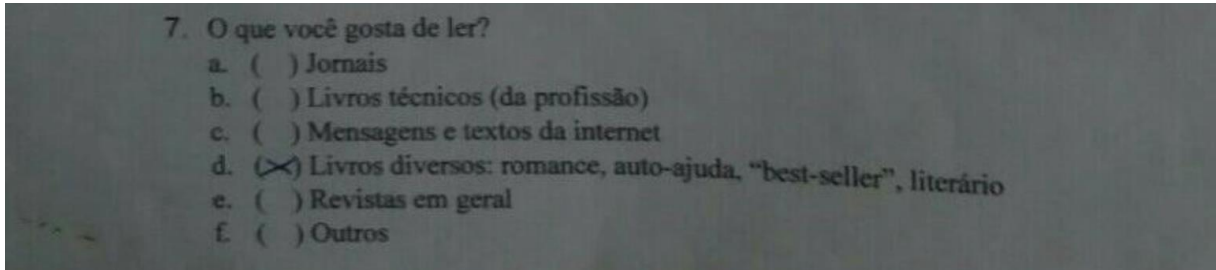
O questionário voltado para os professores, composto por perguntas abertas e fechadas, foi montado com a intenção de percebermos qual a concepção de leitura que o profissional adota em suas aulas. Além disso, sondamos a experiência de leitura do professor, e, se dentre as leituras que faz hoje, inclui livros técnicos que lhe deem suporte para melhor desenvolver sua prática. Ainda verificamos se o profissional recorrentemente lê para ter conhecimento de uma variedade de textos que possa levar aos alunos. Oferecemos também questões para que o profissional reflita/avalie sua prática. E, finalmente, questionamos o professor sobre o amparo teórico que embasa suas aulas a fim de que ele reflita sobre a questão teórica que precisa ser incluída e embasar as suas aulas.

Foram entregues dois questionários para os dois professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental maior da escola, no entanto, apenas um dos profissionais devolveu o questionário preenchido.

Diante do exposto nas respostas do questionário (Apêndice E), a professora parece trazer as suas aulas a prática da leitura. No entanto, se observarmos, conforme a resposta dada no questionário, referente a questão de número 7 – O que você gosta de ler? – a profissional destaca

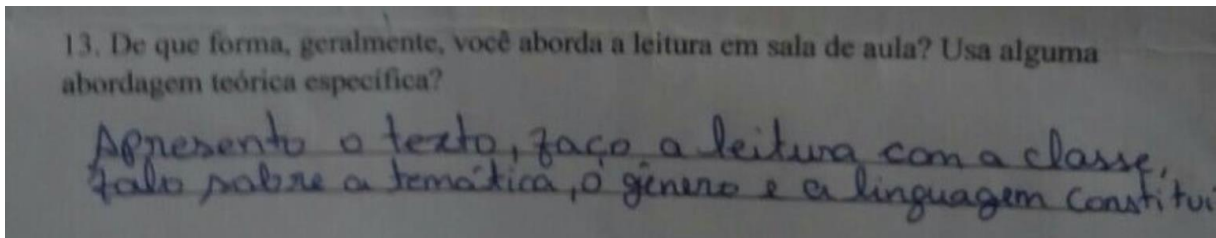
outros diversos livros, mas não ressalta a leitura de livros técnicos voltados para a sua área de trabalho.

Excerto 1- Questionário do professor



Já na questão 13, quando é perguntado sobre a abordagem teórica usada nas aulas, a professora não cita objetivamente nenhuma, refere-se à prática que realiza em sala de aula, mas, aparentemente, aponta para o trabalho com os gêneros do discurso, o que revela alguma intenção em trazer a proposta do trabalho com a leitura sob a concepção bakhtiniana. Contudo, como a resposta não está tão explícita, parece-nos também que a professora pode estar referenciando “gênero” como sinônimo de “tipo” de texto.

Excerto 2- Questionário do professor



Quanto ao profissional que não devolveu o questionário, não há como discutir, já que o mesmo apenas agendou a data para a devolução, mas não fez.

2.7 Análise das atividades de sondagem

A aplicação da atividade de sondagem deu-se em apenas um encontro inicial, no dia 15 de dezembro de 2015, durante o tempo de quatro horas/aula, no período vespertino, estando a turma, ainda, no 7º ano. Na data, estavam presentes 32 alunos, sendo que a turma era constituída por 38 alunos.

Devido ao término do ano letivo – dezembro de 2015 – a turma pesquisada ainda se encontrava no 7º ano do ensino fundamental, no entanto, em 2016, já estão cursando o 8º ano do ensino fundamental. Decidimos iniciar as atividades de um ano letivo para outro por termos

o objetivo de manter contato com a turma e termos tempo para planejar e organizar o que necessário fosse nas atividades que foram aplicadas.

Na atividade inicial (apêndice F) realizada com a turma, tínhamos como objetivos: sondar o nível de leitura dos estudantes (decodificação, compreensão, interpretação e retenção). Além disso, a atividade a seguir foi sistematizada a partir da realidade dos alunos na intenção de ampliar seus conhecimentos, um dos objetivos de leitura ressaltados por Solé (1998).

A primeira atividade realizada com os alunos foi feita com base em um vídeo da inauguração da ponte Belém–Mosqueiro (Vídeo 1 do DVD). No momento da apresentação do vídeo, os alunos mostraram-se interessados no conteúdo que lhes era exposto. Tivemos ainda um outro texto relativo à extração ilegal de areia, de aterro e derrubada de árvores na localidade, evidenciando o descaso do poder político na Ilha. No entanto, logo após, quando deveriam responder às questões referentes ao vídeo, os estudantes apresentaram um certo grau de dificuldade quanto à interpretação das questões, evidenciando, portanto, dificuldades nos últimos níveis de leitura (interpretação e retenção), tanto que pediram para assistir novamente ao vídeo diversas vezes para tentarem responder às questões.

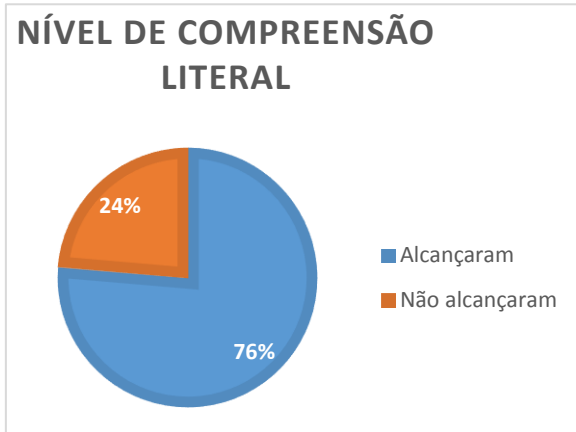
Quanto à leitura do texto, notamos um menor grau de dificuldade no desenrolar das atividades de níveis de leitura. Os detalhes serão tratados nos gráficos abaixo. Quanto às questões trabalhadas na oportunidade, encontram-se na seção, *apêndice* deste trabalho.

A tabulação dos dados deu-se para apresentar a habilidade, a competência leitora dos alunos no início do processo e quais os maiores impasses que poderíamos enfrentar ao longo da empreitada e, ainda, para planejarmos uma atividade de intervenção que tentasse suprir as dificuldades de leitura apresentadas pela turma. Nos gráficos, usamos as legendas “alcançaram”, “alcançaram parcialmente”, “não alcançaram” ou “não responderam”. Fizemos a análise neste único tópico por conta da repetição das legendas e até pela recorrência dos dados referentes aos níveis de leitura.

QUESTÕES

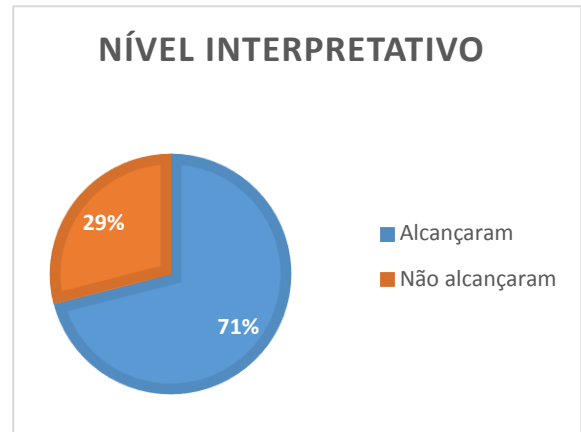
1ª questão: Nível de compreensão literal

GRÁFICO 8



2ª questão: nível interpretativo

GRÁFICO 9



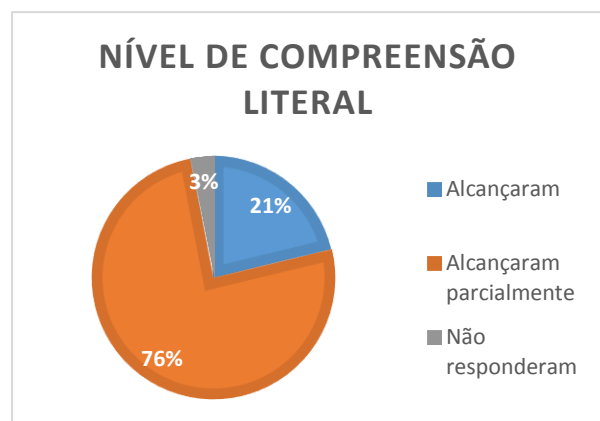
3ª questão: Compreensão no nível interpretativo.

GRÁFICO 10



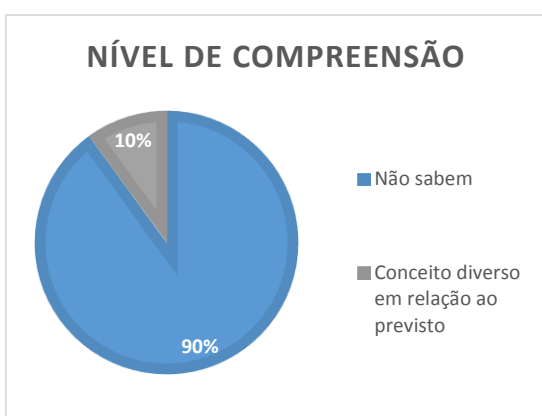
4ª questão: nível de compreensão literal.

GRÁFICO 11



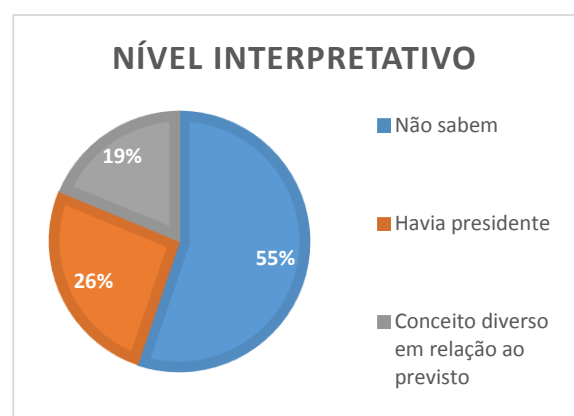
5ª questão: Nível de compreensão

GRÁFICO 12



6ª questão: Nível interpretativo

GRÁFICO 13



7ª questão: Nível de compreensão

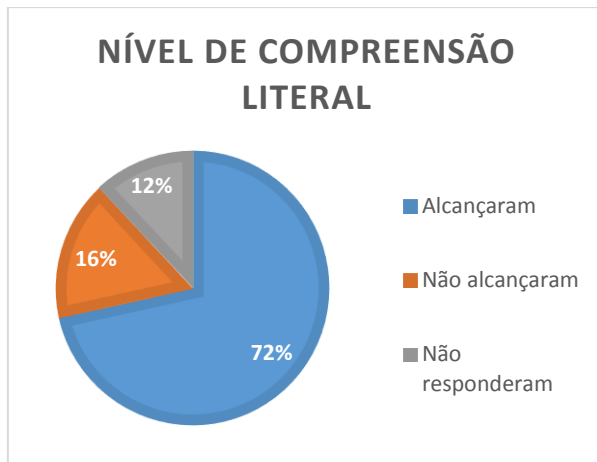
GRÁFICO 14



2ª atividade:

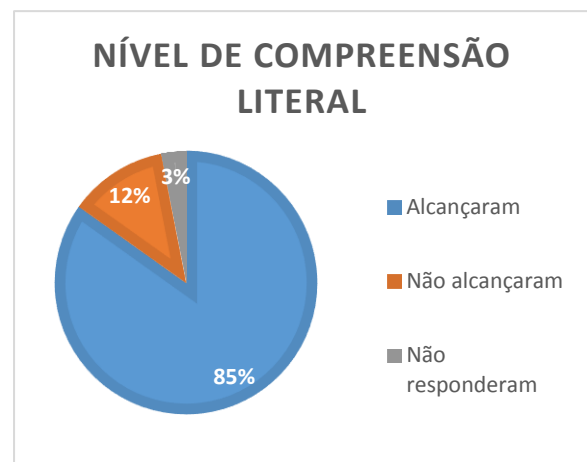
1ª questão: Nível de compreensão literal

GRÁFICO 16



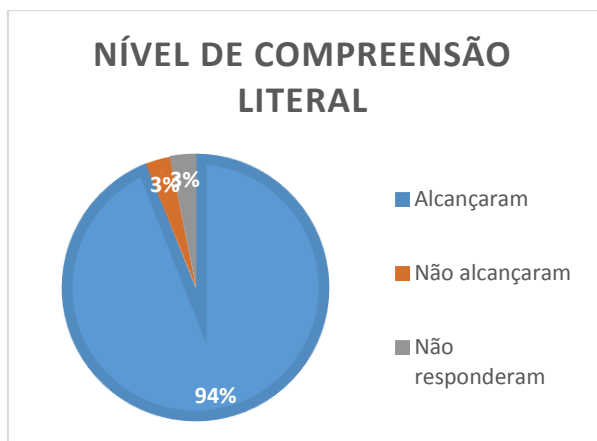
2ª questão: Nível de compreensão literal

GRÁFICO 17



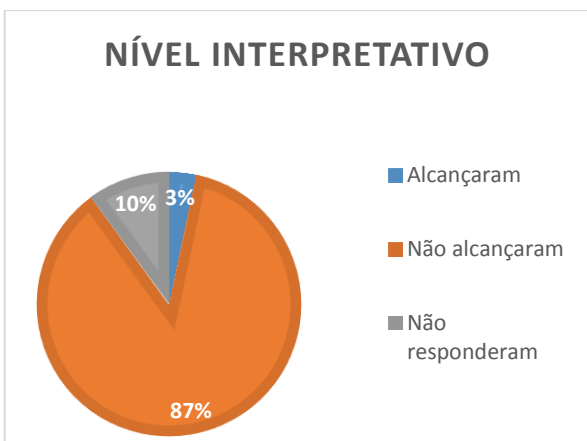
3ª questão: Nível de compreensão literal

GRÁFICO 17



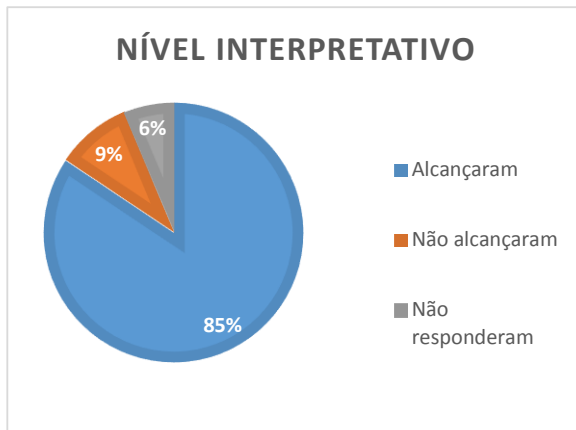
4ª questão: Nível interpretativo

GRÁFICO 18



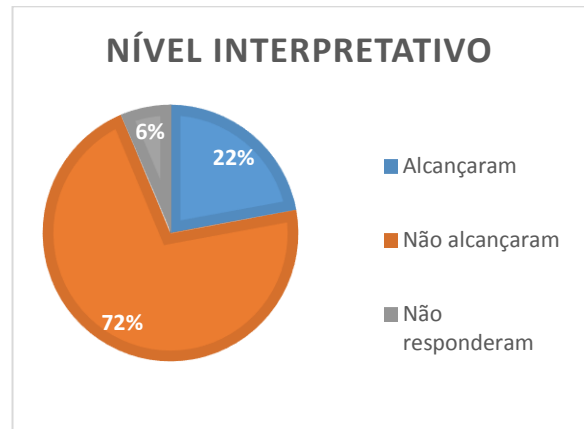
5ª questão: Nível interpretativo

GRÁFICO 19



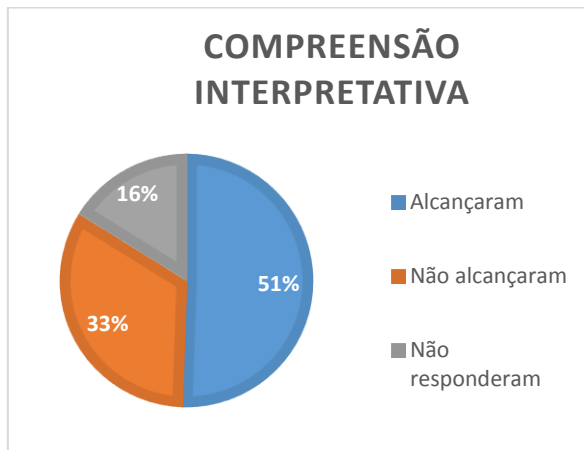
6ª questão: Nível interpretativo

GRÁFICO 20



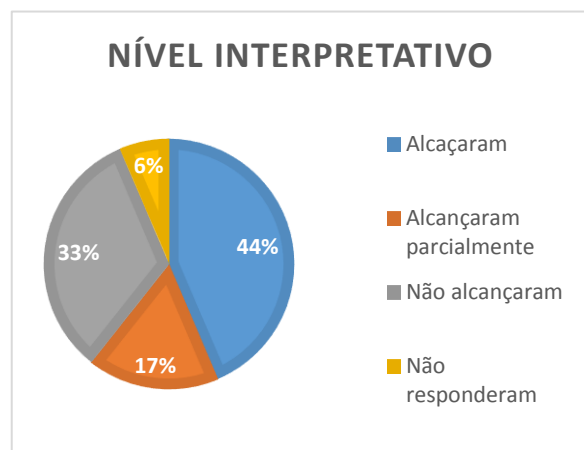
7ª questão: Compreensão interpretativa

GRÁFICO 21



8ª questão: Nível interpretativo

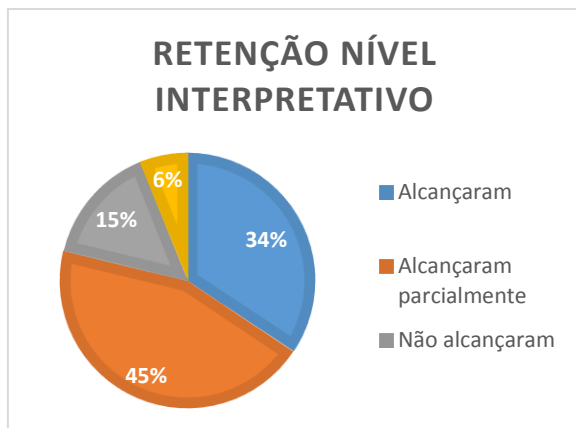
GRÁFICO 22



RELAÇÃO ENTRE VÍDEO E TEXTO ARGUMENTATIVO.

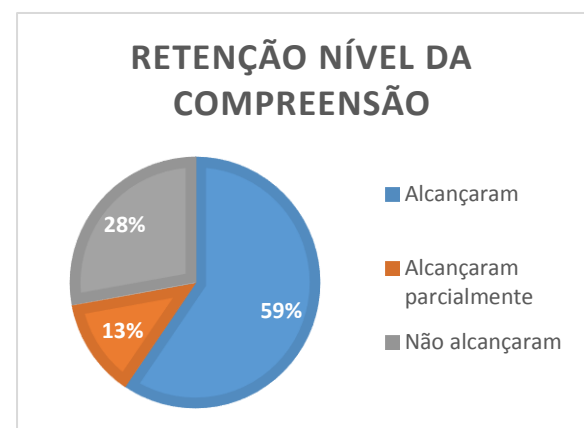
1ª questão: Retenção no nível interpretativo

GRÁFICO 23



2ª questão: Retenção no nível da compreensão

GRÁFICO 24



Ao desenvolvermos o trabalho com a leitura, buscamos a concepção interacionista discursiva de leitura, ou seja, aquela que permite a interação entre autor, texto e leitor, consolidada nos pressupostos do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin e retratamos os resultados dessa etapa de sondagem da pesquisa por meio dos gráficos. De acordo com os diagramas apresentados com base nas atividades (apêndice G), percebemos que os alunos da turma analisada apresentam bom desempenho nas questões de nível de compreensão literal e compreensão de nível interpretativo. Entretanto, quando partimos para o nível interpretativo, o qual exige que associem a informação dada pelo texto ao seu conhecimento prévio sobre o assunto para, então, chegar à interação e, assim, produzir sentidos e alcançar o nível da retenção de novos conhecimentos, os estudantes possuíam dificuldades.

Tínhamos como objetivo de leitura inicial ler para ampliar conhecimentos, conforme os objetivos de leitura apontados por Solé (1998). Para tanto, a atividade de leitura desenrolou-se da seguinte maneira: os alunos fizeram uma leitura inicial silenciosa do texto. Nessa etapa introdutória da leitura, os alunos fizeram a identificação do gênero textual (1ª questão). Ainda se estabeleceu, nessa primeira etapa, a etapa da decodificação: o vocabulário utilizado pelos autores dos textos (palavras de realce à beleza dos lugares); a construção dos parágrafos (curtos e de informações diretas); uso de imagens (fotografias).

Destacaremos algumas questões a seguir, a fim de termos um panorama geral do(s) nível(eis) de leitura da turma pesquisada, os quais reforçarão os dados apontados pelos gráficos construídos acima:

Na 5ª questão (gráfico 12) observamos que cerca de 90% dos estudantes não conseguiram responder ao questionado:

5. No texto, é citada a construção de um obelisco, você sabe o que é isso?

Durante a apresentação do vídeo, embora esse tenha sido reapresentado à turma cerca de cinco vezes, os alunos não conseguiram depreender do contexto do vídeo, o significado da palavra “obelisco”, mesmo que na filmagem tenha aparecido a imagem do monumento comemorativo. Esse fato, revela que devido à imaturidade dos jovens leitores, houve essa dificuldade de buscar no contexto de realização da palavra a construção do significado, denotando, assim, como evidencia Menegassi (2010), dificuldade de compreensão.

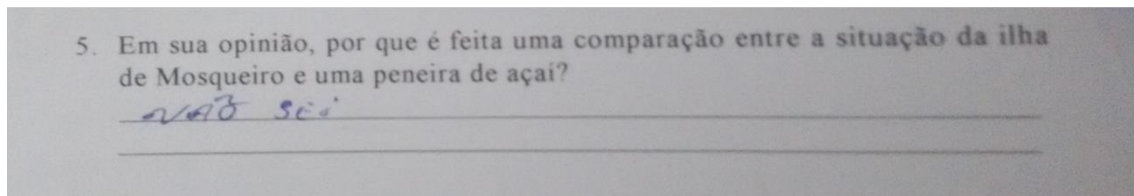
Observemos agora o que ocorreu na questão 7:

7. Qual era o meio de transporte utilizado pelos moradores da Ilha para se locomoverem de Mosqueiro a Belém e vice-versa?

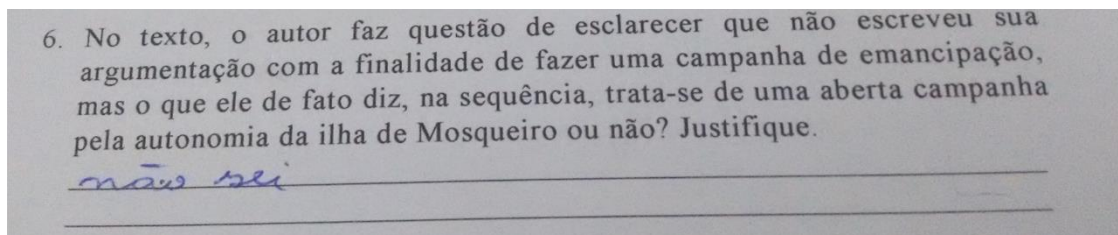
Os alunos não tiveram a menor dificuldade de compreensão do comando da questão, pois, visivelmente a maioria já conhecia o antigo estilo de vida da comunidade, sempre relatado pelos mais velhos do local, que para chegar à cidade de Belém se locomoviam por meio de barcos. Os alunos, de forma geral, conseguiram efetivamente ler o comando e compreender o que esse lhes solicitava, demonstrando, portanto, compreensão do texto.

Notamos ainda que, embora os alunos conhecessem parte do contexto tratado pelo texto, no momento em que precisaram expressar sua opinião, eles apresentaram alguma dificuldade para expressar-se. Partiam, assim, para respostas bastante diretas e, algumas vezes, preferiam não arriscar, ou não tinham o conhecimento, de fato, e respondiam apenas “não” ou “não sei”, como destacamos nos trechos abaixo:

Excerto 1- atividade de sondagem (6ª questão)

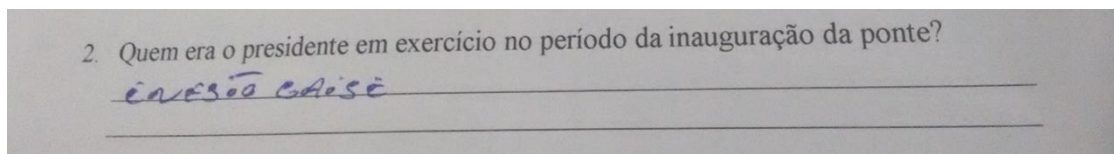


Excerto 2- atividade de sondagem (5ª questão)



Ao observarmos, por exemplo, a questão 2ª da atividade 1ª, notamos que os alunos alcançaram um elevado percentual no nível interpretativo, gráfico 9, contudo, é importante frisar que, nesse momento, os alunos tomaram a atitude de pesquisar, via internet, o nome do presidente em exercício no período militar retratado no texto, como destacamos no excerto abaixo:

Excerto 5- atividade de sondagem (2ª questão)



Verificamos, portanto, que apesar de a maioria das questões de leitura corresponderem ao nível interpretativo, no qual se espera que uma turma de 7º ano domine, os alunos pesquisados ainda encontravam-se mais consolidados nos níveis iniciais de leitura,

decodificação e compreensão. No entanto, esses níveis, para essa turma, já deveriam ter sido suplantados pelo interpretativo e de retenção, pois são nesses últimos estágios que o leitor passa da formação ao desenvolvimento leitor.

Conforme os dados, portanto, foi evidenciado que no terceiro nível de leitura (interpretação) ora os alunos alcançaram parcialmente o nível esperado ora não alcançaram. A partir disso, entendemos que deve ser intensificado o trabalho com os níveis mais elevados de leitura: o nível da interpretação e da retenção. Embasados nesses dados, portanto, sistematizamos uma sequência de atividades por meio das quais visamos observar traços de amadurecimento leitor nos alunos com foco nos níveis de leitura da interpretação e da retenção.

2.8 A proposta de intervenção

Diante das dificuldades que vivenciamos em sala de aula e da sondagem realizada com a turma pesquisada, verificamos que o trabalho a partir dos níveis de leitura pode contribuir para o desenvolvimento leitor dos alunos. Buscamos sistematizar essa atividade por meio da valorização dos conhecimentos prévios dos alunos para, então, construir novos conhecimentos e, nesse percurso, oferecer ferramentas como utilização dos níveis de leitura mais elevados, além dos usos de estratégias e objetivos de leitura, que podem intermediar ou colaborar no avanço quanto aos níveis de leitura. Para isso, lançamos a seguinte proposta de intervenção, a qual dividimos em encontros (aulas), conforme nos foi cedido pelo professor da disciplina de Língua Portuguesa, da turma de 8º ano, com o tempo total de 28 horas/aula em classe.

1º ENCONTRO: (duas horas-aula) – “Mercado do Ver-o-Peso”, “Complexo Feliz Lusitânia” e “Bosque Rodrigues Alves” (Anexo 1).

Propósito da atividade: Essa primeira atividade tem o objetivo de oportunizar a voz aos alunos e sondar, a partir das respostas, qual a leitura que eles fazem do entorno de suas realidades. Além disso, buscamos verificar qual o nível de leitura no qual os alunos se encontram para, a partir disso, encaminhar as atividades conforme a necessidade dos estudantes. Esse momento será introdutório para a apresentação do gênero reportagem turística que será explorado também nas demais etapas do trabalho com a classe.

Atividade:

Primeiro momento: (Perguntas orais) – (coletiva).

Realização da atividade: perguntas e respostas gravadas em áudio (**áudio 1** do CD).

1. A cidade de Belém completa 400 anos em 2016. Data significativa para o povo paraense, mas quanto você conhece do lugar onde vive? Vamos discutir as questões abaixo e conhecer um pouco mais de nossas riquezas locais.

- a) Você conhece algum ponto turístico de Belém? Quais? Qual deles, ou quais, vocês acham mais bonito(s), independente de conhecer pessoalmente ou não?
- b) Vocês já observaram as reportagens que passam na TV sobre pontos turísticos no Brasil? Como, de que forma, eles apresentam o lugar?
- c) Quais são, na opinião de vocês as estratégias que os repórteres usam para escrever as reportagens turísticas? Eles as escrevem de qualquer forma?
- d) Aqui em Mosqueiro existem vários pontos turísticos. Quais deles vocês destacariam?
- e) Vamos escolher um desses pontos turísticos e registrar no quadro os atrativos desse lugar.

Segundo momento: Entrega dos textos “Mercado do Ver-o-Peso” (texto 1), “Complexo Feliz Lusitânia” (texto 2) e “Bosque Rodrigues Alves” (texto3). (Em dupla – leitura silenciosa – produção de respostas manuscritas).

2. Leia os textos a seguir e a partir deles reflita sobre as seguintes questões:

Texto 1 “Mercado do Ver-o-Peso”

Texto 2 “Complexo Feliz Lusitânia”

Texto 3 “Bosque Rodrigues Alves”

- a) Qual a relação entre os três textos?
- b) Você acredita que os três textos foram retirados da mesma fonte ou não? O que os leva a crer nisso?
- c) Os textos lidos por vocês possuem uma linguagem comum a outros textos ou é diferenciada? Se sim, qual a diferença?
- d) A construção textual prendeu sua atenção? Se sim, a que você atribui esse fato?

2º ENCONTRO: (duas horas-aula) Seleção de reportagem turística de interesse das duplas. E comentários sobre o conteúdo temático, construção composicional e estilo. (Atividade em dupla)

Propósito da atividade: propomos uma atividade voltada para a interpretação e retenção textual a fim de percebermos se quando o aluno seleciona o texto que deseja ler tem um melhor desempenho nos níveis de leitura mais elevados (interpretação e retenção).

Atividade:

Primeiro momento: Nessa etapa da atividade, ainda com o roteiro de perguntas de leitura do encontro anterior (esta é a questão de número 3) e com a mesma dupla, apresentamos quatro textos de reportagem turística com os seguintes títulos: *Guarás do Marajó: você sabia?*, *O Pará ganha destaque em revistas e jornais de turismo internacionais*, *Surfistas estabelecem recorde na Pororoca paraense* e *Uma história que completa 388 anos de cores, cheiros e sabores*. Dentre os quais os alunos foram convidados a selecionar o texto de preferência deles e responder aos seguintes questionamentos:

2. Selecione uma das reportagens exposta na sala para trabalhar com sua equipe.
 - a) O que mais chamou sua atenção no texto lido?
 - b) Você gostou da experiência de ter lido esse material? Por quê?
 - c) O conteúdo apresentado no texto lhe pareceu suficiente para dizer que você sabe tudo sobre o lugar retratado?
 - d) Quando você leu a reportagem teve alguma dúvida não esclarecida pelo texto? Se sim, qual?

Segundo momento: A pesquisadora teceu comentários sobre conteúdo temático, construção composicional e estilo do gênero Reportagem Turística:

3º ENCONTRO: (quatro horas-aula) Texto “Moeda social: estratégia de consumo local”. Anexo 3. (Atividade individual)

Propósito da atividade: Nessa atividade trabalharemos cada etapa do processo de leitura: antes, durante e depois, e verificaremos o retorno que os alunos nos dão durante o processo e em qual ou quais etapa(as) o *feedback* dos aprendizes nos parece mais substancial.

Atividade:

Primeiro momento: *Estratégias antes da leitura*. (Etapa coletiva). Nesse primeiro momento as respostas orais serão registradas no gravador.

As perguntas a seguir serão realizadas oralmente pela professora-pesquisadora para a turma:

1. Você sabe o que é uma moeda social?
2. Quem conhece a moeda Moqueio daqui da Baía do Sol?
3. Você conhece ou imagina qual seja a origem dessa moeda?
4. A família de vocês faz uso dessa moeda? Você mais alguém (ou alguém) que faça uso dela?
5. Você entende como funciona essa moeda? É como a moeda nacional, o Real?

Segundo momento: resumo do texto realizado coletivamente, com a intenção de mostrar aos alunos como fazer um resumo, a partir das seguintes questões propostas pela pesquisadora: *sobre o que trata o texto? Qual o objetivo da moeda social? Ela tem o mesmo valor da moeda nacional? Qual o nome da moeda local? Por que foi dado a ela esse nome? A moeda local circula em todas os comércios da Baía do Sol?*

Terceiro momento: Leitura do texto “Moeda social: estratégia de consumo local”. *Estratégias durante a leitura*. Questionamentos sobre o texto com o objetivo de entender se os alunos alcançaram o nível da compreensão. (Etapa individual)

1. Qual ou quais a(s) função(ões) de uma moeda social?
2. Segundo o texto, a moeda social pode trazer muitos benefícios à comunidade. Quais são eles?
3. Qual(is) estratégia(s) criada para incentivar a circulação da moeda Moqueio?
4. A moeda social moqueio foi criada para substituir o Real dentro da comunidade Baía do Sol?

Quarto momento: *Estratégia depois da leitura*: nesta etapa os alunos serão avaliados quanto a retenção do conteúdo trabalhado no texto. (Etapa individual)

5. Você tem observado algum benefício conseguido pela comunidade por conta da circulação do dinheiro local?

4º ENCONTRO: (duas horas-aula) - Atividade de leitura do vídeo: “Conheça Mosqueiro, uma das setes maravilhas do Pará.” (Anexo 2 – Vídeo 2). (Atividade em dupla)

Propósito da atividade: Nessa atividade, trataremos dos níveis de leitura da compreensão, da interpretação e da retenção para observarmos se os alunos continuam revelando avanços na leitura.

Atividade:

Perguntas para verificação da compreensão, da interpretação e da retenção:

1. Quais as localidades de Mosqueiro citadas na reportagem? (nível de leitura: compreensão)
2. Qual a possível intenção da produção dessa reportagem turística? (nível de leitura: interpretação)
3. Você percebeu tecerem (apresentarem) críticas à Mosqueiro nessa reportagem? Você imagina por quê? (nível de leitura: interpretação)
4. Você pôde verificar nela a presença da localidade onde você mora aqui na ilha? Você imagina por que possa ter se dado a escolha daqueles lugares especificamente? (nível de leitura: interpretação)

5. O que há de interessante na comunidade onde você vive que poderia ter sido retratado ou observado na reportagem turística assistida? (nível de leitura: interpretação)

5º ENCONTRO: (duas horas-aula) Vídeo “Fomos abandonados”. (Anexo 4 – Vídeo 3. Respostas manuscritas). (Atividade em dupla)

Propósito da atividade: Nessa etapa do processo de ensino e aprendizagem, os alunos assistirão a um vídeo que mostrará as críticas dos próprios moradores acerca de problemas estruturais da comunidade. Em seguida, farão um resumo do vídeo assistido. Após esse momento, responderão questões nos níveis de leitura da compreensão, da interpretação e da retenção. Por fim, em diálogo com os alunos, comentaremos que nem todas as reportagens que tratam de diferentes localidades são caracterizadas como turísticas e que cada “tipo” de reportagem tem uma intencionalidade nas entrelinhas.

Atividade:

Primeiro momento:

O vídeo “Fomos abandonados” será apresentado aos alunos. Em seguida, solicitaremos que produzam um resumo do vídeo.

Observação: (*caráter idiossincrático*) Ressaltaremos aos alunos que cada dupla fará seu próprio resumo e, possivelmente, teremos diferentes construções, porém as ideias principais do texto não poderão ser perdidas nas produções textuais.

Segundo momento:

Após a produção do resumo, os alunos responderão as seguintes questões:

1. Do que trata o vídeo? (nível de leitura: compreensão)
2. A intenção dessa segunda reportagem é a mesma da primeira? As duas são reportagens turísticas? (nível de leitura interpretação)
3. Qual a relevância dessa reportagem sobre a Baía do Sol? (nível de leitura: interpretação)
4. Você concorda que mudanças são necessárias em sua localidade? Quais seriam elas, sob seu ponto de vista? (nível de leitura: retenção)

6º ENCONTRO: (quatro horas-aula) Texto “Baía do Sol, Mosqueiro”. (Anexo 4)/ Estudo do gênero entrevista (Anexo 5)/ Simulação de entrevista / Seleção das temáticas para a reportagem. (Anexo 6). (atividade em dupla)

Propósito da atividade: Esta será a etapa mais longa do trabalho, pois será iniciada com a exploração de um texto referente à história da comunidade para, em seguida, trabalharmos com os alunos o gênero entrevista e, por fim, os encaminharemos a construir reportagens turísticas acerca da comunidade onde vivem, a Baía do Sol.

Atividade:

Primeiro momento: Os estudantes farão uma atividade referente à compreensão do texto “*Baía do Sol no percurso da história*”:

1. Qual era o antigo nome da comunidade Baía do Sol?
2. Baía do Sol em suas origens era habitada por quem?
3. O texto explica a origem do nome da comunidade? Qual seria?
4. Qual família habitava a Fazendinha da Baía do Sol?
5. A tradição do trabalho com a pesca é registrada no texto. Ainda hoje essa tradição continua em meio a sua comunidade? Alguém de sua família ou amigo sustenta a família com a pesca?
6. Como se deu o início da tradição católica da Baía do Sol?
7. As comemorações das festividades religiosas ainda se preservam atualmente como da forma narrada pelo texto?

Segundo momento: Os aprendizes terão o primeiro contato com o gênero entrevista (conceito, tipos de entrevista, práticas básicas necessárias para a realização de uma entrevista – por meio de material entregue pela pesquisadora).

Terceiro momento: Os estudantes farão a simulação de uma entrevista em sala de aula com os colegas a partir de temáticas escolhidas pela turma e pela professora.

Quarto momento: Os alunos selecionarão juntamente com a professora temáticas relacionadas aos atrativos da comunidade Baía do Sol por meio de uma entrevista com moradores antigos da comunidade com a intenção de, a partir dos relatos deles, angariar informações a respeito da história da comunidade, suas raízes, riquezas e curiosidades para, por fim, construirmos uma revista impressa de reportagem turística da comunidade Baía do Sol e realizarmos o lançamento e apresentação do exemplar na comunidade.

7º ENCONTRO: (três horas-aula) Orientação para a realização da entrevista. (atividade em dupla)

Propósito da atividade: verificar a elaboração inicial da entrevista: a pertinência das perguntas levantadas, a sequência das perguntas e a seleção dos dados mais relevantes dentro da análise do material pesquisado (como aprendido quando lhes foi proposto o resumo de textos em atividades anteriores).

Atividade: Serão verificados os materiais que cada dupla levantou. Em seguida, será feita a seleção, juntamente com os alunos, das informações mais relevantes dos materiais pesquisados, das perguntas para a entrevista e a reformulação das perguntas, caso necessário.

8º ENCONTRO: (três horas-aula) Análise da entrevista realizada e retextualização do gênero entrevista para o gênero reportagem turística. (Atividade em dupla)

Propósito da atividade: Analisaremos as entrevistas coletadas pelas duplas. Em seguida, os estudantes conhecerão o processo de retextualização. Esse trabalho se dará com a finalidade não apenas de elaborar uma revista de reportagem turística da comunidade Baía do Sol, mas, principalmente, para possibilitar ao aluno, durante o processo, o avanço enquanto leitor que sabe fazer seleção de informações e, mediante a pesquisa anteriormente realizada, construir textos com marcas próprias da reportagem turística.

Atividade:

Primeiro momento: Análise das entrevistas realizadas pelos alunos com os idosos da comunidade.

Segundo momento: Ampliação do repertório: serão apresentadas reportagens turísticas em revistas a fim de que os alunos sejam ainda mais familiarizados com o gênero, agora apresentado dentro do seu suporte, a revista.

Terceiro momento: Analisar as marcas próprias do gênero: rever e esclarecer dúvidas a respeito dos recursos utilizados pelos repórteres na produção de reportagens turísticas.

Quarto momento: Os alunos aprenderão como retextualizar e o farão do gênero entrevista para o gênero reportagem turística.

9º ENCONTRO: (duas horas-aula) Revisão dos textos de reportagem turística. (Atividade em dupla)

Propósito da atividade: verificar até que ponto os alunos conseguiram analisar, sugerir e discutir a produção das reportagens dos colegas.

Atividade: Os alunos terão acesso ao texto dos colegas, por meio de trocas de textos, e terão a possibilidade de opinar em relação à leitura que o colega fez do texto e à construção dele.

10º ENCONTRO: (três horas-aula) Produção da revista de reportagem turística. (Atividade em dupla)

Propósito da atividade: Proporcionar aos alunos a produção do gênero revista, ainda que amador, a fim de que eles vivenciem a produção do gênero, não apenas na teoria.

Atividade: Os alunos serão conduzidos à sala de informática com seus textos e fotos referentes as suas reportagens turísticas para digitá-los no programa Publisher. A professora irá auxiliá-los nesse contato com o programa de computador.

11º ENCONTRO: (uma hora-aula) Apresentação das revistas de reportagens turísticas para a comunidade escolar (Atividade coletiva)

Propósito da atividade: Essa atividade será o momento de divulgação do trabalho realizado pela turma para a comunidade escolar.

Atividade: Nesta etapa, os alunos farão a exposição das reportagens turísticas que elaboraram para toda a comunidade escolar ter acesso a ela. Será deixado um exemplar da revista na biblioteca da escola para orientações e pesquisas futuras de outras pessoas, já que materiais a respeito de pesquisas da comunidade ainda são escassos.

2.9 Metodologia de análise do material coletado na proposta de intervenção

A partir das atividades realizadas, analisaremos o(s) nível(eis) de leitura que a turma alcançou. Essa análise será realizada a partir dos textos teóricos que embasam esta pesquisa. Em seguida, confrontaremos os dados da atividade inicial com os dados da atividade final a fim de percebermos se tal qual traçamos nos objetivos, houve avanço nos níveis de leitura da turma.

Assim, finalizamos este capítulo metodológico em que caracterizamos o tipo de pesquisa, o contexto, a turma, os recursos, os instrumentos de pesquisa, a análise dos questionários, dos alunos e dos professores, a análise da atividade de sondagem, a proposta de intervenção e as etapas de análise do material coletado, a qual, por fim, será apresentada na próxima seção.

3

APLICAÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES

A leitura é para o intelecto o que o exercício é para o corpo.
Joseph Addison

Apresentamos, nesta seção, as análises das atividades realizadas com a turma de 8º ano, à luz das teorias que fundamentam este trabalho. Optamos pela divisão deste capítulo em duas etapas: iniciamos com a análise da proposta de intervenção, sob as teorias que dão base a este trabalho; e encerramos com o confronto dos dados apresentados no início das atividades e ao final, a fim de percebermos se houve ou não avanços nos níveis de leitura da turma.

3.1 Análise da proposta de intervenção

A proposta de intervenção que apresentaremos a seguir é dividida em três etapas: atividade inicial, atividades intermediárias e atividades finais, sobre as quais apresentaremos qual(is) fora(m) o(s) nível(eis) de leitura alcançado(s) pelos alunos, relacionaremos ainda o desenrolar dos trabalhos realizados às teorias que lhes dão suporte e apontaremos, ainda, alguns dados percentuais sobre os níveis de leitura alcançados. Destacamos também que ao longo das análises apresentaremos excertos de textos dos alunos da turma, sem necessariamente repetirmos os mesmos autores, a fim de percebermos nas respostas originais a correspondência de dados entre elas e as análises.

3.1.1 Atividade inicial (primeiro e segundo encontro)

Esta atividade inicial, **primeiro encontro**, (áudio 1, CD de áudios / anexo 1), ocorrida em duas horas-aula, foi realizada de forma oral e coletiva. A etapa introdutória da discussão oral foi pensada como mecanismo de motivação para que os alunos adentrassem as leituras de forma que se sentissem envolvidos por elas. Isso se deu da seguinte maneira: propomos aos alunos, por meio das perguntas que serão analisadas, o levantamento do conhecimento prévio dos alunos-leitores acerca da temática.

As perguntas sobre pontos turísticos locais visam aproximar, incitar o desejo de integrar-se e de buscar responder ao questionado por parte dos alunos, o que Solé (1998) destaca como adequado, pois fazer uso de temáticas mais ou menos conhecidas e considerar o conhecimento prévio dos alunos com relação ao texto contribui na aproximação inicial dos aprendizes. Além disso, é importante oferecer o suporte necessário para que os alunos

construam pontes de sentido adequadas ao texto. As atividades foram realizadas a partir de cinco perguntas:

- a) *Você conhece algum ponto turístico de Belém? Quais? Qual deles, ou quais, vocês acham mais bonito(s), independente de conhecer pessoalmente ou não?*
- b) *Vocês já observaram as reportagens que passam na TV sobre pontos turísticos no Brasil? Como, de que forma, eles apresentam o lugar?*
- c) *Quais são, na opinião de vocês as estratégias que os repórteres usam para escrever as reportagens turísticas? Eles as escrevem de qualquer forma?*
- d) *Aqui em Mosqueiro existem vários pontos turísticos. Quais deles vocês destacariam?*
- e) *Vamos escolher um desses pontos turísticos e registrar no quadro os atrativos desse lugar.*

Na letra **a** eles responderam com facilidade e citaram “*o Mercado do Ver-o-Peso, Estação das Docas, Teatro da Paz*”, entre outros pontos turísticos de Belém. Dentre os pontos turísticos, os estudantes destacaram como o mais bonito o Teatro da Paz. Demonstraram facilidade nas respostas, possivelmente, pela proximidade entre a temática tratada e o próprio conhecimento de mundo.

Na letra **b e c**, os estudantes relataram sobre quais as estratégias usadas nas reportagens turísticas das quais eles têm conhecimento, ao que um dos alunos sugeriu que “*se eles pegam uma pessoa típica de lá, eles fazem a entrevista, mas não vão escrever exatamente como a pessoa fala [...]*”; o estudante pareceu se referir aos ajustes, ou edições, que são realizados nas entrevistas que geram reportagens. Contudo, percebemos que, inicialmente, os alunos não destacaram características específicas das reportagens turísticas, como o uso de palavras ou expressões que exaltem a beleza do lugar [uma das características mais fortes do gênero, aspecto esse ainda, aparentemente, desconhecido pela maioria dos estudantes], certamente por ser um gênero ainda desconhecido deles.

Na **d**, os alunos apresentaram grande facilidade em sugerir nomes de pontos turísticos de Mosqueiro, obviamente, por ser algo que está totalmente integrado ao cotidiano dos jovens. Eles citaram os seguintes lugares: “*Praça da Vila, Tapiocaria, Praia do Farol, Marahu, São Francisco, Paraíso, praias da Baía do Sol.*”

Notamos que os alunos envolveram-se completamente com as questões levantadas e, por serem, como já destacado, perguntas totalmente integradas ao cotidiano deles, os jovens responderam com rapidez e raciocínio adequado ao que solicitavam todas as perguntas. Desta forma, a etapa da motivação, ativação do conhecimento prévio foi correspondida pelos alunos.

Na sequência, na segunda etapa da atividade, segunda questão, realizamos atividade de leitura, com registros escritos sobre três textos relativos a pontos turísticos de Belém (anexo 1): *Mercado do Ver-o-Peso, Complexo Feliz Lusitânia e Bosque Rodrigues Alves*. O desenvolvimento dessa segunda etapa da atividade deu-se com o objetivo mais específico de possibilitar aos alunos um maior contato com os diferentes níveis de leitura (decodificação, compreensão, interpretação e retenção) a partir dos textos sobre atrações turísticas de Belém.

Na sequência das questões, na letra **a**,

a) *Qual a relação entre os três textos?*

Destacamos as seguintes respostas:

Excerto 1: letra a

a) Qual a relação entre os três textos?
São pontos turísticos bem conhecidos pelos parenses e destacam muita beleza.

Excerto 2: letra a

a) Qual a relação entre os três textos?
A RELACÃO QUE HÁ ENTRE ELAS É QUE TODOS SÃO DE UM LUGAR E AS HISTÓRIAS.

Excerto 3: letra a

a) Qual a relação entre os três textos?
um ponto turístico de mesmo nível

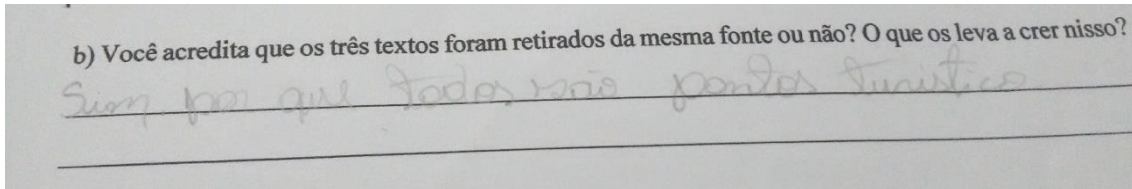
Na questão, no nível da compreensão, os alunos não apresentaram, de forma geral, dificuldade na identificação da relação entre os textos. Conseguiram, portanto, efetivamente alcançar o nível de compreensão inferencial extratextual, pois, segundo Menegassi (2010, p. 45) “compreender um texto é ‘mergulhar’ nele e retirar sua temática e as suas ideias principais.”. Sendo essa uma etapa fundamental no processamento da leitura, os jovens leitores adentraram o texto de forma adequada, com sucesso.

Na letra **b**,

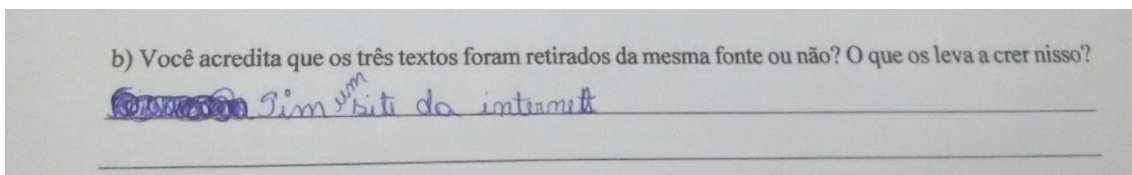
b) *Você acredita que os três textos foram retirados da mesma fonte ou não? O que os leva a crer nisso?*

Os alunos tinham um dado que os auxiliou, contudo, era necessário que atentassem para as informações constantes no texto, o site do qual os três textos foram extraídos. Essa referência fora citada por grande parte dos alunos, cerca de 60%. Entretanto, outros, 40%, não conseguiram depreender a informação, ainda que explícita, do texto.

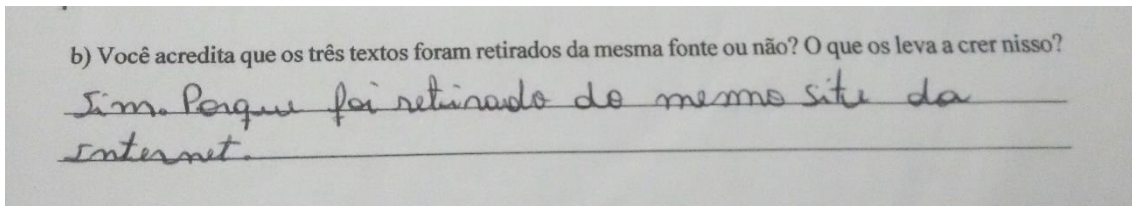
Excerto 1: letra b



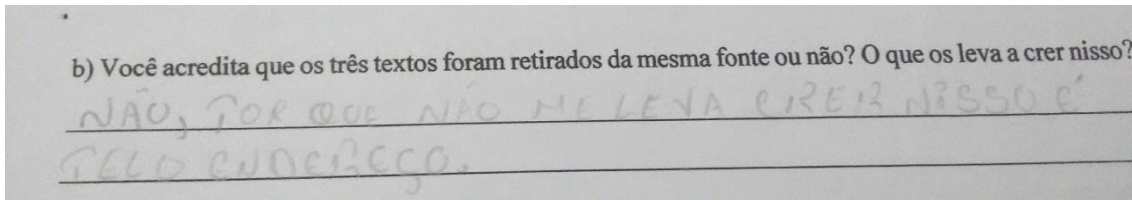
Excerto 2: letra b



Excerto 3: letra b



Excerto 4: letra b



No *excerto 1*, observamos que o aluno consegue responder a primeira parte da pergunta, mas a segunda ele parece não compreender o que ela solicita; nos *excertos 2 e 3*, as respostas denotam a compreensão do solicitado nas perguntas; no *excerto 4*, porém, verificamos que o aluno não compreende nenhuma parte da pergunta, demonstrando, assim, dificuldade no nível da compreensão.

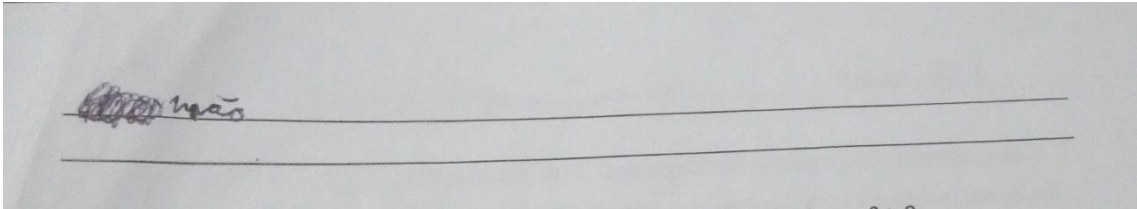
Na letra **c**,

c) Os textos lidos por vocês possuem uma linguagem comum a outros textos ou é diferenciada? Se sim, qual a diferença?

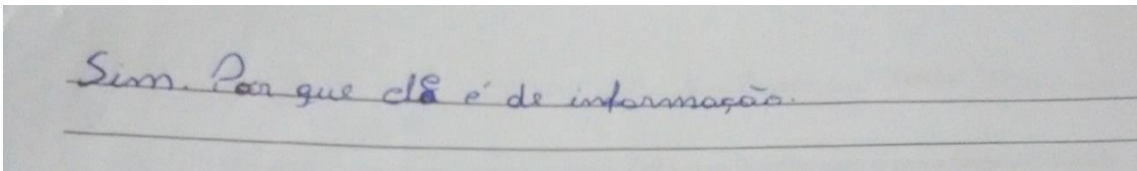
As respostas incorreram nos seguintes tipos: aquelas que diretamente responderam “*não*”, aparentemente, por não buscar refletir sobre o solicitado no comando da questão (tipo

1); aquelas que, apesar da visível incerteza na compreensão do texto, arriscaram-se (tipo 2); e por fim, as respostas daqueles alunos que nos procuraram para buscar mais esclarecimento, devido a alguma dificuldade inicial na compreensão, e deram uma resposta bem próxima ao que, de fato, a questão solicitava dos aprendizes (tipo 3).

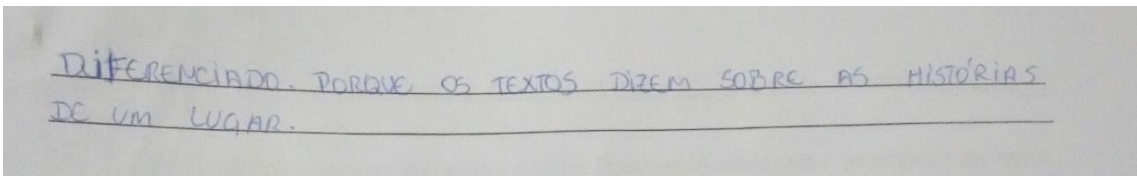
Excerto 1: tipo 1



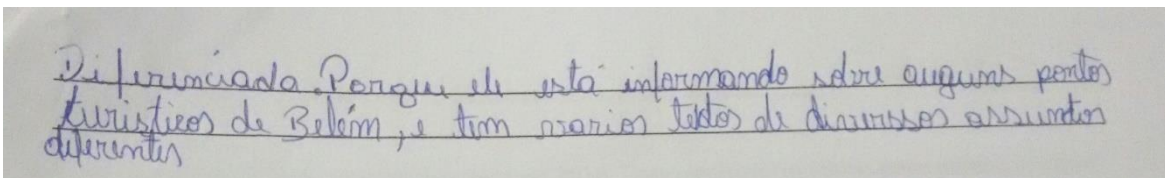
Excerto 2: tipo 2



Excerto 3: tipo 3



Excerto 4: tipo 3



No *excerto 1*, observamos que o aluno conseguiu responder a primeira parte da pergunta, mas a segunda ele parece não compreender o que solicitava; nos *excertos 2 e 3*, as respostas denotaram a compreensão do solicitado nas perguntas; no *excerto 4*, porém, verificamos que o aluno não compreendeu nenhuma parte da pergunta, demonstrando, assim, dificuldade no nível da compreensão.

Notamos, portanto, que, apesar da pouca autonomia leitora demonstrada, há, no geral, um interesse pela busca da compreensão textual, embora ainda tímidos, percebíamos as suposições, as inferências no momento em que nos procuravam para sanar dúvidas e traziam suas suposições, como destacamos a seguir: *aluno X*: “nem todos os textos falam de lugares, da história deles... então a linguagem é diferente.”; *aluno Y* “como assim linguagem? Coisas que

se fala? Se for isso, então é diferente porque eles falam sobre pontos turísticos e outros textos falam sobre coisas muito diferentes.”

Em várias situações, notamos que os alunos sabem a resposta e que, na realidade, eles sentem insegurança em relacionar textos e, ainda, tinham dificuldade de organizar o raciocínio e transferi-lo para o papel. Quando fazíamos alguma pergunta, às vezes, apenas líamos o comando e os alunos respondiam exatamente ao perguntado, o que nos demonstrou uma certa dependência do outro para construir suas próprias constatações, certamente devido a imaturidade leitora dos aprendizes.

De forma geral, a compreensão foi alcançada na letra c (cerca de 70% dos alunos), pois, em sua maioria, os estudantes conseguiram entender a temática relativa aos textos e as informações principais deles, para, então, relacioná-los e diferenciá-los de textos de gêneros diferentes.

Na letra d,

d) A construção textual prendeu sua atenção? Se sim, a que você atribui esse fato?

Excerto 1: letra d

d) A construção textual prendeu sua atenção? Se sim, a que você atribui esse fato?
 Porq ele esta me informando sobre coisas.

Excerto 2: letra d

d) A construção textual prendeu sua atenção? Se sim, a que você atribui esse fato?
 SIM. SOBRE MUITAS COISAS QUE ESTÁ ESCRITO

Excerto 3: letra d

d) A construção textual prendeu sua atenção? Se sim, a que você atribui esse fato?
 Sim, por que ele está falando da nossa cidade e dos pontos turísticos.

Excerto 4: letra d

d) A construção textual prendeu sua atenção? Se sim, a que você atribui esse fato?
 Sim porque eles ~~falam~~ estão falando de alguns pontos turísticos de Belém, e num todos os textos falam sobre Belém

Verificamos que, apesar da pergunta ter cunho pessoal, ela solicitava uma justificativa relacionada ao texto, e notamos que retornar ao conteúdo para comprovar por que o texto lhes prendeu a atenção foi difícil para a turma, tanto que apenas cerca de 65% dos estudantes conseguiu justificar. Dessa forma, notamos que os alunos tiveram dificuldade na compreensão da relação entre os textos: a linguagem comum a eles, o objetivo das construções textuais e etc. Verificamos ainda que a ampliação de conhecimentos por parte dos alunos é emergencial, especialmente porque os aprendizes já estão próximos do final do ensino fundamental e, certamente, possuem conhecimentos, mas esses precisam ser ampliados, conforme afirma Vygotsky (1991).

Em suma, na primeira questão, notamos que os aprendizes possuem dificuldade na compreensão, o que nos aponta que devemos estruturar os próximos passos a partir de estratégias de leitura que auxiliarão os aprendizes no avanço leitor, a exemplo da produção de resumos dos textos trabalhados para, a partir daí, trabalharmos com atividades no nível da interpretação e da retenção.

No **segundo encontro**, ainda como primeira atividade, duas horas-aula, trabalhamos o gênero reportagem turística a partir de quatro textos, com os seguintes títulos (anexo 2): *Guarás do Marajó, Sufistas estabelecem recorde na Pororoca, O Pará ganha destaque em revistas e jornais de turismo internacionais e Uma história que completa 388 anos de cores, cheiros e sabores.*

Nesta segunda etapa de realização das atividades (ocorrida em duas horas/aula), apresentamos quatro textos de reportagens turísticas à turma e solicitamos que eles selecionassem o texto de reportagem que lhes interessasse.

Os alunos-leitores fizeram a leitura dos textos, alguns preferiram trocar por outro que lhes parecia mais interessante, e, em seguida, responderam a questão sobre a reportagem selecionada.

3. Selecione uma das reportagens expostas em sala para trabalhar com sua equipe:

a) O que mais chamou sua atenção no texto lido?

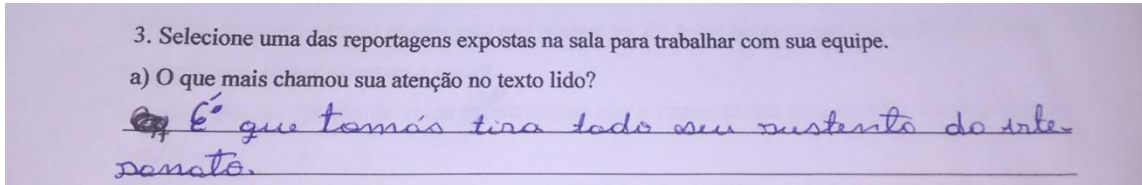
b) Você gostou da experiência de ter lido esse material? Por quê?

c) O conteúdo apresentado no texto lhe pareceu suficiente para dizer que você sabe tudo sobre o lugar retratado?

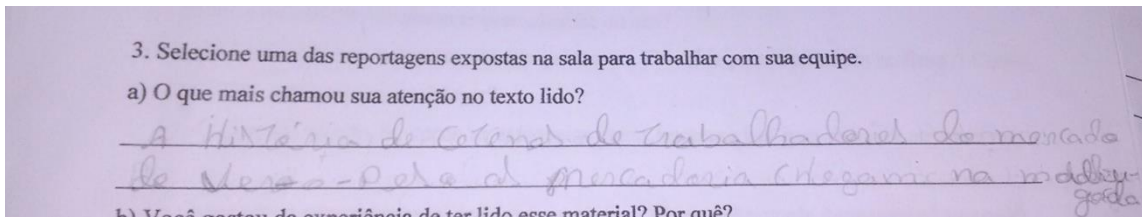
d) Quando você leu a reportagem, você teve alguma dúvida não esclarecida pelo texto? Se sim, qual?

Na letra **a**, pergunta no nível de leitura da compreensão, os alunos-leitores tiveram, no geral, um bom nível de compreensão do texto (cerca de 70%) conseguiram alcançar o nível a partir de respostas pertinentes em relação ao questionado.

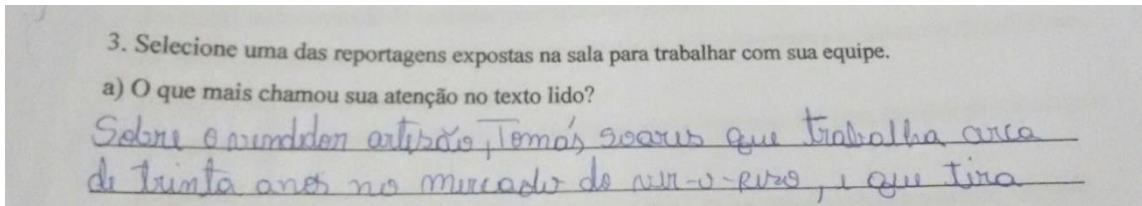
Excerto 1: letra a



Excerto 2: letra a

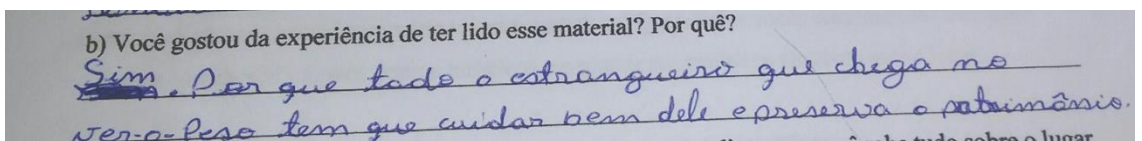


Excerto 3: letra a

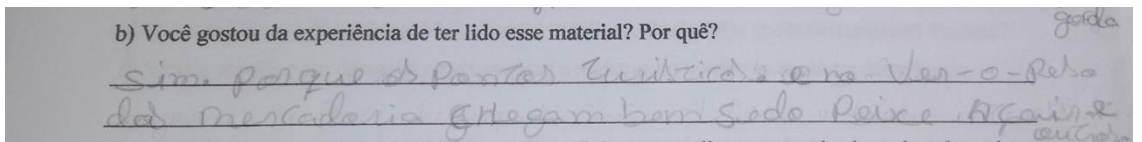


Na letra **b**, pergunta no nível de leitura da interpretação, selecionamos as seguintes respostas para exemplificar:

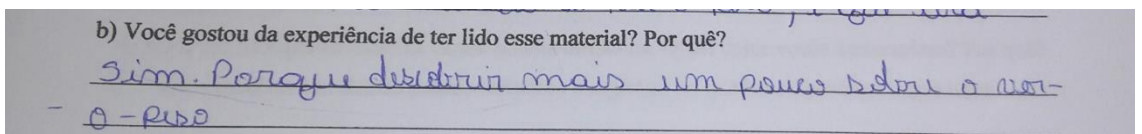
Excerto 1: letra b

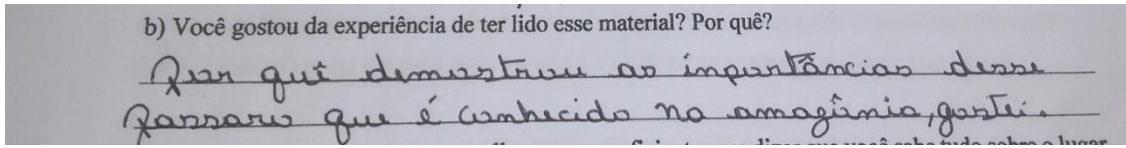
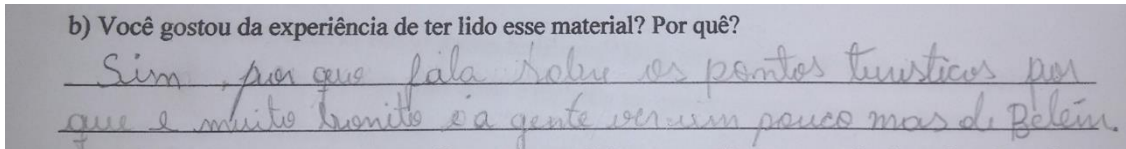


Excerto 2: letra b



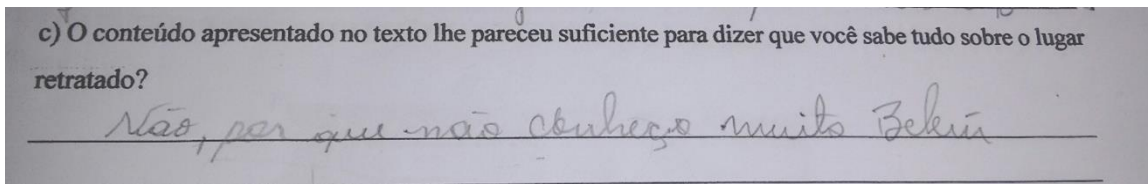
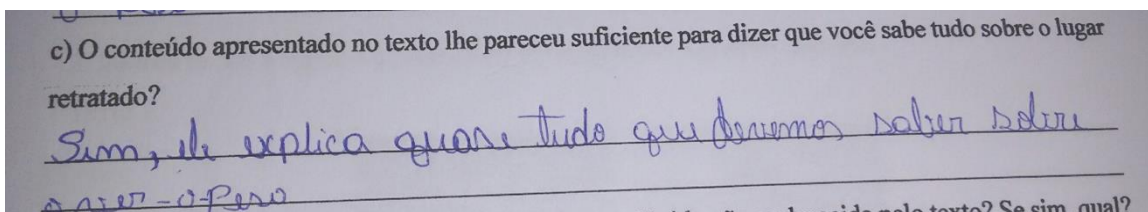
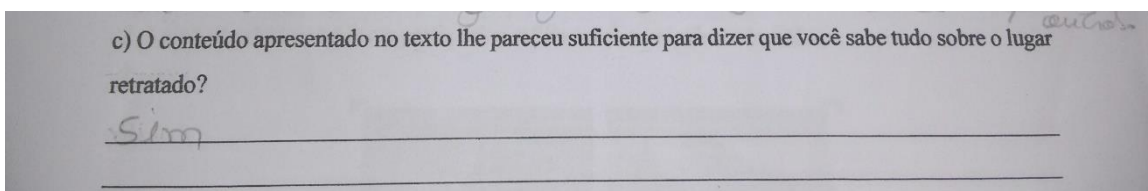
Excerto 3: letra b

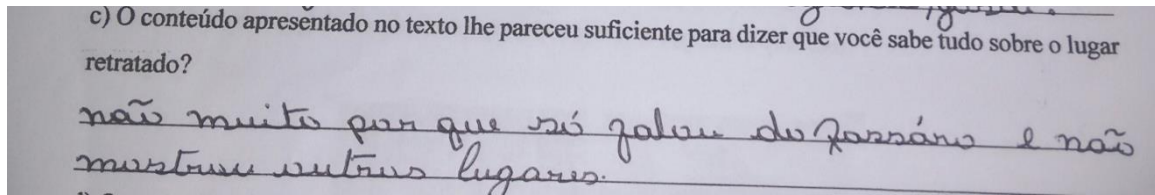


Excerto 4: letra b**Excerto 5: letra b**

Na intenção de estimularmos o amadurecimento do ponto de vista dos alunos em relação ao texto, notamos que eles, pelo fato de terem tido uma boa compreensão do conteúdo textual, também tiveram um bom desempenho na interpretação, cerca de 90%, alcançou o nível interpretativo, pois apresentaram respostas que condizem com o que solicita a questão, mas ainda assim tivemos cerca de 10% dos alunos que não apresentaram respostas à questão.

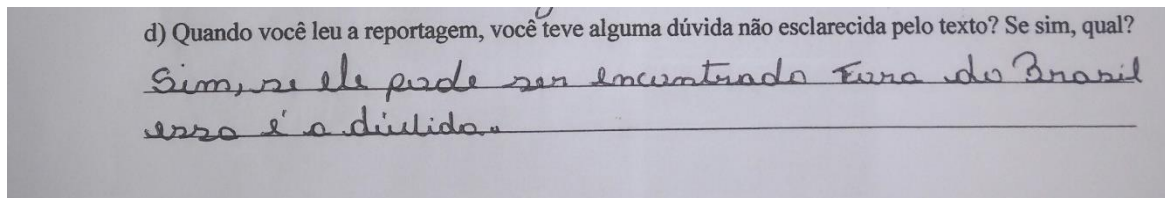
Quanto à letra c, pergunta no nível de leitura da interpretação, essa questão foi apresentada com a intenção de observarmos qual seria o posicionamento leitor do aluno ao ser questionado se o conteúdo apresentado pelo autor do texto seria suficiente para o leitor dizer que sabe tudo sobre determinado tema. Destacamos as seguintes respostas:

Excerto 1: letra c**Excerto 2: letra c****Excerto 3: letra c**

Excerto 4: letra c

Conforme notamos, cerca de 50% dos alunos compreendeu que a leitura do texto não apresenta todas as informações necessárias para que eles afirmem que sabem tudo sobre determinado assunto. Outros 50%, ainda demonstrando ingenuidade ou falta de compreensão do comando [explicado em sala], afirmam que o texto foi suficiente para que detivessem todo o conhecimento sobre o tema lido. Ao final da atividade, tecemos alguns comentários sobre esta letra **c**, e destacamos a necessidade de lermos mais e buscarmos conhecimento, pois, em momento algum, saberemos tudo sobre algo.

Por fim, na letra **d**, pergunta no nível de leitura da retenção, a maioria dos alunos, cerca de 90%, declarou não ter tido nenhuma dúvida não esclarecida pelo texto lido [responderam somente *não*], apenas aproximadamente 10% destacaram que à medida que leram o texto emergiu determinada dúvida:

Excerto 5: letra d

Ao final da atividade, explicamos aos alunos que o gênero Reportagem Turística apresenta, assim como os demais, características próprias que nos fazem entender que se trata de uma Reportagem Turística e não de um outro gênero textual. Destacamos os três elementos que compõem os gêneros, segundo Bakhtin (1997): conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Quanto ao conteúdo temático, referimos que o gênero trata da apresentação de pontos turísticos, dos quais revelam as belezas naturais, as curiosidades, a história, a cultura, entre outros. No que concerne à construção composicional, as reportagens turísticas são compostas, no geral, por linguagem clara, simples e palavras de exaltação ao lugar apresentado. E, por fim, sobre o estilo, destacamos nas reportagens a extensão e a disposição do texto na página, o uso de imagens (fotos) na estruturação textual, a fim de na apresentação do lugar incitar no turista o desejo de conhecê-lo.

3.1.2 Atividades intermediárias (terceiro ao sexto encontro)

No **terceiro encontro**, realizado em quatro horas-aula, primeiramente, apresentamos algumas perguntas como estratégia antes da leitura, as quais os alunos apresentaram as respostas subsequentes:

1. *Você sabe o que é uma moeda social?*

R: **Aluno 1**: “A moeda da comunidade”.

Aluno 2: “moeda social é do bairro, que a gente só usa aqui, o Moqueio a gente só usa aqui na Baía do Sol.”

2. *Quem conhece a moeda Moqueio daqui da Baía do Sol?*

R: A maioria dos alunos respondeu que conhece, apenas cerca de dois ou três ainda não visualizaram pessoalmente a moeda.

3. *Você conhece ou imagina qual seja a origem dessa moeda?*

R: Um aluno sugeriu: **Aluno 3**: “Acho que dos índios Tupinambás.”. Os demais não souberam responder.

4. *A família de vocês faz uso dessa moeda? Você mais alguém (ou alguém) que faça uso dela?*

R: Respostas geral: “Sim, às vezes.”.

Aluno 4: “Eles vão no banco e trocam a moeda.”

Aluno 5: “Eles vão no banco, a gente dá uma moeda de um real e eles trocam por um Moqueio. Tem comércio aqui na Baía do Sol que não aceita.”

5. *Você entende como funciona essa moeda? É como a moeda nacional, o Real?*

R: **Aluno 6**: “É ‘pra’ circular só aqui no bairro, só aqui na Baía do Sol.”

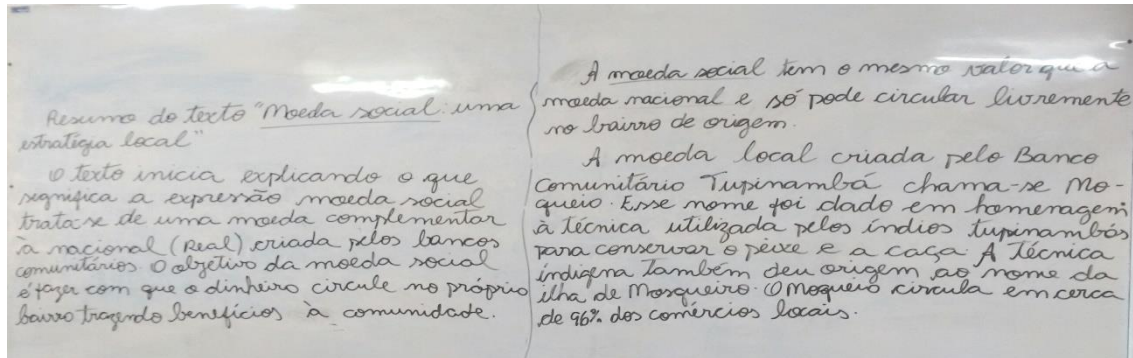
Após esse momento introdutório, seguimos para a leitura do texto “*Moeda social, estratégia de consumo local*”. Na ocasião, estavam presentes em sala 26 alunos, aos quais foi solicitado que realizassem a atividade individualmente. Quanto à leitura do texto, foi primeiro silenciosa, depois coletiva.

Em seguida, sugerimos a produção de um resumo do texto juntamente com a turma a partir das questões apresentadas a seguir: *sobre o que trata o texto? Qual o objetivo da moeda social? Ela tem o mesmo valor da moeda nacional? Qual o nome da moeda local? Por que foi*

dado a ela esse nome? A moeda local circula em todas os comércios da Baía do Sol?. Essas questões foram anotadas no texto para que os alunos as visualizassem e fossem construindo o texto conosco.

Dessas questões resultou o seguinte resumo da turma:

Imagem- Atividade de resumo coletivo na lousa



O resumo foi realizado com a finalidade de possibilitar ao aluno a compreensão textual, uma das estratégias de leitura apontadas por Solé (1998), pois, de acordo com a autora, é importante “os alunos entenderem por que precisam resumir, que assistam aos resumos efetuados pelo seu professor, que resumam conjuntamente e que possam usar essa estratégia de forma autônoma e discutir sua realização.”, não é possível apenas solicitar ao aluno que produza um resumo sem ao menos demonstrar-lhe como fazer primeiro.

O trabalho com o resumo nessa turma foi de essencial importância não apenas no que concerne à compreensão do texto em si, mas principalmente pela aprendizagem da seleção das ideias mais relevantes dentro do texto, o que em oportunidades a frente, os alunos revelaram ter dominado na produção das reportagens turísticas, como detalharemos na parte final deste trabalho.

Após a construção do resumo, propomos aos estudantes o retorno ao texto e como estratégia durante a leitura, dentro do nível da compreensão textual, as seguintes questões:

1. Qual ou quais a(s) função(ões) de uma moeda social?
2. Segundo o texto, a moeda social pode trazer muitos benefícios à comunidade. Quais são eles?
3. Qual(is) estratégia(s) criada para incentivar a circulação da moeda Moqueio?
4. A moeda social moqueio foi criada para substituir o Real dentro da comunidade Baía do Sol?

Nessa segunda etapa da atividade, começamos a notar que os alunos davam os primeiros sinais de melhor compreensão do texto, possivelmente, devido a oportunidade que tiveram de melhor compreendê-lo por meio da construção do resumo do texto, o que pode ter gerado maior

familiaridade com o material lido. Quando os aprendizes chegaram à etapa das perguntas voltadas para a compreensão, notamos consideráveis avanços nesse nível de leitura, em relação, por exemplo, a primeira atividade realizada com os jovens leitores. Para exemplificar, destacamos abaixo algumas respostas dadas pelos alunos-leitores, dentre os 26 alunos presentes, cerca de 61% compreenderam o texto sem dificuldades e demonstraram por meio de suas repostas o domínio do entendimento textual:

Excerto 1: questão 1

1. Qual ou quais a(s) função(ões) de uma moeda social?

a função é o desenvolvimento local

Excerto 2: questão 2

2. Segundo o texto, a moeda social pode trazer muitos benefícios à comunidade. Quais são eles?

Podem adquirir produtos e serviços daquela comunidade, estimulando cada empreendedor local a comprar de outros empreendedores locais.

Excerto 3: questão 2

2. Segundo o texto, a moeda social pode trazer muitos benefícios à comunidade. Quais são eles?

Sim, trazer renda extra e trabalho aumentando o poder da comercialização.

Excerto 4: questão 3

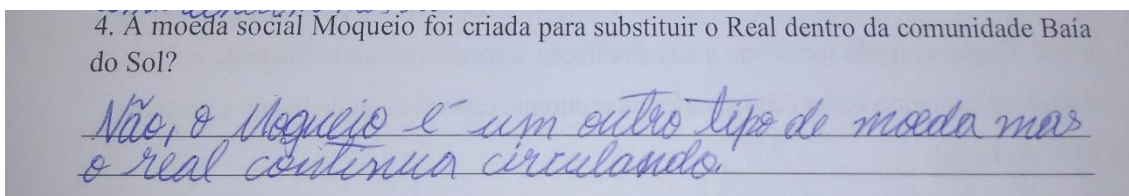
3. Qual(is) a(s) estratégia(s) criada para incentivar a circulação da moeda Moqueio?

Realizando oficinas sobre a moeda social e de educação financeira, principalmente para os empreendedores e mães.

Nessas questões, notamos que os alunos conseguiram alcançar o nível de compreensão inferencial, ou seja, a partir de pistas textuais deixadas pelo autor, o leitor consegue captar informações que nem sempre estão na superfície do texto, a exemplo das questões presentes no *excerto 1, 1ª questão*, como nos *excertos 2 e 3*, quando é questionada a função da moeda social e quais os benefícios que a moeda da comunidade pode trazer para o lugar. A resposta não está literalmente no texto, mas por meio de pistas dadas pelo autor, o leitor pode fazer incursão pelo texto e localizar alguma informação que lhe possibilite, a partir do texto e com a ajuda do texto, produzir a resposta.

No *excerto 5*, 4ª questão, a pergunta é voltada para o nível da interpretação, no qual os alunos deveriam aliar os conhecimentos prévios com os novos conhecimentos que o texto traz, a fim de analisar, refletir e julgar as informações que leem.

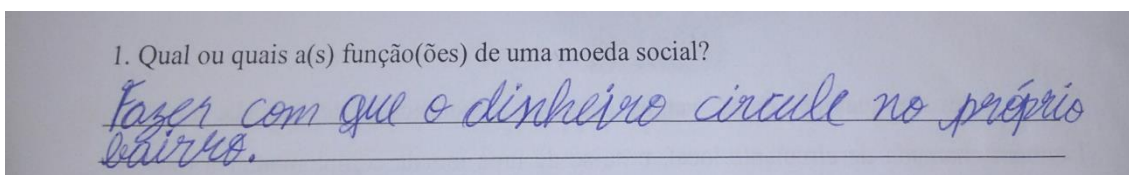
Excerto 5: questão 4



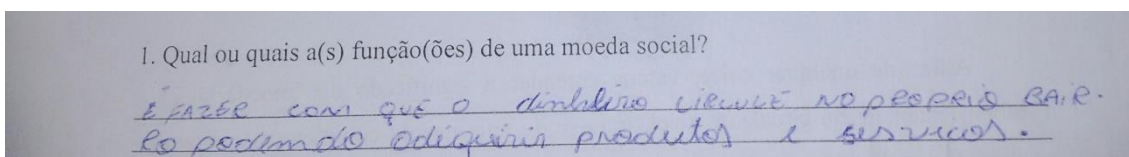
As respostas acima denotam que os alunos já dão indícios de construção de pensamento crítico e conseguem, ainda que inicialmente, construir, produzir respostas próprias, como comprovamos nas respostas apresentadas pela turma.

No entanto, identificamos um problema em cerca de 10% das respostas concedidas pelos alunos-leitores: eles alcançaram apenas o nível de compreensão literal, ou seja, parearam informações das questões com o conteúdo do texto, e transcreveram do texto como resposta para as perguntas, a exemplo dos *excertos 7 e 8*, abaixo, referentes a 1ª questão, o que revela falta de compreensão textual, pois o aluno não se sente preparado para construir a própria resposta.

Excerto 7: questão 1



Excerto 8: questão 1



Sugerimos ainda que depois da leitura, os alunos respondessem a apenas uma questão referente ao nível da retenção (no nível da interpretação), selecionamos algumas respostas apresentadas a seguir:

5. *Você tem observado algum benefício conseguido pela comunidade por conta da circulação do dinheiro local?*

Excerto 9: questão 5

5. ~~Você concorda?~~ Você tem observado algum benefício conseguido pela comunidade por conta da circulação do dinheiro local?

não, por que o moqueio não é muito utilizado nos mercados e muito difícil o moqueio sair.

Excerto 10: questão 5

5. ~~Você concorda?~~ Você tem observado algum benefício conseguido pela comunidade por conta da circulação do dinheiro local?

sim, melhorou porque o moqueio nos trouxe mais facilidade de trocas e dinheiro.

As respostas mostram que os alunos, no geral, conseguiram emitir opinião sobre o texto lido relacionando-o ao seu contexto e, a partir desses dois elementos, conseguiram produzir um novo texto, as respostas, o que denota o alcance da retenção. Verificamos, por exemplo, a criticidade da resposta do aluno no *excerto 9* que revela um ponto de vista que se contrapõe ao senso comum quando questionado se tem observado benefícios na comunidade por conta do uso do Moqueio: “*não, porque o Moqueio não é muito utilizado nos mercados, é muito difícil o Moqueio sair.*”. Percebemos que o aluno possui um ponto de vista capaz de avaliar a economia local sem, obrigatoriamente, concordar com o andamento dela. Os demais alunos também apresentaram seus pontos de vista, mas notamos que eles perceberam apenas o benefício da moeda na comunidade.

No **quarto encontro**, realizado em duas horas-aula, trabalhamos o texto (vide DVD-vídeo 2) “*Conheça Mosqueiro uma das sete maravilhas do Pará.*”. Nesse encontro, tínhamos a intenção de mostrar aos alunos a primeira reportagem turística em formato de vídeo. O vídeo selecionado versa sobre o lugar onde vivem, exatamente para eles notarem que, às vezes, vivemos em um determinado lugar, mas, nem sempre, detemos uma série de conhecimentos sobre ele.

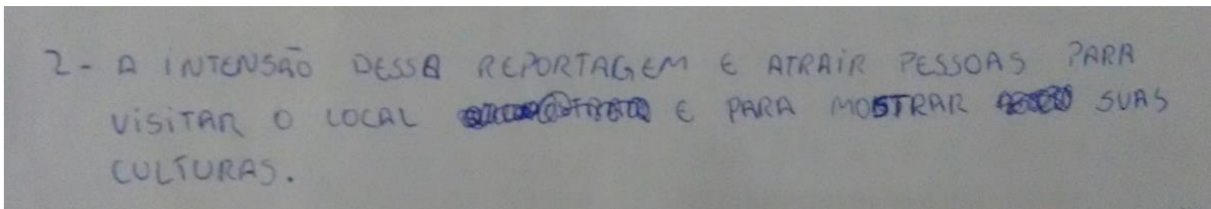
Inicialmente os alunos assistiram atentamente ao vídeo e revelaram uma boa recepção do vídeo e comentaram, ao longo da apresentação, que localizavam nela elementos que desconheciam que existissem em Mosqueiro, a exemplo do espaço de criação de cavalos de raça, na ilha. Após a apresentação do vídeo, a turma respondeu as seguintes perguntas:

1. *Quais as localidades de Mosqueiro citadas na reportagem? (nível de leitura: compreensão)*

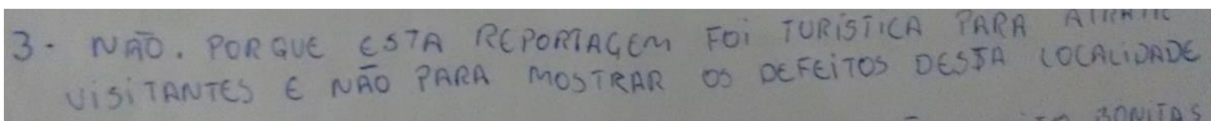
2. Qual a possível intenção da produção dessa reportagem turística? (nível de leitura: interpretação)
3. Você percebeu tecerem (apresentarem) críticas à Mosqueiro nessa reportagem? Você imagina por quê? (nível de leitura: interpretação)
4. Você pôde verificar nela a presença da localidade onde você mora aqui na ilha? Você imagina por que possa ter se dado a escolha daqueles lugares especificamente? (nível de leitura: interpretação)
5. O que há de interessante na comunidade onde você vive que poderia ter sido retratado ou observado na reportagem turística assistida? (nível de leitura: interpretação)

Selecionamos alguns recortes de respostas dos estudantes e os discutiremos a seguir:

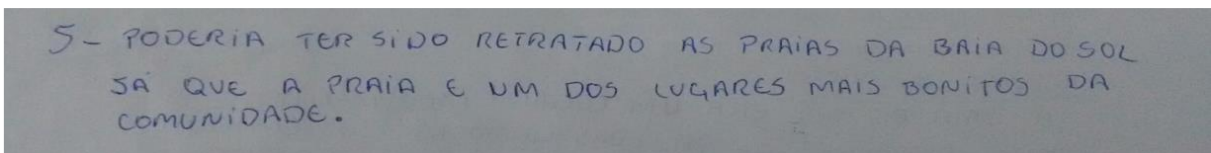
Excerto 1: questão 2



Excerto 2: questão 3



Excerto 3: questão 5



Numa análise geral, percebemos que os alunos envolveram-se com a temática (turismo), compreenderam o gênero discursivo do material assistido (reportagem turística) e, por fim, identificamos também que os alunos-leitores conseguiram, de forma geral, compreender as questões de leitura com facilidade. A compreensão das perguntas fica evidenciada pelas respostas emitidas, pois quando uma das duplas responde que “a intenção da reportagem é atrair pessoas para visitar o local e mostrar sua cultura.”, demonstra ter entendido a intencionalidade textual, fator esse que denota o avanço da maturidade leitora. Esclarecemos aos alunos ainda que é importante que eles percebam a intenção textual, como considera Kleiman (1995), pois é através dela que a presença do autor é revelada, e o leitor precisa perceber isso para construir o próprio pensamento crítico.

Destacamos também, quando questionados no *excerto 2*, 3ª questão sobre tecerem críticas à Mosqueiro, que os alunos compreenderam que aquele gênero textual não era espaço

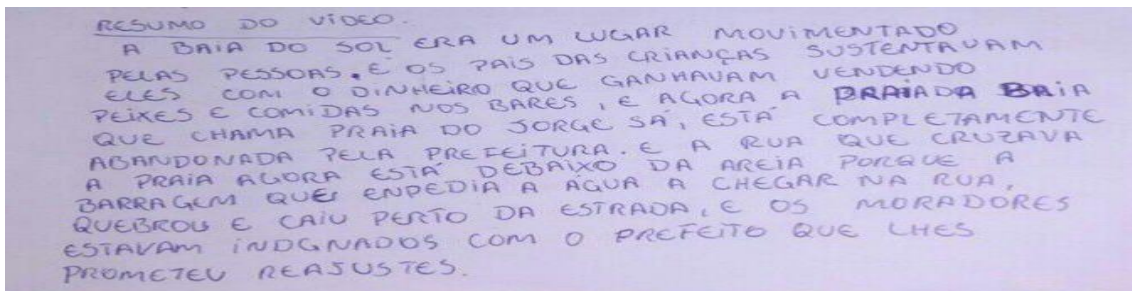
para a tessitura de críticas, ao que responderam: “Não. Porque essa reportagem turística foi para atrair visitantes e não para mostrar os defeitos.”

Outro aspecto que tocamos para que os alunos esboçassem opiniões foi a respeito da ausência da Baía do Sol na reportagem. No questionamento, procuramos extrair dos alunos o que eles veem de belo em sua comunidade que poderia ter sido retratado no vídeo, dentre as respostas, destacamos a seguinte, *excerto 3, 5ª questão*: “poderia ter sido retratado as praias da Baía do Sol, já que as praias são um dos lugares mais bonitos da comunidade.” O que revela que o aluno alcançou o nível de leitura da interpretação e reconhece a beleza do lugar onde vive e sabe que poderia ser uma localidade mais valorizada e assistida.

Em termos percentuais, notamos o avanço dos alunos em cerca de 80% com alcance do nível da compreensão, da interpretação e da retenção nessa atividade. Observamos, dentro do processo de leitura, a importância das inferências que os alunos conseguiram produzir nessa atividade, pois vemos que eles estabeleceram pontes de sentido entre os alunos e o texto, entre o texto e eles mesmos, fator esse que viabilizou o alcance da interpretação.

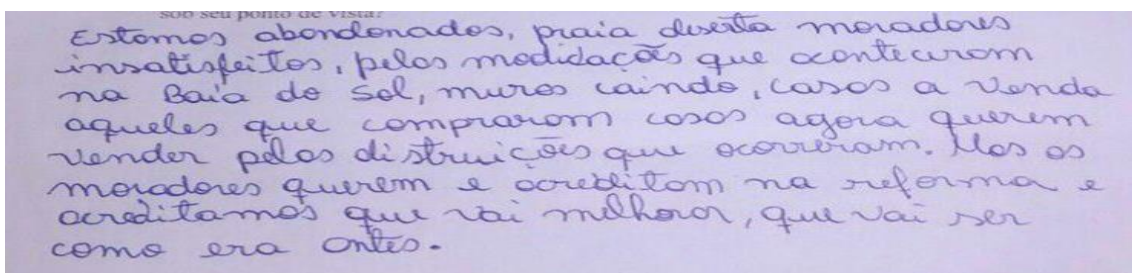
No **quinto encontro**, duas horas-aula, os alunos assistiram ao vídeo “*Fomos abandonados*” (vide DVD- vídeo 3) que trata do desamparo no qual se encontraram os moradores de uma das praias da Baía do Sol, a praia Jorge Sá. Após assistirem o vídeo, propomos a produção de um resumo do apresentado. Dentre eles destacamos os quatro textos que seguem abaixo:

Dupla 1: resumo do texto “Fomos abandonados”



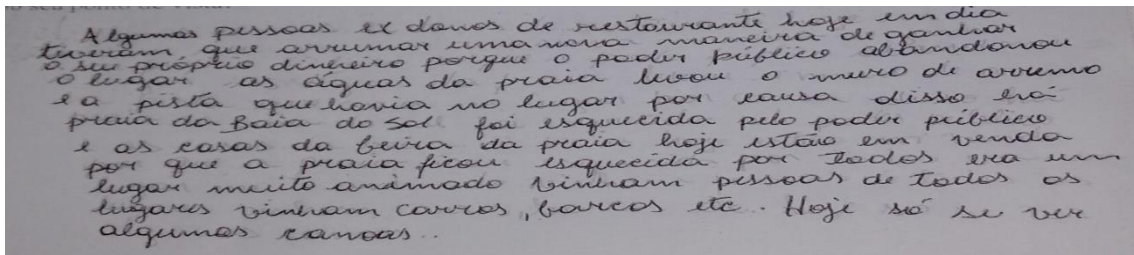
RESUMO DO VIDEO.
A BAIÁ DO SOL ERA UM LUGAR MOVIMENTADO PELAS PESSOAS, E OS PAIS DAS CRIANÇAS SUSTENTAVAM ELAS COM O DINHEIRO QUE GANHAVAM VENDENDO PEIXES E COMIDAS NOS BARES, E AGORA A BAIÁ BAIÁ QUE CHAMA PRAIA DO JORGE SÁ, ESTÁ COMPLETAMENTE ABANDONADA PELA PREFEITURA. E A RUA QUE CRUZAVA A PRAIA AGORA ESTÁ DEBAIXO DA AREIA PORQUE A BARRAGEM QUE ENPEDIA A ÁGUA A CHEGAR NA RUA, QUEBROU E CAIU PERTO DA ESTRADA, E OS MORADORES ESTAVAM INDIGNADOS COM O PREFEITO QUE LHEZ PROMETEU REAJUSTES.

Dupla 2: resumo do texto “Fomos abandonados”



SOO SEU PONTO DE VISTA:
Estamos abandonados, praia deserta moradores insatisfeitos, pelos medicações que aconteceram na Baía do Sol, muros caindo, casas a venda aqueles que compraram cosas agora querem vender pelos distruições que ocorreriam. Mas os moradores querem e acreditom na reforma e acreditamos que vai melhorar, que vai ser como era antes.

Dupla 4: resumo do texto “Fomos abandonados”



No resumo, como é possível observar nos excertos acima, os alunos demonstraram uma boa compreensão do vídeo e conseguiram extrair do texto o tema, identificaram a ideia principal e as secundárias. Os alunos, cerca de 90% das duplas, conseguiram produzir resumos que retratassem brevemente o conteúdo do texto.

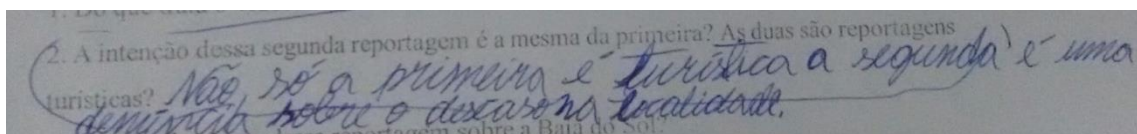
Selecionamos, aleatoriamente, sem identificar autoria, três resumos e lemos em classe para os alunos. Ressaltamos a diferença da construção nos três textos, mas realçamos o fato de, nos três textos, estarem presentes as ideias primárias e secundárias notadas no vídeo relativo à comunidade (caráter idiossincrático das construções).

Destacamos duas situações marcantes que observamos nessa primeira etapa do quinto encontro: observamos algumas duplas anotando pontos importantes do vídeo, selecionando informações para a futura produção do resumo; e, a outra situação foi o relato de uma aluna que declarou que não sabia fazer resumo, mas que agora havia aprendido conosco.

Após a produção do resumo e comentários relacionados a ele, os alunos responderam questões referentes ao vídeo, as quais discutiremos as respostas dadas a seguir.

1. *Do que trata o vídeo? (nível de leitura: compreensão)*
2. *A intenção dessa segunda reportagem é a mesma da primeira? As duas são reportagens turísticas? (nível de leitura interpretação)*
3. *Qual a relevância dessa reportagem sobre a Baía do Sol? (nível de leitura: interpretação)*
4. *Você concorda que mudanças são necessárias em sua localidade? Quais seriam elas, sob seu ponto de vista? (nível de leitura: retenção)*

Excerto 1: questão 2



Excerto 2: questão 3

3- A IMPORTÂNCIA DESSA REPORTAGEM É FAZER COM QUE A PREFEITURA E OUTRAS PESSOAS VEJAM O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM OS MORADORES DESTA REGIÃO, PARA QUE ELAS POSSAM FAZER ALGO PARA AQUELA LOCALIDADE.

Excerto 3: questão 3

3- Falar e mostrar as condições da praia Torço de São, que está abandonada pelo prefeito e como estão vivendo os moradores que ficaram prejudicados pela falta de movimento dos pessoas a praia depois do incidente.

Excerto 4: questão 4

4- SIM. É NECESSÁRIO MELHORAR AS RUAS, AS ESCOLAS E AS PRAIAS E TAMBÉM A SEGURANÇA E AS PRAÇAS.

Excerto 5: questão 4

4- Sim, os políticos deveriam dar mais atenção a nossa comunidade, melhorar ruas, concertar as praias... nos ajudar porque não há de pedir voto, abraça todo mundo, promete tantas coisas depois que conseguem "nomem".

Conforme as perguntas e as repostas selecionadas, notamos que os alunos conseguiram, tal qual ocorreu no encontro anterior, estabelecer sentidos entre os textos e eles mesmos, ou seja, novamente conseguiram realizar importantes inferências.

Evidencia-se essa realização de inferências, por exemplo, quando observamos na segunda questão, os alunos notarem a diferença entre a primeira reportagem (turística) e a segunda (de denúncia), como responde uma das duplas no *excerto 1*: “Não. A primeira reportagem é turística, a segunda é uma denúncia sobre o descaso na comunidade.”

Quando questionados a respeito da relevância da reportagem, os alunos destacaram o descaso do poder público em relação ao espaço abandonado, observamos nos *excertos 2 e 3*, que os alunos reforçaram a denúncia feita pelo vídeo, denotando não apenas a compreensão do texto, mas também a interpretação do teor da denúncia realizada. Isso revela ainda o desenvolvimento de um caráter crítico nos alunos. Ainda mais evidenciados na próxima questão.

Quando interpelados sobre as mudanças necessárias na comunidade, os alunos destacaram nos *excertos 4 e 5* não apenas as mudanças necessárias como asfaltamento, reestruturação das praias, praças, melhorias na segurança pública, mas também desabafam, com duras críticas em relação ao poder público, quando posicionaram-se declarando que: “[...] os políticos deveriam dar mais atenção a nossa comunidade, asfaltar ruas, consertar as praias... nos ajudar, porque na hora de pedir voto, abraça todo mundo, promete tantas coisas e depois que conseguem ‘somem’.”

Notamos que nessa última etapa, os alunos conseguiram, além de interpretar o conteúdo textual, “emitir um julgamento definido sobre o texto, a partir da escolha de sentido produzidos.” (MENEGASSI, 2010, p. 59), ou seja, o fato de os alunos, a partir da leitura de um autor/texto aliada ao seu conhecimento prévio (processo de interação), conseguirem emitir juízos de valor, evidencia a manifestação do leitor crítico, que, ao final, produz o próprio texto e, portanto, alcança o nível de leitura da retenção – já que notamos que o conhecimento está armazenado na memória de longo prazo do aluno.

No **sexto encontro**, realizado em quatro horas-aula, temos o objetivo de fornecer alguma base histórica para os alunos a respeito da comunidade onde vivem, pois notamos, por meio das atividades anteriores, que os conhecimentos que eles possuíam ainda precisavam ser reforçados por um texto mais consistente, e, por isso, selecionamos o texto *Baía do Sol no percurso da história* a fim de que os alunos pudessem sentir-se mais seguros para a produção dos materiais de reportagens turísticas ao final da pesquisa.

O trabalho é iniciado pelas duplas com a leitura silenciosa do texto *Baía do Sol no percurso da história*.



Em seguida, os alunos foram colocados diante dos seguintes questionamentos referentes ao texto:

1. Qual era o antigo nome da comunidade Baía do Sol?
2. Baía do Sol em suas origens era habitada por quem?
3. O texto explica a origem do nome da comunidade? Qual seria?
4. Qual família habitava a Fazendinha da Baía do Sol?
5. A tradição do trabalho com a pesca é registrada no texto. Ainda hoje essa tradição continua em meio a sua comunidade? Alguém de sua família ou amigo sustenta a família com a pesca?
6. Como se deu o início da tradição católica da Baía do Sol?
7. As comemorações das festividades religiosas ainda se preservam atualmente como da forma narrada pelo texto?

Dessas perguntas, destacamos as respostas abaixo:

Excerto 1: questão 1

1. Qual era o antigo nome da comunidade Baía do Sol?
 Província dos Tupinombas

Excerto 2: questão 2

2. Baía do Sol em suas origens era habitada por quem?
 pelos índios Morabitás.

Excerto 3: questão 3

3. O texto explica a origem do nome da comunidade? Qual seria?
 não

Excerto 4: questão 5

5. A tradição do trabalho com a pesca é registrada no texto. Ainda hoje essa tradição continua em meio a sua comunidade? Alguém de sua família ou amigo sustenta a família com a pesca?
 sim meu pai e meus tio pesca

Excerto 5: questão 5

5. A tradição do trabalho com a pesca é registrada no texto. Ainda hoje essa tradição continua em meio a sua comunidade? Alguém de sua família ou amigo sustenta a família com a pesca?

sim a maioria dos meus familiares, tios, avós, Primos etc.

Excerto 6: questão 5

5. A tradição do trabalho com a pesca é registrada no texto. Ainda hoje essa tradição continua em meio a sua comunidade? Alguém de sua família ou amigo sustenta a família com a pesca?

sim. meu tio sustenta a família dele pescando.

Excerto 7: questão 6

6. Como se deu o início da tradição católica da Baía do Sol?

Essa comemoração religiosa teve seu início com a chegada dos jesuítas da Missão Mybira.

Excerto 8: questão 7

7. As comemorações das festividades religiosas ainda se preservam atualmente como da forma narrada pelo texto?

Sim. Mudaram alguns como o comportamento das pessoas em relação a celebração religiosa, poucos comparecem, mas mesmo assim continua igual.

A partir das respostas dadas pelas duplas, verificamos que o nível alcançado de leitura quanto à compreensão foi de 75% da turma, tendo 25% dos alunos dificuldades de compreensão de algumas questões referentes ao texto. O texto lido é o mais longo de toda a série de atividades, esse aspecto talvez tenha interferido na compreensão de alguns aprendizes. Dizemos isso porque notamos que alguns alunos, em determinados momentos, pareciam ter certa dificuldade de procurar, em meio ao texto de quatro páginas, as respostas para os questionamentos, a exemplo do *excerto 3* acima.

Sobre o alcance dos níveis de leitura, temos no *excerto 1 e 2*, 1ª e 2ª questões, a decodificação ligada à compreensão sendo alcançada pelos alunos. Quanto aos níveis de leitura da compreensão e interpretação, *excertos 4 ao 8*, 5ª a 7ª questões, os alunos demonstraram

domínio na leitura do texto, principalmente no que concerne à relação do texto com a realidade deles, ou seja, novamente conseguiram estabelecer pontes de sentido entre o que diz o autor, o texto, e eles mesmos. É notório, portanto, que os alunos conseguiram, nesta etapa, ampliar os conhecimentos que já possuíam, na relação de interação autor/texto \Leftrightarrow conhecimento prévio do leitor, produzindo novas informações, a exemplo da 5ª questão na qual os alunos puderam perceber que a cultura da pesca está presente na comunidade desde suas origens até os dias de hoje em sua realidade.

Ainda nesse encontro, os aprendizes tiveram seu primeiro contato com o gênero entrevista. Apresentamos por meio do material *Mais que uma conversa* (anexo 7), o conceito, os tipos, as práticas básicas para a realização de uma entrevista. Apontamos para os alunos qual seria o tipo de entrevista que realizariam com os idosos da comunidade: é a entrevista que se concentra em um assunto específico que o entrevistado domina.

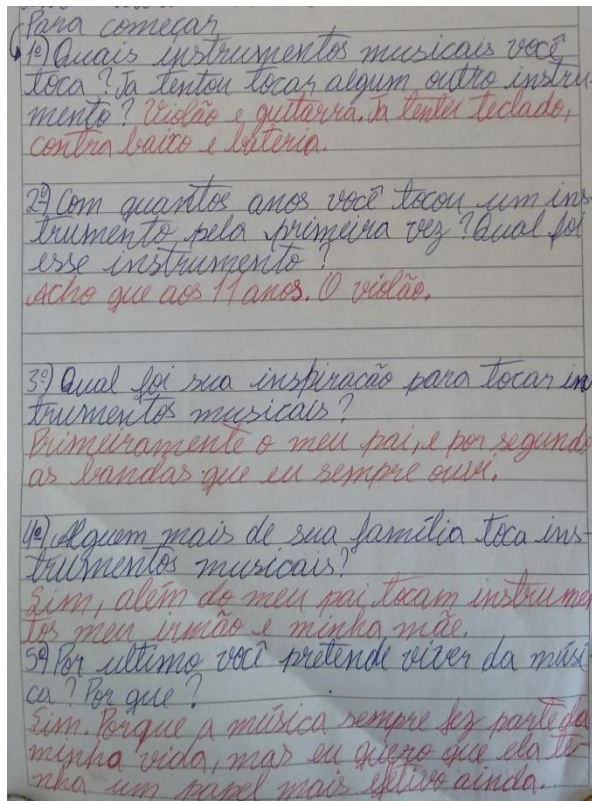
Após a apresentação do gênero que intermediará o trabalho com o gênero reportagem turística, fizemos uma simulação de entrevista com os alunos, nas quais eles produziram, juntamente com sua dupla, perguntas sobre assuntos que o entrevistado (um dos componentes da dupla) dominasse. Após a elaboração das perguntas, os alunos analisaram em conjunto com a pesquisadora o que estava adequado ou não no roteiro produzido. Em seguida, os entrevistados responderam às questões e, por fim, as duplas se apresentaram à frente para a classe.

Na elaboração das perguntas, salientamos aos alunos que era importante, além de selecionar um tema que o entrevistado dominasse, saber conduzir a entrevista reformulando questões durante o processo e usando expressões que assegurem que a entrevista siga o percurso planejado. Notamos que três duplas não haviam compreendido a proposta da entrevista em sala e produziram perguntas sobre temas variados, foi solicitado, porém, que elas reformulassem as questões e buscassem trabalhar apenas um tema que o entrevistado dominasse.

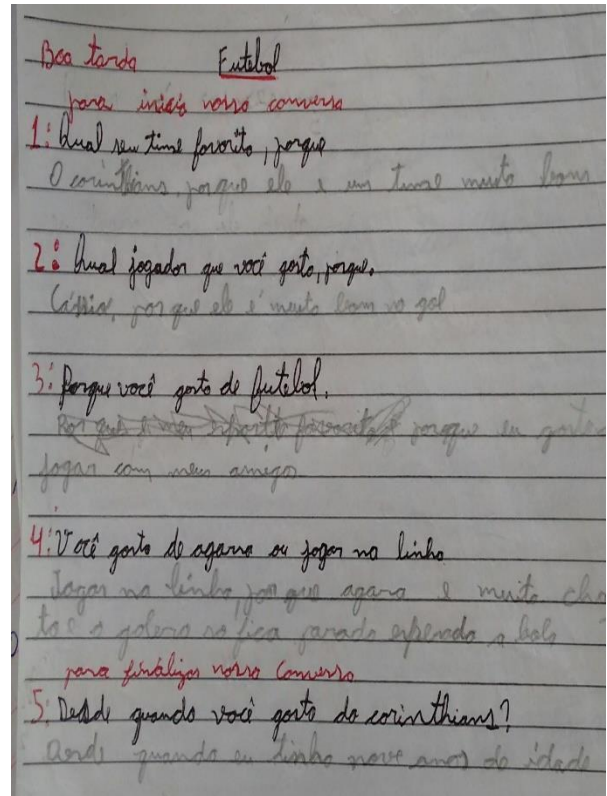
As duplas foram bem-sucedidas na atividade, inclusive na etapa das apresentações para a turma, apesar da timidez dos alunos. Os entrevistadores conseguiram formular perguntas sobre um tema que o entrevistado dominava e obtiveram respostas interessantes dos entrevistados.

Destacamos a seguir duas entrevistas para ilustrar o exposto:

Entrevista de alunos 1



Entrevista de alunos 2



Após a etapa da simulação da entrevista, iniciamos a preparação para a entrevista na comunidade. Fizemos um levantamento dos pontos de maior destaque da Baía do Sol, os pontos turísticos. Foram selecionados os seguintes espaços: Colônia dos Pescadores, Praia do Bacuri, Praia Grande, Prainha (Jorge Sá), Praia da Rampa, Praça da Baía do Sol e Sítio Conceição.

A seleção do tema de cada entrevista foi feita por meio de sorteio e os alunos permaneceram com as duplas, apenas três equipes formaram trios, para a realização da entrevista. Na sequência, solicitamos aos alunos que pesquisassem a respeito do tema pelo qual ficaram responsáveis para terem condições de produzir as perguntas relativas à entrevista. Pedimos ainda que tentassem trazer na aula posterior um esboço das perguntas que pensavam fazer em suas entrevistas, pois faríamos uma breve orientação a respeito delas. Dessa forma, encaminhamo-nos para a etapa final da atividade.

3.1.3 Atividade final (sétimo ao décimo primeiro encontro)

Essa etapa final deu continuidade ao que pedimos no encontro anterior. No **sétimo encontro**, três horas-aula, analisamos as perguntas elaboradas pelos alunos e propomos alterações em algumas delas. Algumas equipes ainda não haviam elaborado as perguntas, estavam apenas com os materiais pesquisados sobre o local pelo qual ficaram responsáveis.

Notamos que precisavam de mais orientações a respeito da elaboração das perguntas e os orientamos.

Ao analisarmos os materiais coletados juntamente com as equipes, procuramos mostrar a eles a importância de fazer perguntas interessantes, que pudessem gerar respostas também interessantes e que precisavam selecionar as melhores informações dos textos pesquisados para lançar mão na produção da entrevista, tal qual fora feito na produção dos resumos de textos. A partir dessas orientações, direcionamos os alunos a partirem para a próxima etapa da atividade, a entrevista com um idoso da comunidade, munidos das perguntas manuscritas, de cadernos de anotação e gravador de áudio.

No encontro posterior, **oitavo**, ocorrido em três horas-aula, os estudantes apresentaram as entrevistas realizadas. Analisamos o material coletado por cada equipe. Eles destacaram em seus relatos que durante as entrevistas tiveram de lançar mão de recursos aprendidos em sala, como a condução da entrevista por meio de expressões que reajustam o percurso dela, por exemplo: “para finalizar a conversa...” em como ocorreu com um aluno em entrevista com uma idosa da comunidade, sobre a qual ele relatou que precisou usar, algumas vezes, a expressão “voltando ao assunto...” para conseguir dar prosseguimento à entrevista.

Esses depoimentos revelaram a apropriação do gênero e indícios de maturidade leitora nos alunos. Após as análises das entrevistas, explicamos que partiríamos para uma nova etapa da atividade: a produção da reportagem turística.

Em seguida, entregamos algumas reportagens turísticas dentro do suporte, revista impressa, para os alunos terem contato com o gênero dentro do suporte em que ele ocorre. Nesse momento, os alunos tiveram a oportunidade de folhear a revista, selecionar a leitura de algumas reportagens e lê-las em sala.

No momento posterior, introduzimos o “como fazer” o processo de retextualização do gênero entrevista para o gênero reportagem turística. Devido ao desafio que é retextualizar, especialmente para jovens leitores, explicamos, na prática, a partir de uma retextualização realizada por mim mesma, como se dava o processo. A explicação deu-se da seguinte forma: levamos uma entrevista pronta, criada, e, em seguida, demonstramos como seria a retextualização de um para outro gênero.

Na sequência, esclarecemos para os alunos, exemplificando com a reportagem que produzimos, a situação de produção do gênero reportagem turística: O que dizer em uma reportagem turística? Como dizer? Para quem serão produzidas as reportagens? Qual a intenção da produção das reportagens turísticas? Apontamos ainda as características próprias do gênero:

presença de títulos, linguagem simples, clara e dinâmica, destaque de atributos lisonjeiros do lugar, entre outros.

Em seguida, os estudantes iniciaram a produção das reportagens turísticas, embasados na pesquisa e nas entrevistas que realizaram. Dentro dessa etapa do processo, notamos que os alunos, inicialmente, estavam se familiarizando com o novo gênero estudado, mas conseguiam selecionar as informações mais interessantes que coletaram e desprezar as secundárias, e, aos poucos, a reportagem turística foi tomando forma.

No **nono encontro**, duas horas-aula, realizamos a revisão das reportagens turísticas por meio de trocas de textos entre as equipes e, depois, por meio da revisão que realizei nos textos deles. Os alunos tiveram pouco tempo para realizar essa etapa da atividade, pois nesse dia a aula foi abreviada. Tivemos de finalizar a revisão e apontar, na aula subsequente, o que precisava ser ajustado pelas duplas.

No **décimo encontro**, três horas-aula, os alunos finalizaram os ajustes necessários nos textos e foram conduzidos à sala de informática com seus textos e fotos referentes às suas reportagens turísticas para digitá-los no programa Publisher. Nós os auxiliamos nesse contato com o programa de computador. Iniciamos a digitação dos textos com a turma, mas essa etapa também se deu de forma abreviada, por isso, tivemos de finalizar em casa a digitação.

Por fim, no **décimo primeiro encontro**, apresentamos à comunidade escolar em uma “Tarde de lançamento” a revista de reportagem turística produzida pela turma, intitulada “Baía Mais”. Os alunos fizeram a exposição das reportagens turísticas que elaboraram para toda a comunidade escolar. Sorteamos um exemplar da revista para os membros da comunidade escolar, outro entre os alunos da turma e deixamos um exemplar da revista na biblioteca da escola para orientações e pesquisas futuras de outras pessoas, pois o material, ainda que amador, pode trazer importantes informações sobre a comunidade.

Os três gêneros discursivos trabalhados: resumo, entrevista e reportagem turística foram de suma importância no desenrolar das atividades, pois um auxiliou na introdução e entendimento do outro. Daí a relevância dada por Irandé Antunes (2010) no que concerne ao dever da escola de ter uma visão mais ampla do que é necessário ser feito e quais as competências que devem ser desenvolvidas nos estudantes enquanto sujeitos participantes de uma sociedade e esse trabalho da escola pode se dar por meio da prática dos gêneros textuais.

Assim, no que se refere aos níveis de leitura, observamos que o trabalho que ultrapassa o nível de leitura da compreensão do texto é fundamental nas propostas de atividades de leitura, pois notamos nas atividades dos alunos a evolução que eles apresentaram durante este curto espaço de tempo, em várias atividades, nas quais alcançaram com sucesso os níveis de

interpretação e retenção. O que denota que o trabalho com níveis de leitura, aliados às estratégias de leitura que corresponderam à necessidade da turma, não deve estar exclusivamente vinculado aos níveis mais básicos (decodificação e compreensão), mas deve também possibilitar ao aluno o avanço para os níveis mais elevados (interpretação e retenção), pois são nessas últimas etapas do processo de leitura que o aprendiz tem a oportunidade de revelar mais maturidade, desenvoltura e competência leitora como notamos, inclusive, na habilidade que tiveram na construção da revista de reportagem turística ao final das atividades.

3.2 Confrontando os dados

A partir das análises realizadas nas seções anteriores, apresentamos, nesta, um confronto dos dados das atividades executadas, com o propósito de observar se os alunos sinalizaram avanços no desenvolvimento leitor ao longo das atividades. Destacaremos, inicialmente, o que notamos que os alunos já dominavam no desenrolar das atividades a respeito dos níveis da leitura. Em seguida, apontaremos as dificuldades reveladas pela turma. E, por fim, indicaremos os indícios de avanços identificados durante o processo.

Na etapa inicial, seção 3.1.1, desde a atividade com perguntas orais que buscava levantar o conhecimento prévio dos alunos, verificamos que eles, apesar de apresentaram dificuldades no nível da compreensão, verificado por meio das respostas, demonstraram, envolvimento com o gênero que era introduzido: a reportagem turística.

Notamos, ainda, que os alunos sentiram-se à vontade para questionar o que não haviam entendido e para opinar, ainda que arriscando-se, em diversos momentos, nas repostas, como podemos comprovar nos áudios 1 e 2 (cd's de áudio), nos quais a participação da turma é evidenciada.

A expressão de motivação evidenciada nas atitudes dos alunos, apesar das limitações que possuíam, foram molas propulsoras para avanços nas etapas posteriores. Na primeira atividade, apesar das dificuldades de compreensão apresentadas, víamos nas atitudes deles a busca pelo conhecimento, o desejo de aprender.

A partir do terceiro encontro, no qual introduzimos o gênero resumo – indicado como trabalho de estratégia de leitura por Solé (1998) – notamos um primeiro avanço nos níveis de leitura da turma, possivelmente, devido às atividades realizadas antes, durante e depois da leitura, e, ainda, com o citado, resumo coletivo. O nível de compreensão dos alunos foi superior ao das duas atividades iniciais, como pudemos verificar a partir dos resultados já apontados.

Seguido do quarto e quinto encontro em que foi mostrada a diferença entre texto de reportagens relativas a outros temas e reportagem turística. Especificamente no quinto encontro,

os alunos tiveram a oportunidade de preparar seus resumos individuais, os quais mostraram, em maioria, que começavam a dominar a estratégia de leitura. Além disso, nos dois textos, os aprendizes tiveram acesso às perguntas de leitura, nas quais, em relação a primeira etapa do processo, apresentavam consideráveis avanços, particularmente numa de suas maiores dificuldades iniciais que era estabelecer comparações entre diferentes textos.

Nos demais encontros, verificamos que a maturidade, enquanto leitor, dos estudantes se estabelecia a cada nova etapa de atividades, nas quais eles apresentaram domínio, ainda que inicial, não apenas da elaboração de resumos de textos, mas também dos objetivos de leitura traçados, como: ler aprender, ler para verificar o que se compreendeu, ler para seguir instruções, ler para praticar a leitura em voz alta e ler para obter informação de caráter geral. Entenderam, portanto, que a leitura não deve ocorrer sem uma motivação exata, sem um objetivo, um esclarecimento do porquê se está lendo o que se lê e, com isso, além dos avanços nos níveis de leitura, percebemos que o ato de ler um determinado texto, ou gênero discursivo, passou a fazer sentido para o aluno, para além do sentimento de estar meramente sendo avaliado.

Com vistas a isso, propusemos o trabalho com atividades de leitura, com foco nos níveis da decodificação, da compreensão, da interpretação e da retenção até chegarmos à culminância das atividades com o gênero reportagem turística. Do resultado, notamos indícios de avanços na leitura a partir da terceira atividade, quando introduzimos estratégias de leitura, como a produção de resumos, com base em Solé (1998). Nas atividades subsequentes, verificamos que os alunos foram ampliando conhecimentos e melhorando o desempenho nas atividades do processo de leitura. Por fim, comprovamos, na maioria dos alunos, a apropriação, ainda que inicial, das etapas de leitura quando os alunos leitores conseguiram realizar as entrevistas e, a partir delas, retextualizar para o gênero reportagem turística. Dentro desse processo, notamos a aplicação de estratégias como as aprendidas no trabalho com o resumo, a exemplo da seleção de informações realizadas, além da demonstração de criticidade revelada durante o processo que culminou com a produção da revista de reportagem turística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos a linguagem como meio da interação social no qual o sujeito age de forma responsiva ativa, consideramos a importância da leitura de textos como meio pelo qual o aprendiz tem acesso à interação com o texto/autor. Por isso, nessa pesquisa voltamos-nos para mecanismos que possam concorrer para o desenvolvimento do leitor: o ensino por meio dos níveis de leitura, geralmente, intermediado pelo ensino de algumas estratégias de leitura, intermediado pelo trabalho com os gêneros discursivos. Com base nisso, buscamos atingir os objetivos específicos, os quais revemos a seguir.

O primeiro objetivo específico foi “promover a interação entre o aluno (leitor) e o texto/autor”. Conseguimos, no decorrer das atividades, mostrar ao aluno que tal qual ele (leitor) está presente no decorrer da leitura, o texto e o autor também estão, e que há a necessidade do leitor tentar compreender qual a situação de produção do texto ao qual tem acesso. Além disso, os alunos empregaram seus conhecimentos em relação aos temas trabalhados e os relacionaram aos conhecimentos que tiveram ampliados, dessa forma, portanto, ocorreu a interação.

O segundo objetivo específico foi “instrumentalizar o aluno quanto às estratégias de leitura das quais pode fazer uso, segundo sua necessidade”, para cumprir esse objetivo empregamos, no decorrer das atividades estratégias de leitura como a prática do resumo dos textos e os objetivos de leituras, foram eles: ler para seguir instruções; ler para verificar o que compreendeu; ler para aprender; ler para praticar a leitura em voz alta; e ler para obter informação de caráter geral.

Observamos que a prática dessas estratégias auxiliou no percurso em direção ao desenvolvimento dos níveis de leitura dos alunos. Verificamos a sinalização de um desenvolvimento leitor e, portanto, o envolvimento com as atividades realizadas por parte dos jovens leitores à medida que avançávamos nas atividades.

O terceiro objetivo de leitura foi “discutir e analisar textos para o desenvolvimento dos níveis de leitura da turma; e identificar indícios da autonomia leitora no aluno a partir das propostas de atividade oferecidas em classe”. O suporte dado pelas estratégias de leitura, possibilitou aos alunos o início de um aprimoramento dos níveis de leitura identificados a cada atividade realizada, nas quais notamos os avanços dos estudantes.

A partir das análises expostas, podemos chegar ao objetivo geral dessa pesquisa, “identificar avanços no desenvolvimento leitor dos alunos, por meio de atividades baseadas nas estratégias de leitura e níveis de leitura”, e identificamos avanços a partir do segundo encontro,

contudo, os avanços mais expressivos vieram a partir do terceiro encontro quando fizemos uso da estratégia do resumo coletivo com os alunos. Pois, além de revelarem nas atividades determinado avanço nos níveis, pareceram, a partir daquele momento, começar a compreender a estratégia do resumo e sua importância. Nas atividades subsequentes também identificamos avanços e percebemos que cada estratégia aplicada, de fato, concorreu para o desenvolvimento dos níveis de leitura e, conseqüentemente, para o início do desenvolvimento leitor dos sujeitos.

Julgamos essa prática importante, pois é por meio do desenvolvimento leitor que o sujeito pode ser bem-sucedido nas diferentes situações comunicativas nas quais se envolver tanto dentro da sala de aula quanto em suas relações além dos muros escolares. Notamos o quanto o papel da escola é primordial nesse processo, já que os PCN (1998, p.30) declaram que “Afinal, a aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e linguística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva.”

As exigências em relação aos alunos leitores, certamente, são muitas, como afirma Solé (1998), espera-se no final do ensino fundamental que os estudantes sejam capazes de ler textos de forma autônoma, reler texto, perguntar ao professor (de forma fundamentada) e que dominem estratégias que lhes possibilitem autonomia leitora. Contudo, o suporte, ou o caminho, deve ser dado pela escola, pois ela é a principal responsável pela formação leitora dos aprendizes.

Sabemos, porém que a concepção interacionista-discursiva, ainda não é aplicada amplamente nas salas de aula. É necessário que os professores se apropriem desse conhecimento, por meio de formações que devem ser incentivadas pelas secretarias e pelo governo, para subsidiar o trabalho dos profissionais.

Pretendemos, ainda, em um diálogo com o professor da turma pesquisada, mostrar não apenas o resultado da pesquisa, mas também, sugerir e, se necessário, fornecer materiais teóricos de apoio, para que ele, assim que sentir-se à vontade e se concordar, possa produzir suas aulas embasadas na teoria e em atividades já aplicadas com alunos, pois, certamente, terá um excelente retorno na questão do ensino e aprendizagem por parte da turma. Sugerimos isso por termos a clareza de que o tempo que tivemos para desenvolver as atividades com a turma foi curto e que, certamente, o professor da classe terá condições de ampliar os conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola, 2010.

BANDEIRA, Marina. **Definição das variáveis e métodos de coleta de dados.** Laboratório de Psicologia Experimental. Departamento de Psicologia: UFSJ, 2004. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/portalrepositorio/File/lapsam/Texto%209DEFINICAO%20E%COLETA.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Tradução Paulo Bezerra).

_____. VOLOSHINOV, V. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Veira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARBIER, R. **A Pesquisa-Ação.** Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber, 2007.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. **Gêneros do discurso na escola: discutindo princípios e práticas.** 1 ed. São Paulo: FTD, 2012.

BARROS, Mônica Garcia. **As habilidades de leitura, muito além de uma simples decodificação.** Revista Psicopedagogia. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=765#.VhLn-vIViko>. Acesso em: 04 dez. 2015.

BELÉM DO PARÁ. **Atrações turísticas.** Disponível em: <http://www.belemdopara.tur.br/atracoes-turisticas.html>. Acesso em: 21 dez 2015.

BRASIL. **Dados sobre alfabetização são ruins.** Site Todos pela educação. 2015. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/35179/ana-dados-sobre-alfabetizacao-sao-ruins-segundo-especialistas/>>. Acesso em: 08 out. 2015.

BRASIL- **Lei de Diretrizes e Bases.** Lei nº 9.394/96. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL- Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. **Parâmetro Curriculares Nacionais. (PCNs). Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portal Escrevendo o Futuro.** Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação: **Prova Brasil: ensino fundamental:** matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC. SEB: Inep, 2009.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Leitura e política.** In EVANGELISTA, Aracy Alves Martins;

BRANDÃO, Heliana Maria B.; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Organizadoras). **Escolarização da leitura literária.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CABRAL, L. S. **Processos psicolinguísticos de leitura e a criança.** V. 19, n. 1, pp. 7-20. Porto Alegre: Letras de Hoje, 1986.

DOL NOTÍCIAS. **Fomos abandonados.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dwi7IjcP9uM>>. Acesso em: 19 dez 2015.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ELLIOT, J. **El cambio educativo desde la investigación-acción.** Madrid: Morata, 1993.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. 22 ed. 80 p. São Paulo: Cortez, 1988.

FULGÊNCIO, Lúcia e LIBERATO, Yara Goulart. **Como facilitar a leitura.** São Paulo: Contexto, 2000.

GATTI, Bernadete A. **Formação de professores no Brasil:** características e problemas. Campinas: Educ. Soc. V. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez, 2010. Disponível em: <www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 08 jul 2016.

GERALDI, J.W. **Concepções de linguagem e ensino da língua.** In: GERALDI, J.W. (Org). O texto na sala de aula. Cascavel, Paraná: Assoeste/UNICAMP, 1984.

_____. **A leitura na sala de aula:** as muitas faces de um leitor. Série Ideias n.5. Páginas: 79-84. São Paulo: FDE, 1988.

_____. **Linguagem e Ensino** – exercícios de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado de Letras – ALB, 1996.

_____. **Portos de passagem.** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERHARDT, Tatiana E. SILVEIRA, Denise T. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOODMAN, K. S. Reading: a psycholinguistic guessing game. In: SINGER, H.; RUDDELL, R. (Ed.). **Theoretical models and processes of reading.** 2nd ed. Newark, p. 497-505. Del.: International Reading Association, 1976.

_____. O processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: FERREIRO, E.; PALACIO, M. G. (Org.). P. 11-22. **Os processos de leitura e escrita:** novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médias, 1987.

KLEIMAN, ÂNGELA B. **Abordagens da leitura.** Belo Horizonte: Revista Scripta. V. 7, n. 14 p. 12-22: 2004. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta14/Conteudo/N14_Parte01_art01.pdf (Ângela Kleiman)>. Acesso em: 08 out. 2015.

_____. & MORAES, S.E. **Leitura e interdisciplinaridade.** Tecendo redes nos projetos da escola. 4 ed. Campinas: Mercado de letras, 2003.

_____. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1995.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. 3 ed. 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura.** Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar.** São Paulo: Ed. Cortez, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MARUXO JR., **A reportagem**: sequência didática. Programa Algar Educa. São Paulo: CENPEC, 2009.

MENEGASSI, R. S. O leitor e o processo de leitura. In: GRECO, E. A.; GUIMARÃES, B. (org.). **LEITURA**: aspectos teóricos e práticos. p. 35-60. (Coleção Formação de Professores EAD, M. L.). Maringá: EDUEM, 2010.

_____. ANGELO, C.M.P. **Conceitos de leitura**. In: MENEGASSI, R.J. (org.). *Leitura e ensino – Formação de professores EAD*, 19. Maringá: EDUEM, 2005.

NOTÍCIAS RECORD. **Conheça Mosqueiro, uma das sete maravilhas do Pará**. 2014. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/record-news/eco-record-news/videos/conheca-mosqueiro-uma-das-sete-maravilhas-do-estado-do-para-17102015>>. Acesso em: 19 dez 2015.

ROJO, R. A concepção de leitor e produtor de texto nos PCN's: "Ler é melhor do que estudar". In M. T A Freitas & S. R. Costa (orgs). **Leitura e escrita na formação de professores**. P.31-53. São Paulo: Musa/UFJF/INEPCOMPED, 2002.

SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). **Leitura**: perspectivas disciplinares. p. 18-29. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução: Cláudia Schiliing; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. 6 ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

TERZI, S. B. **A construção da leitura**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa ação**. São Paulo: Cortez Editora, 1986.

VALLE, Maria de Jesus Ornelas. **A formação do leitor competente**: estratégias de leitura. Revista Dia a dia educação. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/306-4.pdf>> Acesso em: 04 dez. 2015.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZAGO, L. P. **Repensando a(s) concepção(ões) de leitura na formação continuada: implicações ou não) no processo de (re)organização da prática pedagógica**. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras. Cascavel: UNIOESTE, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Carta para a instituição escolar**CARTA PARA A INSTITUIÇÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL, SOLICITANDO A
AUTORIZAÇÃO PARA EFETUAR A PESQUISA**

Belém, ____ de _____ de 2015.

Faz parte do meu projeto final do curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Pará (UFPA), a pesquisa do tema: *A leitura como instrumento de desenvolvimento do aluno leitor: uma proposta de atividades em uma turma de 8º ano em uma escola de Mosqueiro*, sob orientação da professora Dr^a. Leila Said Assef Mendes.

A pesquisa possui como objetivo identificar avanços no desenvolvimento leitor dos alunos, por meio de atividades baseadas nas estratégias de leitura e níveis de leitura.

A pesquisa será realizada apenas nesta instituição, de cunho público, e é uma pesquisa caracterizada como pesquisa-ação, pois visa resolver ou amenizar problemas identificados a partir de um trabalho cooperativo e participativo. Esta pesquisa tem seus princípios embasados à luz do interacionismo discursivo, do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin.

Com o objetivo de garantir a qualidade dos resultados e a validade do estudo, será necessário que esta pesquisadora faça a aplicação de questionário aos professores de Língua Portuguesa da escola e aos alunos, especificamente da turma de 7º ano, 601, e ter possibilidade de dar prosseguimento à pesquisa no ano seguinte, quando os alunos já estarão no 8º ano, 7ª série; solicito também aplicar atividades com os alunos da série referida, relacionadas à temática proposta para, a partir das respostas, fazer a análise do material coletado em sala de aula.

Dessa forma, peço a gentileza de autorizar a pesquisa nas dependências dessa respeitável Instituição de ensino.

Destaco que os dados da pesquisa serão tratados de forma confidencial, tendo nas análises e em todas as etapas da pesquisa a não identificação dos estudantes.

Ressalto que sua cooperação é extremamente importante. Assim, solicito o especial favor de, juntamente à professora regente da turma, agendar data para que possamos estabelecer o nosso cronograma de ação, sem muitas alterações na rotina diária da Instituição, mas, se possível, com a aplicação pessoal da pesquisadora em todas as etapas da pesquisa.

Agradeço desde já a sua colaboração para o desenvolvimento deste trabalho.

Atenciosamente,

Sâmela Aires dos Santos Portela

Mestranda do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) – Universidade Federal do
Pará (UFPA)

(smela_aires@yahoo.com.br)

APÊNDICE B: Questionário para os alunos**QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS**

Aluno(a): _____

Série/ Ano que estuda: _____.

1. Qual o sentido de leitura para você?
 - a. saber dizer, ler o que está escrito nas palavras.
 - a. Entender o sentido do texto.
 - b. saber ler demonstrando opinião própria em relação ao texto.
 - c. Todas as alternativas acima listadas.

2. Na sua opinião para que serve (finalidade) a leitura?

3. Você acha interessante a forma como seus professores trabalham a leitura em sala de aula, em todas as disciplinas, não apenas em Língua Portuguesa?
 - a. Sempre
 - b. Na maioria das vezes
 - c. Poucas vezes
 - d. Nunca

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?
 - a. Tem lido livros diversos, revistas e outros.
 - b. Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).
 - c. Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.
 - d. Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: _____

5. Quando seu (sua) professora(a) fala que fará uma atividade de leitura, qual a primeira ideia que lhe vem à cabeça?
 - a. Fica animado(a), pois gosta de ler.
 - b. Sente-se desestimulado pela forma como a leitura é feita.
 - c. Gosta de ler, mas não as leituras da escola.
 - d. Não gosta de ler.

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?

7. Sua família é uma incentivadora de suas leituras?

- Sempre
- Na maioria das vezes
- Raramente
- Nunca

APÊNDICE C – Mostra de questionário sobre leitura aplicado aos alunos

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Aluno(a): Mathius de Anchaes Afon

Série/ Ano que estuda: 6^o 4^o ano

- Qual o sentido de leitura para você?
 - saber dizer, ler o que está escrito nas palavras.
 - Entender o sentido do texto.
 - saber ler demonstrando opinião própria em relação ao texto.
 - Todas as alternativas acima listadas.
- Na sua opinião para que serve (finalidade) a leitura?

a leitura serve para demonstrar
Melhor e entender
- Você acha interessante a forma como seus professores trabalham a leitura em sala de aula, em todas as disciplinas, não apenas em Língua Portuguesa?
 - Sempre
 - Na maioria das vezes
 - Poucas vezes
 - Nunca
- O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?
 - Tem lido livros diversos, revistas e outros.
 - Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).
 - Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.
 - Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: ~~por que eu não sou obrigado a ler~~
por que eu não sou obrigado a ler
- Quando seu (sua) professora(a) fala que fará uma atividade de leitura, qual a primeira ideia que lhe vem à cabeça?
 - Fica animado(a), pois gosta de ler.
 - Sente-se desestimulado pela forma como a leitura é feita.
 - Gosta de ler, mas não as leituras da escola.
 - Não gosta de ler.
- Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?

Minha maior dificuldade
- Sua família é uma incentivadora de suas leituras?
 - Sempre
 - Na maioria das vezes
 - Raramente
 - Nunca

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Aluno(a): LAYANA KUNHA

Série/ Ano que estuda: 6^o 4^o ano

- Qual o sentido de leitura para você?
 - saber dizer, ler o que está escrito nas palavras.
 - Entender o sentido do texto.
 - saber ler demonstrando opinião própria em relação ao texto.
 - Todas as alternativas acima listadas.
- Na sua opinião para que serve (finalidade) a leitura?

serve para ajudar as pessoas e no futuro
- Você acha interessante a forma como seus professores trabalham a leitura em sala de aula, em todas as disciplinas, não apenas em Língua Portuguesa?
 - Sempre
 - Na maioria das vezes
 - Poucas vezes
 - Nunca
- O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?
 - Tem lido livros diversos, revistas e outros.
 - Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).
 - Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.
 - Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: por que tem me ajudado muito
na minha leitura
- Quando seu (sua) professora(a) fala que fará uma atividade de leitura, qual a primeira ideia que lhe vem à cabeça?
 - Fica animado(a), pois gosta de ler.
 - Sente-se desestimulado pela forma como a leitura é feita.
 - Gosta de ler, mas não as leituras da escola.
 - Não gosta de ler.
- Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?

muita dificuldade e ler e jogos de palavras
- Sua família é uma incentivadora de suas leituras?
 - Sempre
 - Na maioria das vezes
 - Raramente
 - Nunca

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Aluno(a): Maria BeatrizSérie/ Ano que estuda: 4º ano

1. Qual o sentido de leitura para você?
- a. saber dizer, ler o que está escrito nas palavras.
- b. Entender o sentido do texto.
- c. saber ler demonstrando opinião própria em relação ao texto.
- d. Todas as alternativas acima listadas.

2. Na sua opinião para que serve (finalidade) a leitura?

Para aprender

3. Você acha interessante a forma como seus professores trabalham a leitura em sala de aula, em todas as disciplinas, não apenas em Língua Portuguesa?

- a. Sempre
- b. Na maioria das vezes
- c. Poucas vezes
- d. Nunca

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?

- a. Tem lido livros diversos, revistas e outros.
- b. Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).
- c. Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.
- d. Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: Eu gosto de ler porque é muito interessante

5. Quando seu (sua) professora(a) fala que fará uma atividade de leitura, qual a primeira ideia que lhe vem à cabeça?

- a. Fica animado(a), pois gosta de ler.
- b. Sente-se desestimulado pela forma como a leitura é feita.
- c. Gosta de ler, mas não as leituras da escola.
- d. Não gosta de ler.

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?

Vergonha

7. Sua família é uma incentivadora de suas leituras?

- Sempre
- Na maioria das vezes
- Raramente
- Nunca

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Aluno(a): Kauê Marcelino da ConceiçãoSérie/ Ano que estuda: 601/7º ano

1. Qual o sentido de leitura para você?
- a. saber dizer, ler o que está escrito nas palavras.
- b. Entender o sentido do texto.
- c. saber ler demonstrando opinião própria em relação ao texto.
- d. Todas as alternativas acima listadas.

2. Na sua opinião para que serve (finalidade) a leitura?

para mas entender o sentido do texto e também aonde ler melhor

3. Você acha interessante a forma como seus professores trabalham a leitura em sala de aula, em todas as disciplinas, não apenas em Língua Portuguesa?

- a. Sempre
- b. Na maioria das vezes
- c. Poucas vezes
- d. Nunca

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?

- a. Tem lido livros diversos, revistas e outros.
- b. Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).
- c. Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.
- d. Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: para mas saber ler bem qual que texto e serve também para mais aprendizado

5. Quando seu (sua) professora(a) fala que fará uma atividade de leitura, qual a primeira ideia que lhe vem à cabeça?

- a. Fica animado(a), pois gosta de ler.
- b. Sente-se desestimulado pela forma como a leitura é feita.
- c. Gosta de ler, mas não as leituras da escola.
- d. Não gosta de ler.

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?

é que eu fico com vergonha de ter na frente dos alunos

7. Sua família é uma incentivadora de suas leituras?

- Sempre
- Na maioria das vezes
- Raramente
- Nunca

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Aluno(a): Thalia da Costa PinheiroSérie/ Ano que estuda: 6º 7º ano 601

1. Qual o sentido de leitura para você?
- a. saber dizer, ler o que está escrito nas palavras.
- a. Entender o sentido do texto.
- b. saber ler demonstrando opinião própria em relação ao texto.
- c. Todas as alternativas acima listadas.

2. Na sua opinião para que serve (finalidade) a leitura?

Para entender melhor a leitura, saber para que ela serve, se deve para melhorar, melhorar...

3. Você acha interessante a forma como seus professores trabalham a leitura em sala de aula, em todas as disciplinas, não apenas em Língua Portuguesa?

- a. Sempre
- b. Na maioria das vezes
- c. Poucas vezes
- d. Nunca

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?

- a. Tem lido livros diversos, revistas e outros.
- b. Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).
- c. Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.
- d. Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: A gente deve ler bastante os livros não só os livros didáticos para melhorar a leitura a qualidade e para se divertir

5. Quando seu (sua) professor(a) fala que fará uma atividade de leitura, qual a primeira ideia que lhe vem à cabeça?

- a. Fica animado(a), pois gosta de ler.
- b. Sente-se desestimulado pela forma como a leitura é feita.
- c. Gosta de ler, mas não as leituras da escola.
- d. Não gosta de ler.

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?

Eu fico com vergonha de usar uma palavra ou falar um ponto, uma vírgula por nervosismo

7. Sua família é uma incentivadora de suas leituras?

- Sempre
- Na maioria das vezes
- Raramente
- Nunca

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Aluno(a): Jordan Abreu PontesSérie/ Ano que estuda: 601 7º

1. Qual o sentido de leitura para você?
- a. saber dizer, ler o que está escrito nas palavras.
- a. Entender o sentido do texto.
- b. saber ler demonstrando opinião própria em relação ao texto.
- c. Todas as alternativas acima listadas.

2. Na sua opinião para que serve (finalidade) a leitura?

PARA ENTENDER A LEITURA

3. Você acha interessante a forma como seus professores trabalham a leitura em sala de aula, em todas as disciplinas, não apenas em Língua Portuguesa?

- a. Sempre
- b. Na maioria das vezes
- c. Poucas vezes
- d. Nunca

4. O que você, enquanto aluno, tem feito para aperfeiçoar sua competência leitora, ou seja, para se tornar um melhor leitor?

- a. Tem lido livros diversos, revistas e outros.
- b. Tem lido somente os livros didáticos (das disciplinas).
- c. Tem lido apenas quando é solicitado na sala de aula.
- d. Não tem lido em nenhuma das situações acima.

Justifique: porque eu costumo ler em casa

5. Quando seu (sua) professor(a) fala que fará uma atividade de leitura, qual a primeira ideia que lhe vem à cabeça?

- a. Fica animado(a), pois gosta de ler.
- b. Sente-se desestimulado pela forma como a leitura é feita.
- c. Gosta de ler, mas não as leituras da escola.
- d. Não gosta de ler.

6. Qual sua maior dificuldade quando é convidado a ler um texto?

NEOLINGUÍSMO E COGACEN

7. Sua família é uma incentivadora de suas leituras?

- Sempre
- Na maioria das vezes
- Raramente
- Nunca

APÊNDICE D: Questionário para os professores

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

Identificação: _____

Série que leciona: _____ Idade: _____ Sexo: () F () M

Formação: () Técnico magistério () Curso Superior de férias () Curso Superior

Tempo de trabalho no ensino fundamental: _____ () Escola Municipal

() Escola Estadual

1. Para você, o que é ler?

2. O aprendizado de leitura, em sua opinião, é responsabilidade de quem?

3. Como foi a sua experiência pessoal, em relação ao seu período de aprender a ler, desde a sua infância até os cursos de formação?

a. () Uma atividade negativa, chata e cansativa.

b. () Uma atividade prazerosa e motivante.

c. () Uma obrigação acadêmica.

d. () Não lembra.

4. Você considera que seu contato com livros de história na infância foi:

a. () Ótimo

b. () Bom

c. () Pouco

d. () Nenhum

5. Quando criança seus pais liam para você? () Sim () Às vezes () Não () Não lembra

6. Como você classifica seu interesse pela leitura atualmente: () Ótimo () Bom () Regular () Nenhum

Por quê?

7. O que você gosta de ler?

a. () Jornais

b. () Livros técnicos (da profissão)

- c. Mensagens e textos da internet
 - d. Livros diversos: romance, auto-ajuda, “best-seller”, literário
 - e. Revistas em geral
 - f. Outros
8. O que você compra para ler? a. Jornais b. Revistas c. Livros d. Não compra
9. Para você, o hábito de leitura exige?
- a. Disposição e interesse pessoal
 - b. Condições financeiras para comprar livros
 - c. Competências específicas
 - d. Não sabe referir.
10. Enquanto professor(a) de Língua Portuguesa, qual a importância que você vê de seus alunos saberem ler?

11. O que significa ser um bom leitor?

12. Como professor, você realiza leitura de textos com seus alunos em sala de aula com que frequência?
- Todos os dias Quase todos os dias às vezes Nunca

Se sim, informe com que frequência você realiza leitura em sala de aula.

13. De que forma, geralmente, você aborda a leitura em sala de aula? Usa uma abordagem teórica específica? Explique.

14. Como se dá a sua escolha pelos textos que são trabalhados em sala de aula?

15. Quanto ao aproveitamento, em relação à leitura, como você avaliaria seu trabalho em sala de aula?

16. Qual o seu objetivo quando trabalha com a leitura em sala de aula?

17. Refletindo sobre sua prática de sala de aula, você considera que seus alunos, especificamente os de 7º ano em diante, apresentam o desenvolvimento leitor adequado à série em que se encontram? A que se deve este(não)desenvolvimento do aluno enquanto leitor, em sua opinião?

18. Se analisar, quanto à influência do aparato teórico, você considera que suas aulas de Língua Portuguesa são embasadas em algum pressuposto?

- Sim
 Às vezes
 Raramente
 Não

Se você optou por um dos elementos acima, com exceção da opção *não*, qual a base teórica da qual você se utiliza para a construção de suas aulas?

APÊNDICE E: Questionário para professores preenchido

Série que leciona: 6º e 7º ano Idade: 40 Sexo: F () M

Formação: () Técnico magistério () Curso Superior de férias Curso Superior

Tempo de trabalho no ensino fundamental: 2 anos

Escola Municipal () Escola Estadual

1. Para você, o que é ler?

É a ampliação contínua de saberes

2. O aprendizado de leitura, em sua opinião, é responsabilidade de quem?

Do professor enquanto educador, do indivíduo enquanto educando e da Secretaria de Educação que deve proporcionar os meios necessários para uma boa qualidade de ensino.

3. Como foi a sua experiência pessoal, em relação ao seu período de aprender a ler, desde a sua infância até os cursos de formação?

a. () Uma atividade negativa, chata e cansativa.
 b. Uma atividade prazerosa e motivante
 c. () Uma obrigação acadêmica.
 d. () Não lembra.

4. Você considera que seu contato com livros de história na infância foi:

a. () Ótimo
 b. Bom
 c. () Pouco
 d. () Nenhum

5. Quando criança seus pais liam para você? () Sim Às vezes () Não () Não lembra

6. Como você classifica seu interesse pela leitura atualmente: () Ótimo Bom () Regular () Nenhum

Por quê?

A leitura é um hábito adquirido desde a adolescência, atualmente prático e cotidianamente.

7. O que você gosta de ler?

a. () Jornais
 b. () Livros técnicos (da profissão)
 c. () Mensagens e textos da internet
 d. Livros diversos: romance, auto-ajuda, "best-seller", literário
 e. () Revistas em geral
 f. () Outros

9. Como professor, você realiza leitura de textos com seus alunos em sala de aula com que frequência?
 a. () Todos os dias b. (X) Quase todos os dias c. () às vezes d. () Nunca
8. O que você compra para ler? a. () Jornais b. () Revistas c. (X) Livros
 d. () Não compra.

10. Enquanto professor(a) de Língua Portuguesa, qual a importância que você vê de seus alunos saberem ler?

Favorece em seu desenvolvimento cognitivo, onde gradativamente ele avança para uma leitura autônoma

11. O que significa ser um bom leitor? *relacionando textos com o contexto*
é ter a habilidade de compreender os diversos tipos de textos, considerando o contexto em que a linguagem é constituída e produzida.

12. Como professor, você realiza leitura de textos com seus alunos em sala de aula com que frequência?
 a. () Todos os dias b. () Quase todos os dias c. () às vezes d. () Nunca

Se sim, informe com que frequência você realiza leitura em sala de aula.

Semanalmente

13. De que forma, geralmente, você aborda a leitura em sala de aula? Usa alguma abordagem teórica específica?

Apresento o texto, faço a leitura com a classe, falo sobre a temática, o gênero e a linguagem constituída

APÊNDICE F: Atividade de sondagem

ALUNO(A): _____

ATIVIDADE DE LEITURA**Atividade 1: vídeo:**(Acesso em: 12 dez. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6v_FRtCnt2U>)

1. Qual o nome da ponte construída?

2. Quem era o presidente em exercício no período da inauguração da ponte?

3. A ponte construída liga quais lugares?

4. O vídeo apresenta claramente a data comemorativa de inauguração da ponte? Se sim, qual?

5. No texto, é citada a construção de um obelisco, você sabe o que é isso?

6. Você conhece o contexto político desta época? Se sim, qual era?

7. Qual era o meio de transporte utilizado pelos moradores da Ilha para se locomoverem de Mosqueiro a Belém e vice-versa?



Fonte: Orionn Almeida.

Autoridades competentes fecham os olhos para a devastação de nossa Ilha de Mosqueiro

Ao longo dos tempos nossa Ilha de Mosqueiro vem sendo olhada por algumas autoridades com "olhos vendados", ou seja, essas autoridades fingem não ver o que está na cara de todo mundo.

Não quero aqui ser injusto com ninguém, e nem tão pouco acusar sem provas, mas a verdade é que Mosqueiro, em parte, foi transformado na cidade sem lei, ou lei do mais\$\$\$\$\$\$\$. Se não é, pelo menos parece ser.

As fotos que aparecem acima expressam o resultado da devastação pela extração de areia, aterro, derrubada de árvores e descaso total, tudo **NA CARA** de nossas autoridades e sem nenhuma fiscalização séria e de fato.

Nosso Distrito está se transformando em uma grande **PENEIRA** (instrumento usado para coar açai), e pior que em nada beneficia a ilha.

Há pouco tempo um imenso buraco foi deixado no bairro do Ipixuna causado pela extração de areia que era transportada para Belém dioturnamente, eram imensas caçambas que trafegavam todos os dias sobre a Ponte Sebastião R. de Oliveira, que liga a ilha ao Continente, e que ajudou em muito a destruir aquela ponte, foram milhares de caçambas levadas para uma obra na capital [...]

Além daquele buracão ainda tem pelo menos mais quatro na rodovia Augusto Meira Filho, perímetro compreendido entre o portal de entrada da ilha e o bairro de Carananduba, outros três na PA 391, perímetro compreendido entre a Rua José Mariano Cavaleiro de Macedo (Vila Nova) no bairro de Ariramba e Portal de entrada da ilha.

Para piorar a situação, no dia 21 de maio, em pleno feriado de Corpus Christi, mais um imenso buraco começou a surgir em plena rodovia Augusto Meira Filho entre o Portal de entrada de Mosqueiro e o Furo das Marinhas, esse buracão, que tem a autorização de sei lá quem, mas que com certeza absoluta irá beneficiar alguém e prejudicar, e muito, nossa ilha, fica a apenas 30 metros da pista, o que dá condições de qualquer pessoa presenciar aquela ação devastadora sem poder fazer nada.

Será que nossas autoridades [...] não estão vendo em que Mosqueiro está se tornando?

Fica aqui meu protesto e meu repúdio as autoridades que viram as costas para o que fazem com nossa ilha.

Não quero aqui fazer campanha de EMANCIPAÇÃO, mas é por esse e outros motivos que sou a favor de Mosqueiro virar município, para que não tenhamos que continuar enchendo os cofres de elementos que se aproveitam da desonestidade e omissão de certas autoridades, não deixando nenhum benefício para a ilha.

E o pior é que quando falamos em devastação pela extração de minério não podemos esquecer que para extrair esses minerais, antes, muitos vegetais são devastados de forma predatória. E por falar nisso, quando é que vão acabar com o desmatamento às margens do rio Mari Mari, onde serrarias clandestinas estão instaladas sem nenhum incômodo por parte das autoridades?

Nós, mosqueirenses, pedimos socorro para quem quer que seja. Não deixem nossa ilha afundar, precisamos de apoio e de seriedade.

Só para efeito de informações, não vou cansar de divulgar essa crueldade que estão fazendo com nossa " bucólica " .

Fonte: DURINHO, Pedro Paulo. **Autoridades competentes fecham os olhos para a devastação de nossa Ilha de Mosqueiro.** Portal Mosqueiro. Disponível em: <<http://portalmosqueiro.jimdo.com/>>. Acesso em: 10 de dez. de 2015.

1. O que o autor do texto denuncia?

2. Quais são especificamente os lugares da ilha apontados pelo autor como prejudicados pela devastação?

3. Conforme a denúncia, o que é ilegalmente extraído de Mosqueiro?

4. Além dos prejuízos ao meio ambiente, qual a o outro dano sofrido pela ilha, conforme o texto?

5. Em sua opinião, por que é feita uma comparação entre a situação da ilha de Mosqueiro e uma peneira de açaí?

6. No texto, o autor faz questão de esclarecer que não escreveu sua argumentação com a finalidade de fazer uma campanha de emancipação, mas o que ele de fato diz, na sequência, trata-se de uma aberta campanha pela autonomia da ilha de Mosqueiro ou não? Justifique.

7. Quais os argumentos usados quanto à emancipação?

8. Qual o seu ponto de vista em relação a questão da emancipação da ilha de Belém, você é a favor ou contra? Explique por quê.

Relação entre vídeo e texto impresso

1. Sobre o vídeo e o texto impresso, você observou que os dois tratam de benefícios, malefícios ou ambos, em relação à ilha? Justifique.

2. Existe algum elemento em comum trabalhado nos dois textos (o vídeo e o texto argumentativo)?

APÊNDICE G: Mostra de atividade de sondagem respondida pelos alunos.

ATIVIDADE DE LEITURA

Atividade 1: vídeo:

1. Qual o nome da ponte construída?

sebastião rabelo alvares

2. Quem era o presidente em exercício no período da inauguração da ponte?

Ernesto ~~Geisel~~ Geisel

3. A ponte construída liga quais lugares?

mosqueiro
capital

4. O vídeo apresenta claramente a data comemorativa de inauguração da ponte? Se sim, qual?

sim o ~~12/11/76~~ 12/11/76 1976

5. No texto, é citada a construção de um obelisco, você sabe o que é isso?

~~um~~ O obelisco é um marcoamento

6. Você conhece o contexto político desta época? Se sim, qual era?

Presidente

7. Qual era o meio de transporte utilizado pelos moradores da Ilha para se locomoverem de Mosqueiro a Belém e vice-versa?

barcas

da pista, o que dá condições de qualquer pessoa presenciar aquela ação devastadora sem poder fazer nada.

Será que nossas autoridades [...] não estão vendo em que Mosqueiro está se tornando?

Fica aqui meu protesto e meu repúdio as autoridades que viram as costas para o que fazem com nossa ilha.

Não quero aqui fazer campanha de EMANCIPAÇÃO, mas é por esse e outros motivos que sou a favor de Mosqueiro virar município, para que não tenhamos que continuar enchendo os cofres de elementos que se aproveitam da desonestidade e omissão de certas autoridades, não deixando nenhum benefício para a ilha.

E o pior é que quando falamos em devastação pela extração de minério não podemos esquecer que para extrair esses minerais, antes, muitos vegetais são devastados de forma predatória. E por falar nisso, quando é que vão acabar com o desmatamento às margens do rio Mari Mari, onde serrarias clandestinas estão instaladas sem nenhum incômodo por parte das autoridades?

Nós, mosqueirenses, pedimos socorro para quem quer que seja. Não deixem nossa ilha afundar, precisamos de apoio e de seriedade.

Só para efeito de informações, não vou cansar de divulgar essa crueldade que estão fazendo com nossa " bucólica " .

Fotos: Orionn Almeida.

Fonte: DURINHO, Pedro Paulo. **Autoridades competentes fecham os olhos para a devastação de nossa Ilha de Mosqueiro.** Portal Mosqueiro. Disponível em <http://portalmosqueiro.jimdo.com/>. Acesso em 10 de dez. de 2015.

1. O que o autor do texto denuncia?

Devastação sobre Mosqueiro

2. Quais são especificamente os lugares da ilha apontados pelo autor como prejudicados pela devastação?

Ipixuma, Mosqueiro, Furo das Marimbas, Cabramandula, Arizambá, Augusto Meira Filho.

3. Conforme a denúncia, o que é ilegalmente extraído de Mosqueiro?

~~É a própria Ilha de Mosqueiro~~
e Areia e Pedra

4. Além dos prejuízos ao meio ambiente, qual a o outro dano sofrido pela ilha, conforme o texto?

emancipação.

5. Em sua opinião, por que é feita uma comparação entre a situação da ilha de Mosqueiro e uma peneira de açaí?

~~Porque a situação da ilha de Mosqueiro~~
 Os leuitacos

6. No texto, o autor faz questão de esclarecer que não escreveu sua argumentação com a finalidade de fazer uma campanha de emancipação, mas o que ele de fato diz, na sequência, trata-se de uma aberta campanha pela autonomia da ilha de Mosqueiro ou não? Justifique.

Só para efeito de informações, não vou comçar de divulgar essa crueldade que estou fazendo com nossa "bucólica".

7. Quais os argumentos usados quanto à emancipação?

Ele tá pedindo autoridades e benefício.

8. Qual o seu ponto de vista em relação a questão da emancipação da ilha de Belém, você é a favor ou contra? Explique por quê.

Não se para-lá Belém de Mosqueiro.

Relação entre vídeo e texto impresso

1. Sobre o vídeo e o texto impresso, você observou que os dois tratam de benefícios, malefícios ou ambos, em relação à ilha? Justifique.

Benefícios, malefícios porque tem coisas boas.

2. Existe algum elemento em comum trabalhado nos dois textos (o vídeo e o texto argumentativo)?

Não

ATIVIDADE DE LEITURA

Atividade 1: vídeo:

1. Qual o nome da ponte construída?
SÃO SEBASTIÃO DE OLIVEIRA
2. Quem era o presidente em exercício no período da inauguração da ponte?
ERNESTO CAIÃO
3. A ponte construída liga quais lugares?
BELEM A MOSQUEIRO
4. O vídeo apresenta claramente a data comemorativa de inauguração da ponte? Se sim, qual?
SIM E LA FOI INAUGURADA EM 1976
5. No texto, é citada a construção de um obelisco, você sabe o que é isso?
UM MONUMENTO DE 1930
6. Você conhece o contexto político desta época? Se sim, qual era?
UM GOV
7. Qual era o meio de transporte utilizado pelos moradores da Ilha para se locomoverem de Mosqueiro a Belém e vice-versa?
O MEIO DE TRANSPORTE ERA DE BARCA

da pista, o que dá condições de qualquer pessoa presenciar aquela ação devastadora sem poder fazer nada.

Será que nossas autoridades [...] não estão vendo em que Mosqueiro está se tornando?

Fica aqui meu protesto e meu repúdio as autoridades que viram as costas para o que fazem com nossa ilha.

Não quero aqui fazer campanha de EMANCIPAÇÃO, mas é por esse e outros motivos que sou a favor de Mosqueiro virar município, para que não tenhamos que continuar enchendo os cofres de elementos que se aproveitam da desonestidade e omissão de certas autoridades, não deixando nenhum benefício para a ilha.

E o pior é que quando falamos em devastação pela extração de minério não podemos esquecer que para extrair esses minerais, antes, muitos vegetais são devastados de forma predatória. E por falar nisso, quando é que vão acabar com o desmatamento às margens do rio Mari Mari, onde serrarias clandestinas estão instaladas sem nenhum incômodo por parte das autoridades?

Nós, mosqueirenses, pedimos socorro para quem quer que seja. Não deixem nossa ilha afundar, precisamos de apoio e de seriedade.

Só para efeito de informações, não vou cansar de divulgar essa crueldade que estão fazendo com nossa " bucólica " .

Fotos: Orionn Almeida.

Fonte: DURINHO, Pedro Paulo. **Autoridades competentes fecham os olhos para a devastação de nossa Ilha de Mosqueiro.** Portal Mosqueiro. Disponível em <http://portalmosqueiro.jimdo.com/>. Acesso em 10 de dez. de 2015.

1. O que o autor do texto denuncia?

DA DEVASTAÇÃO DA ILHA DE MOSQUEIRO

2. Quais são especificamente os lugares da ilha apontados pelo autor como prejudicados pela devastação?

NO BAIRRO DO PIXUNA

3. Conforme a denúncia, o que é ilegalmente extraído de Mosqueiro?

VASE: CARACÃO DE TERRA POR VIOS E CABOS

4. Além dos prejuízos ao meio ambiente, qual a o outro dano sofrido pela ilha, conforme o texto?

EXTRAÇÃO DE AREIA ATRAVÉS DE REDEADA DE ARVORES

5. Em sua opinião, por que é feita uma comparação entre a situação da ilha de Mosqueiro e uma peneira de açai?

NÃO SEI

6. No texto, o autor faz questão de esclarecer que não escreveu sua argumentação com a finalidade de fazer uma campanha de emancipação, mas o que ele de fato diz, na sequência, trata-se de uma aberta campanha pela autonomia da ilha de Mosqueiro ou não? Justifique.

SIM PARA CAMPAIGNA PARA DEMONSTRAR A MOSQUEIRO QUE É CERTO

7. Quais os argumentos usados quanto à emancipação?

NÃO SEI

8. Qual o seu ponto de vista em relação a questão da emancipação da ilha de Belém, você é a favor ou contra? Explique por quê.

NÃO SON A FAVOR

Relação entre vídeo e texto impresso

1. Sobre o vídeo e o texto impresso, você observou que os dois tratam de benefícios, malefícios ou ambos, em relação à ilha? Justifique.

PARA QUE A BAIÁ DO SOL FICSSIONE
BEM SEM POLUICÃO SEM ESCAVACAO
DE TERRA

2. Existe algum elemento em comum trabalhado nos dois textos (o vídeo e o texto argumentativo)?

NÃO SEI

ATIVIDADE DE LEITURA**Atividade 1: vídeo:**

1. Qual o nome da ponte construída?

sebastião R de oliveira

2. Quem era o presidente em exercício no período da inauguração da ponte?

emerson gervel

3. A ponte construída liga quais lugares?

Belém e Mosqueiro

4. O vídeo apresenta claramente a data comemorativa de inauguração da ponte? Se sim, qual?

12-05-1976

5. No texto, é citada a construção de um obelisco, você sabe o que é isso?

não

6. Você conhece o contexto político desta época? Se sim, qual era?

mao rei

7. Qual era o meio de transporte utilizado pelos moradores da Ilha para se locomoverem de Mosqueiro a Belém e vice-versa?

barco

da pista, o que dá condições de qualquer pessoa presenciar aquela ação devastadora sem poder fazer nada.

Será que nossas autoridades [...] não estão vendo em que Mosqueiro está se tornando?

Fica aqui meu protesto e meu repúdio as autoridades que viram as costas para o que fazem com nossa ilha.

Não quero aqui fazer campanha de EMANCIPAÇÃO, mas é por esse e outros motivos que sou a favor de Mosqueiro virar município, para que não tenhamos que continuar enchendo os cofres de elementos que se aproveitam da desonestidade e omissão de certas autoridades, não deixando nenhum benefício para a ilha.

E o pior é que quando falamos em devastação pela extração de minério não podemos esquecer que para extrair esses minerais, antes, muitos vegetais são devastados de forma predatória. E por falar nisso, quando é que vão acabar com o desmatamento às margens do rio Mari Mari, onde serrarias clandestinas estão instaladas sem nenhum incômodo por parte das autoridades?

Nós, mosqueirenses, pedimos socorro para quem quer que seja. Não deixem nossa ilha afundar, precisamos de apoio e de seriedade.

Só para efeito de informações, não vou cansar de divulgar essa crueldade que estão fazendo com nossa " bucólica " .

Fotos: Orionn Almeida.

Fonte: DURINHO, Pedro Paulo. **Autoridades competentes fecham os olhos para a devastação de nossa Ilha de Mosqueiro.** Portal Mosqueiro. Disponível em <http://portalmosqueiro.jimdo.com/>. Acesso em 10 de dez. de 2015.

1. O que o autor do texto denuncia?

devastação de mosqueiro

2. Quais são especificamente os lugares da ilha apontados pelo autor como prejudicados pela devastação?

piruna, augusto meira filho, carananduba, ilha meira oronamba e Portal a ilha Furo das moedas e mari-mari

3. Conforme a denúncia, o que é ilegalmente extraído de Mosqueiro?

oreis

4. Além dos prejuízos ao meio ambiente, qual a o outro dano sofrido pela ilha, conforme o texto?

devastação pela extração de minérios

5. Em sua opinião, por que é feita uma comparação entre a situação da ilha de Mosqueiro e uma peneira de açaí?

por que a peneira de açaí é cheia de
buracos e igual a ilha de mosqueiro

6. No texto, o autor faz questão de esclarecer que não escreveu sua argumentação com a finalidade de fazer uma campanha de emancipação, mas o que ele de fato diz, na sequência, trata-se de uma aberta campanha pela autonomia da ilha de Mosqueiro ou não? Justifique.

não sei

7. Quais os argumentos usados quanto à emancipação?

para não continue enchendo os olhos de
elementos que se aproveitam da desonestidade

8. Qual o seu ponto de vista em relação a questão da emancipação da ilha de Belém, você é a favor ou contra? Explique por quê.

contra por ~~ser~~ ser lá

Relação entre vídeo e texto impresso

1. Sobre o vídeo e o texto impresso, você observou que os dois tratam de benefícios, malefícios ou ambos, em relação à ilha? Justifique.

ambos por que os dois tratam de
mesma coisa

2. Existe algum elemento em comum trabalhado nos dois textos (o vídeo e o texto argumentativo)?

~~nenhum~~ sim ?

ATIVIDADE DE LEITURA

Atividade 1: vídeo:

1. Qual o nome da ponte construída?
São Sebastião de Oliveira
2. Quem era o presidente em exercício no período da inauguração da ponte?
~~Getúlio~~ Ernesto
3. A ponte construída liga quais lugares?
A capital e a ilha de Mosqueiro
4. O vídeo apresenta claramente a data comemorativa de inauguração da ponte? Se sim, qual?
sim tem 1988
5. No texto, é citada a construção de um obelisco, você sabe o que é isso?
~~sim~~ não
6. Você conhece o contexto político desta época? Se sim, qual era?
~~Sim~~ sim era o tempo presidente Ernesto
7. Qual era o meio de transporte utilizado pelos moradores da Ilha para se locomoverem de Mosqueiro a Belém e vice-versa?
Barcas



da pista, o que dá condições de qualquer pessoa presenciar aquela ação devastadora sem poder fazer nada.

Será que nossas autoridades [...] não estão vendo em que Mosqueiro está se tornando?

Fica aqui meu protesto e meu repúdio as autoridades que viram as costas para o que fazem com nossa ilha.

Não quero aqui fazer campanha de EMANCIPAÇÃO, mas é por esse e outros motivos que sou a favor de Mosqueiro virar município, para que não tenhamos que continuar enchendo os cofres de elementos que se aproveitam da desonestidade e omissão de certas autoridades, não deixando nenhum benefício para a ilha.

E o pior é que quando falamos em devastação pela extração de minério não podemos esquecer que para extrair esses minerais, antes, muitos vegetais são devastados de forma predatória. E por falar nisso, quando é que vão acabar com o desmatamento às margens do rio Mari Mari, onde serrarias clandestinas estão instaladas sem nenhum incômodo por parte das autoridades?

Nós, mosqueirenses, pedimos socorro para quem quer que seja. Não deixem nossa ilha afundar, precisamos de apoio e de seriedade.

Só para efeito de informações, não vou cansar de divulgar essa crueldade que estão fazendo com nossa " bucólica " .

Fotos: Orionn Almeida.

Fonte: DURINHO, Pedro Paulo. **Autoridades competentes fecham os olhos para a devastação de nossa Ilha de Mosqueiro.** Portal Mosqueiro. Disponível em <http://portalmosqueiro.jimdo.com/>. Acesso em 10 de dez. de 2015.

1. O que o autor do texto denuncia?

devastação

2. Quais são especificamente os lugares da ilha apontados pelo autor como prejudicados pela devastação?

Ipixuna, Carananduba, Airamba

3. Conforme a denúncia, o que é ilegalmente extraído de Mosqueiro?

extração de areia

4. Além dos prejuízos ao meio ambiente, qual a o outro dano sofrido pela ilha, conforme o texto?

Atorno, derrubadas de árvores

5. Em sua opinião, por que é feita uma comparação entre a situação da ilha de Mosqueiro e uma peneira de açaí?

por causa do buraco da que fazem na ilha de mosqueiro

6. No texto, o autor faz questão de esclarecer que não escreveu sua argumentação com a finalidade de fazer uma campanha de emancipação, mas o que ele de fato diz, na sequência, trata-se de uma aberta campanha pela autonomia da ilha de Mosqueiro ou não? Justifique.

Sim pois por ele não que separar da ilha de mosqueiro

7. Quais os argumentos usados quanto à emancipação?

para diminuir a desigualdade

8. Qual o seu ponto de vista em relação a questão da emancipação da ilha de Belém, você é a favor ou contra? Explique por quê.

eu sou a favor por a nossa ilha

Relação entre vídeo e texto impresso

1. Sobre o vídeo e o texto impresso, você observou que os dois tratam de benefícios, malefícios ou ambos, em relação à ilha? Justifique.

benefícios e malefícios

2. Existe algum elemento em comum trabalhado nos dois textos (o vídeo e o texto argumentativo)?

por a inauguração da ponte e da ilha

ATIVIDADE DE LEITURA

Atividade 1: vídeo:

1. Qual o nome da ponte construída?

~~Primeira~~ Nelson Tãe ~~de~~ ~~Belém~~

2. Quem era o presidente em exercício no período da inauguração da ponte?

entre o Cabral e o ilha de Mosqueiro

3. A ponte construída liga quais lugares?

~~de~~ Sim sei

4. O vídeo apresenta claramente a data comemorativa de inauguração da ponte? Se sim, qual?

12/01/1966

5. No texto, é citada a construção de um obelisco, você sabe o que é isso?

~~monumento~~ ~~de~~ ~~pedra~~ Não sei

6. Você conhece o contexto político desta época? Se sim, qual era?

~~de~~ Não sei

7. Qual era o meio de transporte utilizado pelos moradores da Ilha para se locomoverem de Mosqueiro a Belém e vice-versa?

~~de~~ Barco ou barco

da pista, o que dá condições de qualquer pessoa presenciar aquela ação devastadora sem poder fazer nada.

Será que nossas autoridades [...] não estão vendo em que Mosqueiro está se tornando?

Fica aqui meu protesto e meu repúdio as autoridades que viram as costas para o que fazem com nossa ilha.

Não quero aqui fazer campanha de EMANCIPAÇÃO, mas é por esse e outros motivos que sou a favor de Mosqueiro virar município, para que não tenhamos que continuar enchendo os cofres de elementos que se aproveitam da desonestidade e omissão de certas autoridades, não deixando nenhum benefício para a ilha.

E o pior é que quando falamos em devastação pela extração de minério não podemos esquecer que para extrair esses minerais, antes, muitos vegetais são devastados de forma predatória. E por falar nisso, quando é que vão acabar com o desmatamento às margens do rio Mari Mari, onde serrarias clandestinas estão instaladas sem nenhum incômodo por parte das autoridades?

Nós, mosqueirenses, pedimos socorro para quem quer que seja. Não deixem nossa ilha afundar, precisamos de apoio e de seriedade.

Só para efeito de informações, não vou cansar de divulgar essa crueldade que estão fazendo com nossa " bucólica " .

Fotos: Orionn Almeida.

Fonte: DURINHO, Pedro Paulo. **Autoridades competentes fecham os olhos para a devastação de nossa Ilha de Mosqueiro.** Portal Mosqueiro. Disponível em <http://portalmosqueiro.jimdo.com/>. Acesso em 10 de dez. de 2015.

1. O que o autor do texto denuncia?

*Não quero ser infeliz com ninguém, e nem tão pouco
não quero sofrer com problemas por ser um pobre de mais \$\$\$*

2. Quais são especificamente os lugares da ilha apontados pelo autor como prejudicados pela devastação?

*Além da área de devastação ainda tem pelo menos mais
quatro na mata virgem: minha filha, primário*

3. Conforme a denúncia, o que é ilegalmente extraído de Mosqueiro?

É o lençol de Mosqueiro na ilha

4. Além dos prejuízos ao meio ambiente, qual a o outro dano sofrido pela ilha, conforme o texto?

eles tiram a água decha cheio de buracos e de

ATIVIDADE DE LEITURA

Atividade 1: vídeo:

1. Qual o nome da ponte construída?

Sebastião Rabelo de Oliveira

2. Quem era o presidente em exercício no período da inauguração da ponte?

Emeston Geisel

3. A ponte construída liga quais lugares?

entre a capital e a ilha de Mosqueiro

4. O vídeo apresenta claramente a data comemorativa de inauguração da ponte? Se sim, qual?

12 01 1976

5. No texto, é citada a construção de um obelisco, você sabe o que é isso?

acho que é a ponte

6. Você conhece o contexto político desta época? Se sim, qual era?

só sei que naquela época tinha presidente na época de 1976

7. Qual era o meio de transporte utilizado pelos moradores da Ilha para se locomoverem de Mosqueiro a Belém e vice-versa?

O transporte usado era um barco

da pista, o que dá condições de qualquer pessoa presenciar aquela ação devastadora sem poder fazer nada.

Será que nossas autoridades [...] não estão vendo em que Mosqueiro está se tornando?

Fica aqui meu protesto e meu repúdio as autoridades que viram as costas para o que fazem com nossa ilha.

Não quero aqui fazer campanha de EMANCIPAÇÃO, mas é por esse e outros motivos que sou a favor de Mosqueiro virar município, para que não tenhamos que continuar enchendo os cofres de elementos que se aproveitam da desonestidade e omissão de certas autoridades, não deixando nenhum benefício para a ilha.

E o pior é que quando falamos em devastação pela extração de minério não podemos esquecer que para extrair esses minerais, antes, muitos vegetais são devastados de forma predatória. E por falar nisso, quando é que vão acabar com o desmatamento às margens do rio Mari Mari, onde serrarias clandestinas estão instaladas sem nenhum incômodo por parte das autoridades?

Nós, mosqueirenses, pedimos socorro para quem quer que seja. Não deixem nossa ilha afundar, precisamos de apoio e de seriedade.

Só para efeito de informações, não vou cansar de divulgar essa crueldade que estão fazendo com nossa " bucólica ".

Fotos: Orionn Almeida.

Fonte: DURINHO, Pedro Paulo. **Autoridades competentes fecham os olhos para a devastação de nossa Ilha de Mosqueiro.** Portal Mosqueiro. Disponível em <http://portalmosqueiro.jimdo.com/>. Acesso em 10 de dez. de 2015.

1. O que o autor do texto denuncia?

Que as autoridades estão abandonando
mosqueiro

2. Quais são especificamente os lugares da ilha apontados pelo autor como prejudicados pela devastação?

Bairro do Ilexuna, Rodovia Augusto
Meira Filho, Bairro do Coronado, PA 392
Rua José Mariano Cabaleiro

3. Conforme a denúncia, o que é ilegalmente extraído de Mosqueiro?

A Areia

4. Além dos prejuízos ao meio ambiente, qual a o outro dano sofrido pela ilha, conforme o texto?

5. Em sua opinião, por que é feita uma comparação entre a situação da ilha de Mosqueiro e uma peneira de açaí?

No peneiro tem buracos e em mosqueiro também

6. No texto, o autor faz questão de esclarecer que não escreveu sua argumentação com a finalidade de fazer uma campanha de emancipação, mas o que ele de fato diz, na sequência, trata-se de uma aberta campanha pela autonomia da ilha de Mosqueiro ou não? Justifique.

Ele não quer, MAS ele é a FAVOR

7. Quais os argumentos usados quanto à emancipação?

8. Qual o seu ponto de vista em relação a questão da emancipação da ilha de Belém, você é a favor ou contra? Explique por quê.

Sim, SE FOR PARA o Bem de mosqueiro
em favor.

Relação entre vídeo e texto impresso

1. Sobre o vídeo e o texto impresso, você observou que os dois tratam de benefícios, malefícios ou ambos, em relação à ilha? Justifique.

Em ambos, por que

2. Existe algum elemento em comum trabalhado nos dois textos (o vídeo e o texto argumentativo)?

ACHO que é a ponte

ANEXOS

ANEXO 1- Textos: Mercado do Ver-o-Peso, Complexo Feliz Lusitância e Bosque Rodrigues Alves



Mercado do Ver-o-Peso

O Ver-o-Peso é a maior feira livre da América Latina. Está localizada na Cidade Velha, às margens da baía do Guarajá. Inaugurada em 1625, era entreposto fiscal, onde se media o peso exato das mercadorias para se cobrar os impostos para a coroa portuguesa.

Ao longo do tempo, o Ver-o-peso sofreu várias modificações visando se adaptar às necessidades e gostos da Belle Époque. Foi nessa época que houve o aterramento da Baía do Guajará, ampliação do Mercado de Carne, construção do porto e o Mercado de Ferro. O mercado faz parte de um complexo arquitetônico e paisagístico que compreende uma área de 35 mil metros quadrados, com uma série de construções históricas, dentre elas o Mercado de Ferro, o Mercado da Carne, a Praça do Relógio, a Doca, a Feira do Açaí, a Ladeira do Castelo e o Solar da Beira e a Praça do Pescador. O conjunto foi tombado pelo IPHAN, em 1997.



Complexo Feliz Lusitânia

O Complexo Turístico Feliz Lusitânia está localizado na região mais antiga de Belém e abriga o Forte do Presépio, a praça Dom Frei Caetano Brandão, a Casa das 11 Janelas, a Igreja de Santo Alexandre (Museu de Arte Sacra) e a Catedral Metropolitana de Belém.

Forte do Presépio - No Forte, além de oferecer uma vista privilegiada para a baía do Guajará, abriga o Museu do Encontro, onde estão os vestígios arquitetônicos de vários períodos da fortaleza, além de objetos de cerâmica tapajônica e marajoara.

Casa das Onze Janelas - O prédio que deu lugar à Casa das Onze Janelas foi projetado pelo arquiteto italiano Antônio Landi, no século XVIII. Nela, podemos apreciar um grande acervo de arte contemporânea, importante referencial para as regiões Norte e Nordeste. Na Sala de Ensaio Visuais, acontecem as exposições de curta duração, com base em pesquisas ou em propostas que possam provocar discussões e reflexões sobre a arte do século XXI.

O Núcleo Cultural Feliz Lusitânia está aberto à visitação pública das 10 às 20 horas. Para os espaços abertos, com vista para a Baía do Guajará, que funcionam 24 horas, o acesso é livre.

Visitação: de 3ª a domingo, das 10 às 20h. Feriados, das 9 às 13h.
 Endereço: Praça D. Frei Caetano Brandão, 117, Cidade Velha
 Telefone (91)4009.8828 / 4009.8802.



Bosque Rodrigues Alves

O Bosque Rodrigues Alves, inspirado no Bois de Bologne (Bosque de Bolonha), em Paris, é um pedaço da floresta Amazônica preservado no meio da cidade. É formado por uma floresta primária de terra firme preservada desde o final do século XIX e apresenta uma grande diversidade de espécies animais e vegetais característicos deste ecossistema.

Entre as coleções estão mais de 80 mil espécies de plantas vasculares e espécies silvestres, especialmente as que estão ameaçadas, assim como milhares de espécies cultiváveis de importância econômica e seus correspondentes silvestres. A fauna é rica de espécies regionais, abrigando animais em cativeiro e outras espécies em liberdade. Conta ainda com um aquário com várias espécies originárias da Amazônia, um orquidário, lagos, grutas, cascatas e até uma réplica de montanha.

Além disso, a Coordenadoria de Fauna recebe alunos de graduação dos cursos de Medicina Veterinária, Biologia e técnicos em Manejo de Fauna e utiliza os mesmos nas atividades de rotina e no desenvolvimento de projetos de pesquisa mais específicos. O objetivo é a análise e avaliação da biologia das espécies animais do Bosque, formação de banco de dados sobre a fauna amazônica e atividades inter-institucionais.⁸

Visitação: de 3^a a domingo, das 8 às 17h.
Endereço: Av. Almirante Barroso, 2453 - Marco

⁸ Disponível em: <<http://www.belemdopara.tur.br/atracoes-turisticas>>. Acesso em: 08 out. 2015.

ANEXO 2- Textos: uma história que completa 388 anos de cores, cheiros e sabores; Guarás do Marajó: você sabia? Pará ganha destaque em revistas e jornais de turismo internacionais; Surfistas estabelecem recorde na pororoca paraense.

Uma história que completa 388 anos de cores, cheiros e sabores⁹



lembra sorridente o comerciante.

“Eu vinha pra cá trabalhar com um primo meu, que já trabalhava aqui vendendo peixe. Naquela época o peixe era enrolado na folha, então eu ajudava a enrolar e embalar, e, fui me aperfeiçoando”, comenta. “A nossa rotina começa muito cedo. 1h da manhã a gente tem que estar levantando, para estar aqui 1h30 no máximo e comprar nossa mercadoria, para então começar nossas atividades”, explica. “Recebemos aqui tanto turistas como moradores locais e donos de restaurantes”, completa.

Na próxima sexta-feira, 27, o local de trabalho de Fernando, o Complexo do Ver-o-Peso, completa 388 anos de construção. O espaço compreende uma área de 35 mil metros quadrados, ocupados por 1.588 permissionários, distribuídos na Feira do Ver-o-Peso; Mercado de Carne (Francisco Bolonha); Mercado de Peixe, Pedra do Peixe e Feira do Açaí.

Assim como Fernando, centenas de outros trabalhadores do Mercado do Ver-o-Peso chegam ainda pela madrugada no mercado, e, além do peixe, comercializam frutas, verduras, legumes, carne, mariscos, aves vivas, farinha, comidas regionais, ervas e

⁹ Fonte: Turismo paraense. Disponível em: <http://turismoparaense.blogspot.com.br/2015/03/uma-historia-que-completa-388-anos-de.html>>. Acesso em: 06 abr 2016.

cheiros diversos, tucupi, maniva, açaí, artesanato e importados. Um universo de cores, sabores, cheiros e significados, que são oferecidos de segunda a segunda, em um dos principais bairros da capital.

Vendedor e artesão, Tomás Soares dos Santos, de 54 anos trabalha há cerca de três décadas no



mercado. Ao lado dos filhos, ele retira das vendas do artesanato o sustento de toda família. “Passo mais tempo no Ver-o-Peso do que em casa. Minha renda familiar é resultado das vendas realizadas aqui na feira, as quais permitem que pague os fornecedores, a energia da barraca e as despesas de casa”, pontua o artesão. “O Ver-o-Peso, na verdade, é tudo para nós. A feira é nosso ganha pão, nosso lazer, nosso trabalho. Quem trabalha no Ver-o-Peso, deve e tem que cuidar bem dele

para preservar este patrimônio que é nosso e será da próxima geração de cada um”, fala emocionado Tomás.

Na hora de atender um “gringo”, seu Tomás faz até mímica para não perder o cliente. “Quando chega um turista estrangeiro aqui, usamos de gestos e até mímica para tentar uma comunicação. Algumas palavras a gente até aprende com o tempo de trabalho. Eu já consigo, em inglês, dizer o preço de algumas mercadorias”, conta todo orgulhoso. “Fazemos também, antes da venda, o cálculo do dólar, pois temos que saber quanto ele está custando no dia para poder aceitar o dinheiro”, enfatiza o artesão, que conta ainda com máquinas de cartão de crédito para facilitar o pagamento.

Estima-se que cerca de 8 mil pessoas entre belemenses e turistas passem todos os dias



no espaço. Este número chega a triplicar em épocas específicas, como em outubro, no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, e, em dezembro, nas comemorações de final de ano.

Histórico

Criado com objetivos fiscais, a área foi inserida na economia formal logo após a fundação de Belém, em 1616, passando a ser conhecida como o “lugar de ver o peso”, devido à sua situação

estratégica no porto. Segundo o Levantamento Preliminar do Inventário de Referências Culturais do Conjunto Ver-o-Peso (INRC Ver-o-Peso), divulgado pelo Iphan em 2010, no decorrer do século 18 a feira presenciou aos principais eventos e acompanhou as mudanças urbanísticas que Belém sofria.

No Ciclo da Borracha, entre o final do século XIX e começo do século XX, a cidade de Belém teve grande importância comercial, principalmente para o cenário internacional. Neste período, também há mudanças urbanísticas. Importantes edificações foram erguidas, entre as quais, o Palácio Lauro Sodré, o Teatro da Paz, o Palácio Antônio Lemos e o Mercado Ver-o-Peso.

A construção do Mercado de Ferro, como inicialmente era conhecido o Mercado Ver-o-Peso, foi autorizada pela lei municipal nº 173, de 30 de dezembro de 1897, e sua edificação, com o projeto de Henrique La Rocque, teve início no ano de 1899. Toda a estrutura de ferro do Mercado foi trazida da Europa seguindo a tendência francesa de art nouveau da belle époque.

Confira a programação desse fim de semana

Programação de sexta-feira

6h30 – Alvorada com bandinha e fogos

8h00 – Celebração Culto Ecumênico

9h00 – Parabéns com a banda da Guarda Municipal e corte do bolo

9h30 às 14h00 – Ações de saúde com verificação de glicemia, pressão arterial, teste de HIV, avaliação nutricional e atendimento médico.

9h30 às 14h - Retiradas de carteiras do idoso e meia passagem para ônibus, orientação de trânsito, agendamento para passe especial e orientações sobre estacionamento para idosos.

Jogos do Ver-o-peso sábado

Os jogos em homenagem aos 388 anos do Ver-o-Peso vão reunir 120 feirantes/atletas disputando provas que mostram um pouco das atividades diárias no local que hoje abriga quase 1.600 feirantes. Serão seis equipes, batizadas de cupuaçu, açaí, pupunha, castanha do Pará e manga, com seis integrantes cada.

Além da prova do peixe, haverá ainda empilhamento e empacotamento de caixas de ovos, disputa para saber quem é o mais rápido em descascar abacaxi e castanha, o mais ágil em apanhar, debulhar e transportar o açaí da Ilha das Onças até a feira e, a prova mais esperada, quem consegue tomar um litro de açaí do “grosso”, acompanhado de camarão salgado, em menos tempo.

Os participantes devem se credenciar entre 6h e 7h30, quando as equipes serão formadas para a realização de provas inusitadas:

8h30– Prova de descamar e limpar o peixe

9h30– Descascar macaxeira

10h– Descascar castanha

10h30 – Escolha da Garota do Veropa e apresentação cultural

10h45 – Prova do açaí – Saída para a Ilha das Onças

12h – Beber açaí

12h30 – Premiação

14h às 17h – Atração musical: banda Mega Pop Show

16h - 1º Passeio Ciclístico no aniversário do Ver-o-Peso, com saída da avenida Visconde de Souza Franco seguindo pela Djalma Dutra, Pedro Álvares Cabral, Ver-o-Rio, Castilho França, Feira do Açaí, Dr. Assis, Portal da Amazônia, Tamoios, Padre Eutíquio e chegada no Ver-o-Peso.

Regata no domingo

No domingo as águas que banham o mercado vão receber uma etapa do Campeonato Paraense de Remo. A regata está prevista para começar 8h.

Guarás do Marajó: Você Sabia?¹⁰



O pássaro guará costumava ser presente em toda a região litorânea do Brasil, mas hoje sobrevivem em grande quantidade somente na Amazônia, sendo encontrados principalmente no arquipélago do Marajó, onde é possível presenciar a famosa revoada de bandos com mais de 3mil guarás vermelhos.

Mas o que poucos sabem é que os guarás marajoaras são encontrados em bandos de milhares por uma tática de defesa e sobrevivência contra os predadores naturais desta região, gambás e outras aves predadoras, como o carcará. Quando avistam o inimigo, os bandos levantam vôo em uma fuga disparada que assusta o predador, deixando no céu a revoada vermelha.

Ao contrário do que muitos pensam, o guará não é vermelho por genética. Os pássaros nascem com pelagens escuras e brancas que só se tornam vermelhas quando o animal introduz o caranguejo na sua dieta, por volta de um ano de idade. O caroteno presente nos crustáceos é absorvido pela plumagem, tornando o animal vermelho-escarlate.

¹⁰ Fonte: SETUR Secretaria de Estado de Turismo às 17:00. Disponível em: <http://turismoparaense.blogspot.com.br/2015/03/guaras-do-marajo-voce-sabia_13.html>. Acesso em: 06 abr 2016.

Pará ganha destaque em revistas e jornais de turismo internacionais¹¹



Os esforços de promoção e divulgação feitos pelo governo do Estado fizeram o destino turístico ganhar destaque em publicações internacionais

A participação do Pará em feiras internacionais de turismo pela Europa e as estratégias de promoção e divulgação utilizadas pelo governo do Estado fizeram o destino turístico ganhar destaque em diversas

revistas e jornais internacionais especializados no assunto. Foram dezenas de veículos impressos em diferentes idiomas que circularam pela Feira Internacional de Turismo de Lisboa (BTL) e pela Bolsa Internacional de Turismo de Berlim (ITB), eventos de grande porte que reúnem empresários e autoridades do turismo do mundo inteiro.

Seja em matérias ou notas, o Pará está presente na maioria das pautas de turismo dos maiores jornais e revistas internacionais. Também se destaca em catálogos de operadoras internacionais, com serviços do receptivo, principalmente em Belém, Marajó (Soure e Salvaterra) e Tapajós (Santarém, Alter do Chão e Belterra).

Com a grande procura dos europeus pelo “turismo ecológico”, a região amazônica tem ganhado grande interesse de operadores turísticos internacionais, em especial o estado do Pará, conhecido pelas belezas naturais que contemplam, principalmente, os valorizados segmentos de natureza, cultura, sol e praia, eventos e negócios.

A revista Folha do Turismo, em uma edição especial produzida para a ITB-2015 – Feira Internacional de Turismo de Berlim, trouxe uma matéria de duas páginas sobre o Pará, escrita toda em inglês. A reportagem, que circulou também na BTL 2015 – Feira Internacional de Turismo de Lisboa, destaca especialmente o turismo de natureza, valorizando a sustentabilidade do turismo paraense e citando dicas de passeios e visitas aos principais pontos turísticos em Belém, Santarém e Alter do Chão.

¹¹ Fonte: SOARES, Benigna. *Turismo paraense*. Disponível em: <<http://agenciapara.com.br/Noticia/109491/para-ganha-destaque-em-revistas-e-jornaisdeturismointernacionais>>. Acesso em: 06 abr 2016.

Já a companhia aérea TAP Portugal em parceria com o programa Visit Brasil, do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), produziu uma revista turística em alemão que contempla diversas regiões do Brasil, entre estas Belém e Marajó. Além de opções de passeio, a matéria, que circulou na revista *Impressa Brasilien*, traz também dicas de hotéis, city tour, passeios ecológicos e até as temperaturas durante o ano nas diferentes regiões.

Mercado & Eventos, Shultz Incoming Brasil: Brasil Sensacional, a revista especial da operadora portuguesa Travel&Safaris, além de catálogos turísticos em diversos idiomas, são alguns dos principais veículos que divulgaram o produto Pará de alguma forma nos últimos meses e foram ou estão sendo distribuídas durante os maiores eventos turísticos da Europa. A presença do Pará nestas matérias e reportagens internacionais é resultado direto do esforço de divulgação e promoção que o governo paraense, por intermédio da Secretaria de Estado de Turismo (Setur), tem feito para tornar o estado destino prioritário na Amazônia.

O Pará também se destaca nos catálogos promocionais de operadoras como a Mundo Abreu e a Sol Férias, entre outras que circulam na Europa, principalmente em Lisboa, onde o Pará foi representado pela Setur na BTL 2015, e na Alemanha, que recebe a ação de promoção turística na ITB de Berlim até domingo.

Surfista estabelecem recorde na Pororoca paraense¹²



Quando a pororoca deste domingo passou pelo Rio Capim, um recorde nacional foi estabelecido. Junto com ela, 19 surfistas em pé surfaram a mesma onda. A marca foi registrada em São Domingos do Capim, nordeste do Pará, e a partir de agora é um Recorde Brasileiro, homologado pelo Rank Brasil.

"Isso é inédito. É um número expressivo. A marca vai para o Rank Brasil. E agora vamos ver se esse número vai ser batido. É um recorde complexo. Contabilizei 19 pessoas em pé nas pranchas ao mesmo tempo", revela o fiscal do Rank Brasil Recordes Brasileiros, Luciano Cadari.

Para o organizador do XVII Surf na Pororoca, presidente da Associação Brasileira de Surf na Pororoca (Abraspo), Noélio Sobrinho, o número marca a história da Pororoca no Pará. "Tínhamos muitos surfistas e cada um deles foi importante para estabelecer o recorde, os que conseguiram ficar em pé e até os que não conseguiram estão de parabéns", afirma.

A marca nacional põe São Domingos do Capim na história da pororoca. "Isso é importante para a cidade porque agora a Capital Nacional da Pororoca é também a capital do recorde, parabéns para todos aqui. Estamos muito felizes de participar disso", agradeceu Ricardo Tatuí, surfista que ganhou o primeiro campeonato de Surf na Pororoca, há 17 anos.

O Mirante do Barriga - de onde o fenômeno é visto – reuniu mais de duas mil pessoas, que aplaudiram a passagem dos surfistas. “Eu nunca tinha visto, me mudei faz quatro meses para São Domingos e resolvi vir com a família toda. Deve ser muito difícil surfar nessa onda”, comentou a dona de casa Aldilene dos Anjos.

O XVII Surfe na Pororoca e XV Festival da Pororoca serão encerrados neste domingo, 22, após quatro dias de intensa programação social, cultural e esportiva, promovido pela prefeitura de São Domingos do Capim, em parceria com o Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado de Esporte e Lazer (Seel). O Surfe na Pororoca, que já foi uma competição, esse ano tenta estabelecer um recorde para ser publicado no próximo Guinness Book, a ser lançado em 2016.

¹² Fonte: Azevedo, Gabriela. Agência Pará. Disponível em: <http://agenciapara.com.br/Noticia/109989/surfistas-estabelecem-recorde-na-pororoca-paraense>. Acesso em: 06 abr 2016.

ANEXO 5- Moeda social: estratégia de consumo local

Moeda social: estratégia de consumo local¹³



Antes de qualquer coisa, vamos entender o significado de "moeda social". Também chamada de circulante local, trata-se de uma moeda complementar à moeda nacional – o real (R\$) - criada pelos bancos comunitários. O objetivo é fazer com que o dinheiro circule no próprio bairro, podendo adquirir produtos e serviços daquela comunidade, estimulando cada empreendedor a comprar de outro empreendedor local, aumentando o poder de comercialização, gerando trabalho e renda e, assim, contribuindo para o desenvolvimento local.

É importante ressaltar que uma moeda social é indexada ao real, ou seja, uma moeda social, vale um real, uma vez que para circular livremente ela precisa ser lastreada no real. Como a moeda social tem a sua circulação somente na comunidade de origem, ela ajuda a diminuir o poder centralizador da economia capitalista globalizada e promove a inclusão social.

É também um elemento essencial nas estratégias dos bancos comunitários, pois os créditos em real podem ajudar no crescimento econômico do bairro, gerando novas riquezas, mas são as moedas sociais que asseguram o desenvolvimento ao possibilitar que essa riqueza gerada circule na própria comunidade, por isso elas são tão importantes e fundamentais no desenvolvimento da comunidade.

A moeda social do Banco Comunitário Tupinambá chama-se MOQUEIO. Esse nome foi dado em homenagem à técnica que os índios tupinambás utilizavam para conservar o peixe e a caça. Foi da palavra moqueio que se originou o nome da ilha de Mosqueiro. Hoje, o Moqueio circula em toda comunidade da Baía do Sol, atingindo cerca de 96% dos empreendedores locais.

O banco Comunitário Tupinambá através do Instituto Tupinambá criou uma estratégia

¹³ Disponível em: <<http://bancotupinamba.blogspot.com.br/p/moeda-social.html>>. Acesso em 14 abr 2016.

de circulação do Moqueio, realizando oficinas sobre a moeda social e de educação financeira, principalmente para os empreendedores e mães beneficiário do Programa Social Bolsa Família do governo federal, além de divulgação de fachadas e banners nos empreendimentos locais.

Em Julho de 2013 foram realizados mais de 400 créditos e a meta é chegar até dezembro com 1.000 créditos somente em moqueio.

Fonte: Instituto Tupinambá

ANEXO 6- Baía do Sol no percurso da história

BAIA DO SOL NO PERCURSO DA HISTÓRIA



Fonte: <<http://adevaldopamplonasf.blogspot.com.br/p/historia.html>>

A Baía do Sol é a povoação mais antiga da ilha do Mosqueiro, uma vez que ali chegaram os primeiros colonizadores portugueses vindos de São Luís do Maranhão. Banhada pela baía do mesmo nome, localiza-se ao norte, em frente a Colares, a antiga ilha do sol, onde viviam aldeados os tupinambaranas.

Habitada no longínquo passado pelos morobiras, também exímios pescadores da mesma nação, possui praias largas, favoráveis aos ventos e às correntezas das enchentes, as quais eram utilizadas pelos índios, no retorno da pescaria como local apropriado para o processo de conservação do pescado, no preparo do moqueio, que consiste em assar o peixe no moquém (grelha de madeira fresca), ao calor brando da fogueira. Essa atividade indígena, também desenvolvidas nas praias do sudoeste, banhadas pela baía de Santo Antônio, fixou a denominação de ilha do Moqueio (atualmente, Mosqueiro) substituindo o registro cartográfico de ilha de Santo Antônio existente em 1666, no mapa de João Teixeira Albernaz . Praia Grande: uma das praias do Moqueio.

Nessa região denominada Província dos Tupinambás, viviam os índios há 12.000 anos, até que foram impiedosamente dizimados pelos conquistadores europeus, como os capitães Jerônimo Fragoso e Bento Maciel Parente. Embora a construção e o progresso de Belém, em

mais de dois séculos, tenham dependido da imprescindível participação nativa, tanto nas edificações quanto no abastecimento da cidade com o comércio de suas colheitas, frutas, drogas-do-sertão, mandioca, farinhas, a caça e o peixe, tão abundante nas águas do rio-mar.

O nome da povoação, hoje um bairro do Distrito de Mosqueiro, reafirma a denominação da baía formada pelo rio Pará, tão sugestiva a ponto de dizer-se que o sol nasce e morre ali, na visão de quem observa a sua frente, sobre as águas, a trajetória eterna do astro-rei, desde o seu berço na ilha do Sol até os seus derradeiros raios para as bandas do Paraíso.

Fascinados, os índios cultuavam o deus Sol, presença constante para iluminar sua faina diária, proporcionando-lhes o peixe, a caça e os frutos da terra. Primeiro aventureiro europeu a descortinar tão paradisíaco cenário, o espanhol Vicente Yánes Pinzón ali aportou em janeiro de 1.500 e, na praia, onde pôde deleitar-se com o clima tropical atenuado pelo vento norte, observou, maravilhado, a imensidão de águas doces e esbranquiçadas pelos sedimentos a quem chamou “mar Dulce”, em sua perene e titânica luta contra o avanço do oceano sobre as terras verdejantes. Estava ele na costa oriental do rio Pará, braço sul do Amazonas. Local onde se tem uma visão panorâmica da baía do sol.

Outro explorador espanhol, Francisco de Orellana, de volta ao delta amazônico em 1.545, fundeara, com certeza, sua nau na baía do Sol, entre as ilhas de Colares e do Mosqueiro. É provável ter desembarcado na praia mosqueirense, já que existe relato de sua surpresa ao constatar a abundância de peixes e frutas. É provável que Francisco de Orellana tenha desembarcado às proximidades da Fazendinha

Até o fundador da cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, Francisco Caldeira Castelo Branco, ao deparar-se, em 1.616, com a orla praiana da enseada que se abre para a baía do Sol, pensara ali instalar o primeiro núcleo de colonização portuguesa, não o fazendo pela dificuldade de desembarque das naus causada pelas enormes maresias da tarde, tão comuns naquela costa da ilha.

As terras da Baía-do-Sol foram doadas como sesmarias ao Padre Antônio Nunes da Silva, em 6 de dezembro de 1.746. Seus herdeiros, utilizando a mão-de-obra de escravos africanos, libertados somente no dia 6 de abril de 1.888, construíram e fizeram florescer sítios agrícolas tão importantes que tornaram a família Silva a mais tradicional daquela parte da ilha. Como herança, o sítio “Paraíso”, antes denominado “Santana”, coube a Fernando Silva e, depois, à família Travassos, pelo casamento de sua filha Ana Silva com o português José Travassos. O sítio “Paissandu” foi herdado por Jorge Silva, propriedade que passaria à família Pamplona pelo casamento do dono com Adelina Pamplona.

As terras em frente à ilha das Pombas, chamadas, naquela época, de Paraguai – talvez uma referência à participação paraense naquela guerra – foram requeridas por Leocádio José da Silva, que, motivado por sua devoção à Virgem Imaculada mudou o nome do sítio para Conceição. A casa Grande foi erguida em 1864 e, anexa a ela, Leocádio Silva mandou construir uma Capela para a santa, cuja licença foi concedida pelo Bispado de Belém e cuja bênção foi dada pelo padre Castilho, vigário de Benevides, no dia 10 de janeiro de 1855.

Partidário ferrenho de Lauro Sodré, Leocádio Silva foi o chefe político da mais alta expressão na Baía do Sol, na segunda metade do século XIX. Casado com Maria do Carmo Silva gerou sete filhos, os quais mantiveram a propriedade da família: Leocádio da Silva Júnior, Izabel da Silva, Mariana Augusta da Silva, Rita do Espírito Santo Silva, Antônia Paes e Silva (que, formada na Escola Normal, foi professora no primeiro Grupo Escolar do Mosqueiro) e Gabriel Arcanjo da Silva.

No extremo oriental da ilha, Tomaz Silva instalou-se nas terras que ficaram conhecidas como Fazendinha da Baía do Sol. Seu filho, Rufino Antônio da Silva, cuja prole era numerosa, iniciou a povoação do lugar e foram seus herdeiros, Raimundo Nonato da Silva, Jorge Florêncio da Silva, Etelvina Camila da Silva e Maria Venerada Trindade que no dia 20 de setembro de 1958, doaram à irmandade de São Sebastião, o terreno para a construção da nova Capela do Santo Padroeiro da localidade, substituindo a antiga erigida pela família e preservando a tradição religiosa que ali se instalara desde os primeiros tempos da ocupação. Aliás, as tradições católicas, entre as quais citamos está a festividade do Divino Espírito Santo, na praia do Bacuri. Essa comemoração religiosa teve seu início com a chegada dos jesuítas da Missão Mybira, responsável pela catequização dos indígenas da ilha do Mosqueiro.

Na Baía do Sol, duas casas religiosas se instalaram: a primeira no local denominado “Fazenda” e a segunda no “Bacuri”. Aquela tem como orago São Sebastião e esta, o Divino Espírito Santo.

Imagem 1 - Capela do Divino Espírito Santo ao longo dos anos



Fonte: <http://adevaldopamplonasf.blogspot.com.br/p/historia.html>

Imagem 2 - Capela do Divino Espírito Santo ao longo dos anos



Fonte: <http://adevaldopamplonasf.blogspot.com.br/p/historia.html>

Imagem 3 – Capela do Divino Espírito Santos ao longo dos anos



Fonte: <http://adevaldopamplonasf.blogspot.com.br/p/historia.html>

Imagem 4 – Capela de São Sebastião ao longo dos anos.



Fonte: <http://adevaldopamplonasf.blogspot.com.br/p/historia.html>

Imagem 5 – Capela de São Sebastião ao longo dos anos.



Fonte: <http://adevaldopamplonasf.blogspot.com.br/p/historia.html>

É curiosa a manifestação religiosa anual dos devotos de São Sebastião, em alegre procissão, verdadeira romaria fluvial, à base de canoas, barcaças, ubás, que se acumulam nas águas correntes da baía, levando seu protetor a abençoar a fartura piscosa dos rios.

Já no arraial da “Fazenda”, as festividades de São Sebastião se consagram entre o povo com aquela mesma sentimentalidade interiorana que se verifica em outros pontos do estado. Sempre as comemorações do dia do padroeiro ocorrem com a presença do sacerdote, regado a danças e bebedeiras, após o culto religioso, onde não faltam as rezadeiras, o pagamento às promessas e a celebração da Santa Missa. Os folguedos entram pela noite a dentro.¹⁴

¹⁴ Disponível em: <<<http://adevaldopamplonasf.blogspot.com.br/p/historia.html>>>. Acesso em: 08 out. 2015.

ANEXO 7- Mais que uma conversa (texto sobre entrevista)

Aluno(a): _____

Mais que uma conversa



Qual o objetivo de uma entrevista jornalística? Buscar, coletar informações e transmiti-las aos leitores, ouvintes ou telespectadores. É praticamente impossível produzir textos para um jornal sem que dezenas de entrevistas sejam feitas.

As entrevistas são publicadas em forma de perfil ou de entrevista pingue-pongue. Outras servem de base para a escrita de notícias, de reportagens, de artigos de opinião, que são publicados ou veiculados na mídia.

Quando se fala em entrevista devemos lembrar que não há apenas a entrevista jornalística, mas também entrevista de pesquisa de opinião, entrevista de emprego, entrevista diagnóstica realizada no consultório médico, entrevista de interrogatório policial e entrevistas coletivas concedidas por autoridades ou celebridades.

Contudo, o foco de nosso trabalho é a entrevista jornalística que possui características próprias, como por exemplo, o fato de ser uma entrevista pública que será divulgada às pessoas. Além disso, a personalidade entrevistada deve atrair o interesse de uma grande quantidade de pessoas.

Há dois tipos básicos de entrevista: o primeiro tipo é a entrevista que se concentra na pessoa do entrevistado. Busca-se focar o que a pessoa pensa, o que ela gosta, como é sua vida.

Jô Soares entrevista Tiririca



O segundo tipo é a entrevista que se concentra em um assunto, um conteúdo específico que o entrevistado domina. Nesse tipo de entrevista a vida pessoal do entrevistado não tem grande importância.

Estrutura da entrevista

Entrevistas longas costumam trazer uma introdução, uma espécie de resumo do que poderá ser encontrado na entrevista completa, que apresenta o “personagem” ao público leitor, explicando quem é ela, o que faz e por que razão está sendo entrevistada.

Entrevistas no formato pingue-pongue (pergunta-resposta) são usadas quando se quer valorizar cada palavra e cada reação do entrevistado diante das perguntas. Nesses casos, a fala do entrevistado costuma ser transcrita integralmente.

Já em entrevista em formato de perfil, o jornalista geralmente relata com suas próprias palavras o que o entrevistado falou, adaptando essas palavras sem alterar o sentido delas. Nesse tipo de entrevista, as declarações do entrevistado dignas de registro e destaque são registradas entre aspas (“”).

Para que seja possível transcrever com fidelidade uma entrevista, o jornalista precisa registrá-la de alguma maneira. Geralmente, ele escolhe entre gravar e anotar o que diz seu entrevistado, mas também pode fazer as duas coisas. Ao anotar as principais frases da pessoa entrevistada, o repórter já faz uma espécie de levantamento dos pontos mais importantes da conversa. Já a gravação exige menos da memória do entrevistador e garante maior fidelidade ao conteúdo das falas do entrevistado.

Preparando a entrevista



O entrevistador precisa fazer a “lição de casa”: precisa buscar informações sobre o assunto que a entrevista abordará. Depois de feita a pesquisa, o entrevistador anota as principais questões, ou seja, as informações que eles julgam que as pessoas teriam curiosidade de saber. Essa será sua pauta, ou seja, o guia para sua entrevista. Contudo, essas perguntas não precisam ser rígidas, como um interrogatório fechado. Um entrevistador deve conduzir o entrevistado fazendo as perguntas com naturalidade, sem que se perca a fluidez.

Uma entrevista de qualidade é composta por boas respostas e boas perguntas são conseguidas por meio de boas perguntas. Mas como fazer boas perguntas? Boas perguntas serão feitas a partir do que o entrevistador perceber que o entrevistado é capaz de responder porque domina bem o assunto em questão e isso enriquecerá o conteúdo da resposta.

A entrevista pode começar por perguntas simples, “quebra-gelo”, para iniciar o assunto que se quer desenvolver. É importante priorizar perguntas que levem o entrevistado a desenvolver mais o assunto. Mas, cuidado! Perguntas muito longas devem ser evitadas, pois o

que mais interessa é o que o entrevistado tem a dizer e não o que afirma o entrevistador. Atenção: nunca perca de vista o objetivo da entrevista!

As perguntas podem ser organizadas por temas, por exemplo: infância, trabalho, visão de mundo... o que favorece o andamento da entrevista.

Entrevistando um colega

Objetivo

Preparar uma entrevista curta de, no máximo, 5 questões com um colega. Algumas entrevistas serão apresentadas em sala.

1. Preparação

Dividam-se em duplas: um aluno será o entrevistador e o outro, o entrevistado.

2. O que perguntar?

Não tem mistério. Todo mundo tem uma história para contar ou uma qualidade pessoal para mostrar. Existem muitas possibilidades. Veja algumas abaixo:

- ✓ Talvez seu colega possa relatar um fato divertido da vida dele ou de alguém de sua família.
- ✓ Talvez seu colega já tenha viajado para outra cidade, outros lugares e possa contar algo interessante sobre esses lugares.
- ✓ Talvez seu colega seja envolvido em um projeto interessante. Quem sabe ele participe de algum grupo musical.

3. Perguntas

A partir das características selecionadas do entrevistado, prepare algumas perguntas que nortearão a conversa de vocês.

4. Entrevista

Ensaiem a entrevista ao menos uma vez antes de apresentá-la à classe. Lembre-se de que são até 5 minutos para cada dupla.

- Durante a apresentação procurem ficar à vontade.
- O entrevistador deve fazer uma rápida introdução, explicando o motivo de interesse da entrevista.
- Se durante a entrevista o entrevistado se desviar do assunto, se der respostas muito longas ou muito curtas, o entrevistador deve ter a habilidade de recolocar a entrevista “nos seus devidos trilhos”.

AVALIAÇÃO

- Na sua entrevista, tanto o entrevistador quanto o entrevistado conseguiram ficar tranquilos, à vontade?
- As perguntas geraram respostas interessantes?
- De que entrevista a “audiência” gostou mais?

Conduzindo a entrevista

Existem expressões com as quais podemos assegurar que uma entrevista siga o rumo que planejamos. Ainda que alguma improvisação possa acontecer e perguntas novas possam ser formuladas durante a entrevista, cabe ao entrevistador dirigir a “conversa” que terá com seu entrevistado. Para isso, veja algumas expressões abaixo que podem organizar a entrevista:

- Para começar...
- Em primeiro lugar...
- Iniciando nossa conversa...
- Se bem que...
- Concordo com o senhor, mas gostaria de saber se...
- Voltando assunto...
- Isso quer dizer que...
- Além disso...
- Agradecemos muito pelo seu tempo e disposição...
- Para finalizar a conversa...
- Por último...

